

**Escola Superior de Educação João de Deus**

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**Estágio Profissional I e II**

# **Relatório de Estágio Profissional**

**Ana Bárbara Marques Viçoso**

Lisboa, julho de 2012









# Escola Superior de Educação João de Deus

## Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) M<sup>te</sup> Filomena Tomaz H. Serrano Caldeira,  
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)  
licenciado(a) Ana Bárbara Marques Vaz

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) Educação,  
Pré-Escolar ..... considero que se trata  
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo  
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 11 de Julho de 2012

O(A) Orientador(a)





**Escola Superior de Educação João de Deus**

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**Estágio Profissional I e II**

# **Relatório de Estágio Profissional**

Ana Bárbara Marques Viçoso

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em  
Educação Pré-Escolar, sob a orientação da Professora Doutora  
Maria Filomena Tomaz Henriques Serrano Caldeira

Lisboa, julho de 2012





## **Agradecimentos**

Começo por agradecer ao Doutor António Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, por ter dado continuidade a esta Associação de grande tradição e assim ter tido a possibilidade de concretizar o meu sonho profissional.

De seguida, quero expressar o meu profundo agradecimento à minha orientadora, Professora Doutora M<sup>a</sup> Filomena Caldeira, que foi para mim um modelo de postura não só no relacionamento professora/aluna, mas como pessoa, e por todo o apoio, dedicação, profissionalismo e sabedoria que me transmitiu não só durante este ano de Mestrado, mas pelos três anos de Licenciatura em Educação Básica.

Um obrigada especial ao Professor Doutor José de Almeida por todas as indicações preciosas que me deu ao longo deste trabalho.

Aos meus pais e às minhas avós Manuela e Lurdinhas por todo o amor inigualável, paciência, compreensão e apoio incondicional que demonstraram ao longo destes anos.

Ao meu namorado pelo carinho, afeto e por estar sempre presente.

À minha prima Ana, à minha madrinha Cláudia e à minha amiga Diana por me terem ouvido, ajudado, e por toda a amizade provada.

À minha querida amiga, Mestre Cristina Viana, por toda a ajuda, cumplicidade e bons momentos passados nestes anos.

Muito obrigada, aos meus “pequeninos” (Mariana, Joana, Pedro, Rita, Tiago, João e Maria Leonor) por serem uma presença habitual na minha vida e por me fazerem acreditar que estou no caminho certo.

À minha colega de estágio, Liliana Gomes, por todo o companheirismo, entreajuda e dedicação demonstrada.

Um obrigada particular ao Pentágono (Daniela, Sofia, Vanda e Marta) por estes quatro anos de muito trabalho, cumplicidade, alegria e momentos partilhados.

À empresa Sumol+Compal pela disponibilização de meios para a concretização física de todos os trabalhos ao longo do percurso académico.

Para finalizar, agradeço de uma forma geral a todos os meus familiares e amigos que de uma forma ou de outra contribuíram para a minha formação académica.



## Índice Geral

Índice de Quadros .....	xii
Índice de Figuras .....	xiii
INTRODUÇÃO .....	1
1. Identificação do local de estágio .....	1
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional .....	1
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional .....	2
4. Identificação do grupo de Estágio .....	2
5. Metodologia utilizada .....	3
6. Pertinência do Estágio Profissional .....	4
7. Cronograma .....	5
CAPÍTULO 1 – Relatos Diários .....	7
Descrição do capítulo .....	9
1. <sup>a</sup> Secção: 5 anos (Bibe Azul) .....	9
1.1. Caracterização da turma .....	9
1.2. Caracterização do espaço .....	10
1.3. Horário da turma .....	11
1.4. Rotinas .....	12
1.5 Relatos Diários .....	17
2. <sup>a</sup> Secção: 3 anos (Bibe Amarelo) .....	49
2.1. Caracterização da turma .....	49
2.2. Caracterização do espaço .....	50
2.3. Horário da turma .....	51
2.4. Relatos Diários .....	52
3. <sup>a</sup> Secção: 4 anos (Bibe Encarnado) .....	76
3.1. Caracterização da turma .....	76
3.2. Caracterização do espaço .....	76
3.3. Horário da turma .....	77
3.4. Relatos Diários .....	78

4. <sup>a</sup> Secção: 2 anos (Bibe Azul-turquesa) .....	99
Descrição da semana do Seminário com a Realidade Educativa .....	99
 CAPÍTULO 2 – Planificações .....	101
Descrição do capítulo .....	103
2.1. Fundamentação teórica .....	103
2.2. Planificações .....	108
2.2.1. Planificação da área curricular de Conhecimento do Mundo .....	108
2.2.2. Planificação da área curricular do Domínio da Matemática .....	111
2.2.3. Planificação da área curricular do Domínio da Oralidade e da Escrita .....	113
 CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação .....	115
Descrição do capítulo .....	117
3.1. Fundamentação Teórica .....	117
3.2. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática .....	120
3.2.1. Contextualização .....	120
3.2.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação .....	120
3.2.3. Grelha de Avaliação .....	122
3.2.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular .....	123
3.2.5. Análise do gráfico .....	123
3.3. Avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo .....	124
3.3.1. Contextualização .....	124
3.3.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação .....	124
3.3.3. Grelha de Avaliação .....	126
3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular .....	127
3.3.5. Análise do gráfico .....	127

3.4. Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à	
Escrita .....	128
3.4.1. Contextualização .....	128
3.4.2. Descrição de parâmetros e critérios de avaliação .....	128
3.4.3. Grelha de Avaliação .....	130
3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular .....	131
3.4.5. Análise do gráfico .....	131
Reflexão Final .....	133
Considerações finais .....	135
Limitações .....	136
Novas pesquisas .....	136
Referências bibliográficas .....	137
Anexos .....	149
Anexo 1 – Proposta de trabalho do Domínio da Matemática .....	151
Anexo 2 – Proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo .....	155
Anexo 3 – Proposta de trabalho do Domínio da Oralidade e Abordagem à Escrita .....	159

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Calendarização do estágio .....	5
Quadro 2 – Planificação da Área curricular de Conhecimento do Mundo .....	108
Quadro 3 – Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática .....	111
Quadro 4 – Planificação da Área curricular de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	113
Quadro 5 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Matemática – Reunião de conjuntos .....	121
Quadro 6 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Conhecimento do Mundo .....	125
Quadro 7 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	129

## ÍNDICE DE FIGURAS

<i>Figura 1 – Sala de Aula do Bibe Azul A</i>	11
<i>Figura 2 – Horário de turma do Bibe Azul A</i>	11
<i>Figura 3 – Representação de uma situação utilizando os Calculadores Multibásicos</i>	17
<i>Figura 4 – Representação de uma situação utilizando os Calculadores Multibásicos</i>	17
<i>Figura 5 – Representação de uma situação utilizando os Calculadores Multibásicos</i>	18
<i>Figura 6 – Corpo humano, de dois alunos a serem delineados</i>	19
<i>Figura 7 – Grafismo de série</i>	22
<i>Figura 8 – Grafismo de série</i>	22
<i>Figura 9 – Grafismos de série</i>	23
<i>Figura 10 – Móvel de quarto</i>	24
<i>Figura 11 – Móvel de sala</i>	24
<i>Figura 12 – Tangram</i>	25
<i>Figura 13 – Exemplo da representação do gato</i>	25
<i>Figura 14 – Texturas</i>	27
<i>Figura 15 - Representação de figuras geométricas no Geoplano</i>	28
<i>Figura 16 – Material estruturado: Cuisenaire</i>	31
<i>Figura 17 – Alunos a amassar massa</i>	32
<i>Figura 18 – Fantocheiro elaborado pelas estagiárias</i>	34
<i>Figura 19 – Prótese e escova dentária</i>	37
<i>Figura 20 – Representação de conjuntos com Blocos Lógicos</i>	42
<i>Figura 21 – Ponte alta</i>	43
<i>Figura 22 – Ponte baixa</i>	43
<i>Figura 23 – Jogo dos comboios representado numa folha quadriculada</i>	44
<i>Figura 24 – Sala de Aula do Bibe Amarelo A</i>	50
<i>Figura 25 – Horário de Turma do Bibe Amarelo A</i>	51
<i>Figura 26 – Palhinhas</i>	52
<i>Figura 27 – Imagens móveis</i>	52
<i>Figura 28 – Borboletas em goma eva</i>	54
<i>Figura 29 – “Jogo da Pesca”</i>	55
<i>Figura 30 – Garrações com figuras geométrica</i>	56
<i>Figura 31 – Criança com olhos vendados</i>	56
<i>Figura 32 – Capas 2.º Período</i>	57
<i>Figura 33 – Tela colorida</i>	57
<i>Figura 34 – Jogo do Dominó</i>	58

<i>Figura 35 – Representação de quantidades</i>	58
<i>Figura 36 – Crianças a amassar a massa</i>	59
<i>Figura 37 – Figuras com mobília de quarto</i>	60
<i>Figura 38 – Placard com a forma de uma casa</i>	61
<i>Figura 39 – Cartões com atributos</i>	62
<i>Figura 40 – Verso dos cartões</i>	62
<i>Figura 41 – Representação de quantidades</i>	63
<i>Figura 42 – Experiência com a água</i>	64
<i>Figura 43 – Crianças a confeccionar gelatina</i>	64
<i>Figura 44 – Fantocheiro</i>	67
<i>Figura 45 – Balões</i>	67
<i>Figura 46 – Maqueta de uma escola</i>	69
<i>Figura 47 – Livro “Adoro a ...Escola”</i>	69
<i>Figura 48 – Diploma de participação dos pais nas atividades</i>	70
<i>Figura 49 – Padrões utilizando o material Cuisenaire</i>	74
<i>Figura 50 – Sala do Bibe Encarnado A</i>	77
<i>Figura 51 – Horário de turma do Bibe Encarnado A</i>	77
<i>Figura 52 – Representação de uma quantidade com o Cuisenaire</i>	78
<i>Figura 53 – Representação de uma adição</i>	80
<i>Figura 54 – Representação de uma subtração</i>	81
<i>Figura 55 – Representação de uma divisão</i>	81
<i>Figura 56 – Animal: borrego</i>	87
<i>Figura 57 – Momento da história</i>	87
<i>Figura 58 – Representação de uma divisão, utilizando cachecóis</i>	87
<i>Figura 59 – Crianças a “salpicarem” o chapéu com tintas</i>	88
<i>Figura 60 – Representação de uma situação, utilizando as Calculadoras Papy</i>	90
<i>Figura 61 – Crianças a brincar livremente</i>	92
<i>Figura 62 – “A praia”</i>	94
<i>Figura 63 – Vogais com búzios</i>	94
<i>Figura 64 – Apresentação do powerpoint</i>	95
<i>Figura 65 – Construção do helicóptero</i>	95
<i>Figura 66 – Tela personalizada com materiais reciclados</i>	96
<i>Figura 67 – Representação do Modelo T de aprendizagem</i>	106
<i>Figura 68 – Programação por capacidades e valores no âmbito da sociedade do conhecimento</i>	107
<i>Figura 69 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática</i>	123



<i>Figura 70 – Resultados da avaliação da atividade de avaliação da atividade do Conhecimento do Mundo .....</i>	<i>127</i>
<i>Figura 71 – Resultados de avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....</i>	<i>131</i>



## **Introdução**

O presente relatório insere-se no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional do Mestrado em Educação Pré-Escolar na Escola Superior de Educação João de Deus.

### **1. Identificação do local de estágio**

O estágio profissional deste ano letivo (2011/2012) foi realizado no Jardim-Escola João de Deus de Alvalade, que está situado no centro de Lisboa, na Rua Conde Arenoso. Está inserido numa zona de comércio e com transportes públicos acessíveis, existindo escolas secundárias, primárias, públicas, privadas e IPSS (instituições particulares de solidariedade social).

Quanto à organização, a escola é constituída por um recreio, um salão, salas de aula, instalações sanitárias, gabinete da direção e secretaria, cozinha, refeitório, biblioteca escolar, sala de informática, arquivo, uma arrecadação e uma sala dos docentes.

O jardim-escola tem as valências de creche, educação pré-escolar e 1.º ciclo do ensino básico. Assim, as crianças que o frequentam têm idades compreendidas entre os 6 meses e os 10 anos.

### **2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

O presente relatório estrutura-se da seguinte forma: Introdução (que inclui a identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório, a sua importância, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio profissional, e a cronologia relativa ao relatório de estágio profissional) quatro capítulos e a reflexão final. Passamos então a descrever os capítulos.

No capítulo 1 referimos a caracterização das quatro turmas, com as quais realizámos o estágio e as suas rotinas diárias, bem como os relatos diários e as devidas inferências, fundamentadas cientificamente.

No capítulo seguinte (capítulo 2), encontram-se as planificações das aulas lecionadas por mim, com as respetivas estratégias sustentadas cientificamente.

Seguidamente, no capítulo 3, encontram-se os Dispositivos de Avaliação, relativos às três áreas de conteúdo, Área de Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação (domínio das expressões: motora, plástica, dramática e

musical e domínio da linguagem oral e abordagem à escrita e domínio da matemática) e Área de Conhecimento do Mundo.

Para finalizar, no capítulo 4, faz-se a reflexão final do relatório elaborado.

### **3. Importância da elaboração Relatório de Estágio Profissional**

Para quem leciona, o registo de atividades representa muito mais do que um guia de aula ou um conjunto de tarefas desenvolvidas com a turma. Redigir sobre a prática pedagógica faz pensar e refletir sobre cada decisão que foi ou será tomada, permitindo aperfeiçoar o trabalho diário e adequá-lo de forma sistematizada às necessidades dos alunos. Desta forma, a elaboração do relatório de estágio profissional representa a concretização de objetivos pedagógicos em termos de trabalho de sala de aula e de investigação acerca das estratégias e materiais que podem guiar o trabalho docente.

A redação deste trabalho exigiu investigação, procura, leitura e pesquisa de conceitos, ideias, métodos que contribuem para a construção do conhecimento. Através do enquadramento e sustentação teórica, pudemos alargar não só os conhecimentos como também ter uma visão mais concreta e sensata sobre a prática de lecionar, contribuindo para o nosso futuro profissional.

Flores e Simão (2009, pp. 42-43) defendem que a abordagem de formação de professores deve ser “realista”. Eles afirmam que devem: ter como base situações reais, com que se deparam durante o ensino; refletir e interagir entre eles; renovação orientada; visar ações concretas, em determinadas situações; basear-se nas experiências de cada um. De acordo com essa intenção pedagógica Dewey (1968), citado por Jacinto (2003, p. 51), defende que o professor deve ser prático e reflexivo de modo a ter: abertura de espírito, aceitando outras opiniões, responsabilidade pelos seus atos, sinceridade e empenhamento na sua atividade. O professor deve “mostrar-se motivado para a renovação e para a mudança, contrariando, a rotina que, inevitavelmente, se instala”.

### **4. Identificação do grupo de estágio**

O meu grupo de estágio foi composto por dois elementos, pela minha colega Liliana Gomes e por mim. Demonstrámos bastante companheirismo, espírito de equipa e cumplicidade, discutimos diversas ideias de modo a concretizar diferentes tarefas com pertinência educativa, que se refletiu diariamente na nossa prática profissional.

## **5. Metodologia utilizada**

A metodologia usada na realização deste Relatório de Estágio Profissional baseia-se numa investigação qualitativa, na medida em que utilizámos como instrumentos de recolha de dados a observação e análise documental. Escolhemos este tipo de metodologia pois o contacto com a realidade observada foi fundamental para nós no papel de observadores, aprendizes, ou até como investigadores. Como tal, entender, interpretar e refletir sobre a prática profissional está relacionado com as diferentes formas de ensinar.

Na elaboração dos relatos diários, que foram recolhidos através da técnica de observação e que segundo Quivy e Campenhoudt (1992, p. 57) são recolhidos diversas informações, que serão “sistematicamente analisadas” numa etapa posterior.

Este relatório também se preocupa em compreender como funcionam certos comportamentos, atitudes e funções em sala de aula. Tal como menciona Sousa (2009, p. 31), a investigação qualitativa permite que “a realidade não será objectiva nem apenas uma única, admitindo-se a sua apreensão subjectiva e tantas interpretações da realidade quantos os indivíduos que a consideraram.

Ainda no âmbito da investigação qualitativa Bogdan e Biklen (1994) apresentam alguns aspetos que nos ajudam a compreender a essência deste tipo de investigação:

- i) “Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- ii) Os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo;
- iii) A investigação qualitativa é descritiva. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números;
- iv) A palavra escrita assume particular importância na abordagem qualitativa, tanto para o registo dos dados como para a disseminação dos resultados;
- v) Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva” (pp.47-50).

Em suma, para que se realize investigação é necessário um ambiente natural, onde o investigador recolha dados e estes possam também ser explicados através da palavra.

## **6. Pertinência do estágio**

A realização deste Relatório de Estágio Profissional é fundamental não só na vertente profissional, mas também na dimensão humana. Este trabalho articula a prática e a teoria informando-nos sobre a verdade educativa. Como refere Calderhead, citado por Pacheco (1995, p.38), “aprender a ensinar é um processo articulado entre a teoria e a prática e depende de um contexto prático.”

O professor é o elemento fundamental nesta articulação. Para que a sua tarefa seja bem-sucedida uma das principais funções é conhecer a criança de modo a ajudá-la a superar dificuldades e desenvolver as suas capacidades. Segundo Steiner (2000, p. 112), “o professor e educador deve ter uma ideia nítida daquilo que existe pelo facto de a criança ter estado inserida em seu meio de modo bem determinado, daquilo que se desenvolveu simplesmente pelas relações sociais.” Este autor afirma ainda, que se o educador reconhecer algo, tem sempre a possibilidade de ajudar a ultrapassar as dificuldades durante a época escolar. Para que isto aconteça, é necessário um conhecimento íntegro e uma ligação com a família.

Este estágio profissional fornece-nos uma panóplia de ferramentas não só aplicáveis no presente, mas também na vida futura como educadora, pois permite repensar formas de trabalho, ajudando-nos a trabalhar melhor. Selta (1997), citado por Serrazina (2002, p.11), refere que “os professores tornam-se realmente profissionais à medida que ensinam e refletem sobre o ensino”. Nesta perspetiva, o papel de formador não se centra “tanto em ensinar” mas sim em “facilitar a aprendizagem, em ajudar a aprender”. (Schon, referido por Alarção, 1996, p. 18) Assim, devemos observar as diversas realidades educativas e tentar adequar com diversas metodologias e estratégias a aprendizagem das crianças.

## 7. Cronograma

O período de estágio decorreu entre 27 de setembro de 2011 a 22 de junho de 2012.

No cronograma (Quadro 1), que se apresenta, de seguida, visualiza-se como foi organizado o tempo destinado em cada seção.

**Quadro 1 – Calendarização do estágio**

	Setembro				Outubro				Novembro				Dezembro				Janeiro				Fevereiro				Março				Abril				Maio				Junho				Total de Horas
Semanas Atividade	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	
Aulas observadas																																									336
Aulas programadas																																									5
Aulas surpresa																																									1
Reuniões de Prática Pedagógica																																									15
Seminário de Contato com Realidade Educativa																																									35
Pesquisas bibliográficas																																									
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional																																									





# **CAPÍTULO 1**

## **Relatos Diários**



## **CAPÍTULO 1 – Relatos Diários**

### **Descrição do capítulo**

Neste capítulo serão descritas as práticas observadas durante o período de estágio com as devidas fundamentações teóricas. O mesmo está dividido em cinco secções.

Na primeira secção está relatada a caracterização da turma do bibe azul (5 anos), bem como o espaço, rotinas, horário e os relatos diários com respetivas inferências; as restantes secções seguem, a mesma estrutura, em que são descritos os relatos dos bibes encarnado (4 anos) e amarelo (3 anos) respetivamente.

Irão surgir, ao longo dos relatos, figuras, quadros ou cronogramas relacionados com as atividades praticadas.

### **1.ª Secção**

**Período de estágio:** de 27 de Setembro a 16 de Dezembro de 2011

**Faixa Etária:** 5 anos

**Bibe:** Azul

**Turma:** A

**Professora Cooperante:** Sofia

#### **1.1. Caracterização da turma**

O grupo de crianças do bibe azul é constituído por 25 crianças, sendo 15 do sexo feminino e 10 do masculino.

A escola insere-se numa zona de forte crescimento demográfico, e é a turma que tem menos alunos, em relação às restantes turmas que têm mais do que 25 alunos.

Em termos etários, a composição da turma revela-se homogénea. No início do ano letivo as idades oscilavam entre os 4 e os 6 anos. Até ao final do ano, todos completarão os 5 anos.

Quanto ao núcleo familiar podemos analisar, para obter uma melhor caracterização do contexto em que os meninos estão inseridos, algumas variáveis como o nível académico, socioeconómico a estrutura dos familiares com quem vivem.

Todos os pais são licenciados e com um nível de vida médio – alto.

Quanto ao núcleo familiar com que vivem os alunos da turma, verifica-se que a maioria vive com o agregado familiar original (pai, mãe e eventuais irmãos) e uma

minoria com apenas um dos progenitores ou com um dos progenitores e a família de um segundo casamento.

A nível das aprendizagens, a turma tem 4 alunos bons e os restantes são médios, existindo alguns fracos. Nesta turma existe um caso de uma criança com PHDA. Esta tem dificuldade em estar sossegada e de prestar atenção, realiza atividades diferentes dos colegas e na maioria dos casos não as termina. Tem dificuldade em se relacionar com os pares, brincando muitas vezes sozinha.

## **1.2. Caracterização do espaço**

A sala do Bibe Azul A tem um espaço com tamanho adequado ao número de alunos.

Tem estiradores e cadeiras alinhados aos pares, permitindo que se circule pela sala de aula. Esta disposição facilita bastante a circulação da professora, quando esta se verifica situações de aprendizagem.

Ao longo das paredes estão distribuídos trabalhos realizados pelos alunos. Por cima do quadro encontra-se os alfabetos maiúsculo e minúsculo, os dias de aniversário dos alunos, bem como uma estante com materiais e livros para uso diário. Existem cabides com a identificação de cada aluno. A professora titular vai modificando a decoração da sala ao longo do ano letivo. Esta situação vem ao encontro do que defende Zabalza (2000, p. 53), citando Pol e Morales (1998): O educador (a) não pode conformar-se com o meio tal como lhe é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve a sua tarefa, torná-lo seu, projectar-se, fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se.

Na sala há uma Cartilha Maternal, em tamanho grande, que se encontra ao lado dos quadros, em cima de uma pequena secretária. Este elemento de aprendizagem faz parte do quotidiano dos alunos. Viana (2001), citado por Ruivo (2009, p. 119) afirma que “a utilização do livro grande, cuja leitura facilita o apontador com o dedo, permite que a criança facilmente se dê conta da direcionalidade da escrita e da leitura.”

Mas, também não podemos esquecer o que afirma Zabalza (1998, p. 156) quando este diz que “um ambiente atrativo, rico em sugestões” e variado permite que a criança se desenvolva pessoalmente e realize as atividades educativas com maior interesse e participação.



*Figura 1 – Sala de aula do Bibe Azul A*

### 1.3. Horário

O horário semanal da turma consiste na organização do tempo letivo do grupo. Contempla diferentes atividades, que as crianças realizem.

#### Inferências

As Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar (2007, p. 40), afirmam que o tempo letivo deve ter uma “distribuição flexível”, num determinado período de tempo. Apresenta-se o horário do bibe azul na figura 2.

<b>Horas:</b>	<b>segunda-feira</b>	<b>terça-feira</b>	<b>quarta-feira</b>	<b>quinta-feira</b>	<b>sexta-feira</b>
<b>9h10 – 9h40</b>	Música	Matemática	Leitura e escrita	Matemática	Leitura e escrita
<b>9h50 – 10h30</b>	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita
<b>11h – 12h</b>	Matemática	Leitura e Escrita	Informática	Educação Física	Matemática
<b>12h – 13h</b>	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
<b>13h – 14h</b>	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
<b>14h10 – 15h20</b>	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Matemática	Conhecimento do Mundo	Estimulação à leitura / Jogos / Grafismos em série
<b>15h30 – 16h30</b>	Trabalho de Grupo	Inglês	Expressão Dramática	Expressão Plástica	Assembleia de Turma
<b>16h40 – 17h</b>	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

*Figura 2 – Horário de turma do Bibe Azul A*

## **1.4. Rotinas**

### **Acolhimento**

O acolhimento matinal é feito no salão das 8 horas até as 9 horas e 30 minutos. É realizado todos os dias com alunos, educadoras, professoras e estagiárias que cantam diferentes canções.

Este acolhimento é feito em roda, onde as crianças estão organizadas por idades, Bibe Amarelo (3 anos), Bibe Encarnado (4 anos) e Bibe Azul (5 anos). A disposição da roda cresce em idades do centro para a periferia. Na maioria dos casos, os alunos vão sugerindo canções, dando oportunidade as todas as idades para escolher um tema, normalmente terminam este acolhimento com o Hino João de Deus.

### **Inferências**

Segundo Cordeiro (2007, p. 371), o momento do acolhimento deve ser “mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio, é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela escola.”

No que respeita à aprendizagem de novas canções o mesmo autor (2007, p. 373) afirma que “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, desenvolver a motricidade grossa, interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e contemplar a noção de espaço e de tempo.”

### **Higiene**

A higiene faz parte do dia-a-dia das crianças. Estes momentos estão presentes pelo menos 5 vezes diárias, no início da manhã, antes e depois do recreio, bem como antes e depois das refeições.

É essencial nestes primeiros anos de vida, a criança criar hábitos de higiene para se tornar independente.

### **Inferências**

Cordeiro (2007, p. 373) afirma que a higiene é um “momento deveras importante”. Segundo o mesmo autor, este momento varia muito da criança para criança, havendo um elo em comum: o desenvolvimento da autonomia. A criança sente “o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo e aprende “que depois das actividades ou de fazer xixi, as mãos devem ser lavadas” (Cordeiro, 2007, p. 373).

## **Recreio**

O recreio é realizado em espaço exterior. É uma zona composta por espaços abertos e por espaços com uma cobertura. Quando as condições atmosféricas são adversas, os alunos restringem-se àquele espaço coberto. Realizam um intervalo a meio da manhã e outro após o almoço.

### **Inferências**

Como refere Cordeiro (2007):

o recreio é um espaço da maior importância. Nesta idade, o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos (p. 377).

Os momentos de recreio têm a presença de, pelo menos, duas educadoras ou professoras, que vigiam esses intervalos, em que as crianças brincam descontraidamente ou em jogos organizados.

## **Almoço e lanche**

O almoço é servido por voltas das 12 horas na sala de aula.

O lanche da manhã é fornecido ou na sala ou no recreio, por volta das 10 horas e 30 minutos. Normalmente as crianças comem pão com manteiga ou bolachas.

### **Inferências**

A hora da refeição, segundo Cordeiro (2007, p. 373), do ponto de vista de socialização, serve para criar uma maior autonomia, passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeitar o ritmo de grupo, e a variações pessoais de cada criança.

## **Áreas de Conteúdo**

Em consonância com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 14), a Área de Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação e Área de Conhecimento do Mundo são áreas curriculares.

**Área de Formação Pessoal e Social** - Esta área é de enorme interesse não só para as crianças, mas também para educadores, pais, etc. É nesta área que o aluno é integrado pessoalmente e socialmente no ambiente escolar. De acordo com o Ministério da Educação (1997):

(...) a Organização do Ambiente Educativo e a área de Formação Pessoal e Social têm uma íntima relação pois é através das interacções sociais com

adultos significativos, com os seus pares e em grupo que a criança vai construindo o seu próprio desenvolvimento e aprendizagem (p.49).

Esta área reúne todas as outras áreas pois está relacionada com a forma como as crianças se relacionam consigo mesmas, com os pares e com tudo o que as cerca, provocando o desenrolar de valores e atitudes, e atravessando as restantes áreas com os devidos domínios.

**Área de Expressão e Comunicação** – Segundo o Ministério da Educação (1997, p. 56) esta área “engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e o progressivo domínio de diferentes formas.” Dentro desta área salientam-se quatro domínios. Na Expressão Motora, o corpo constitui o elemento fundamental no qual a criança vai explorar e perceber as suas capacidades ao longo de todo o crescimento. Na Expressão Dramática, as crianças criam uma forma de se associarem às situações do meio que as envolve. Ao contactarem com outros e com elas mesmas, as crianças criam condições de comunicação verbal e não-verbal. O uso de materiais, como os fantoches e as sombras chinesas, concebem-lhes a possibilidade de “fazerem de conta” e de expressarem situações do quotidiano. Por sua vez, a Expressão Plástica está relacionada com a Expressão Motora, uma vez que há um controlo da motricidade fina. As técnicas de pintura, desenho, digitinta, rasgagem, recorte e colagem são desenvolvidas na educação pré-escolar. Por fim, a Expressão Musical explora os sons e os ritmos que a criança vai produzindo e sabendo identificar com apoio às características do som: intensidade, altura, timbre, duração. Para posteriormente ter a capacidade de produzir parcelas sonoras.

No Domínio da Linguagem oral e Abordagem à Escrita “pretende-se acentuar a importância de tirar partido do que a criança já sabe”, havendo assim um contacto com as várias funções do código escrito. Na linguagem oral, cabe ao educador “criar um clima de comunicação em que a linguagem do educador, ou seja, a maneira como fala e se exprime, constitua um modelo para a interação e a aprendizagem das crianças.” (Orientações Curriculares, 2009, p. 66)

O Domínio da Matemática pretende criar noções matemáticas a partir das experiências do quotidiano. A estruturação destas noções matemáticas baseiam-se nas vivências do espaço e do tempo, nos princípios lógicos, na classificação, formação de conjuntos, seriação e ordenação, criação de noção de número, encontrar e formar padrões, utilização de materiais e por fim resolver e debater situações problemáticas. (Orientações Curriculares, 2009, pp. 73-78)



**Área de Conhecimento do Mundo** – Segundo Siraj-Blatchford (2005, p. 46), a área do Conhecimento do Mundo, na Educação de Infância, procura alargar a informação e toda a compreensão que está inerente ao “mundo físico e biológico” e encaminha-as de modo a desenvolver formas seguras de descoberta. Este autor refere que “as actividades lúdicas diárias e o meio ambiente que as rodeia oferecem oportunidades ricas e variadas para aprender e tirar partido do interesse que as crianças pequenas manifestam pelo mundo fora.” Por fim, aponta como finalidades para esta área: ajudar as crianças nas suas interações com o mundo, por exemplo, em relação à saúde e segurança ou no que diz respeito a fazer funcionar certas coisas ou a tomar conta de seres vivos; estimular o pensamento crítico, o respeito pela evidência e a preocupação com o ambiente; desenvolver atitudes positivas e abordagens à aprendizagem e ajudar os alunos a aprender a aprender.

### **Atividades Curriculares**

**Educação Musical** – A música permite às crianças momentos de prazer e de satisfação para a mente e para o corpo facilitando a aprendizagem e também a socialização das mesmas. É lecionada por um professor especializado e tem a duração de 30 minutos semanais. Esta atividade é privilegiada por Cordeiro (2007, p. 318) que afirma “(...) habituar as crianças a viver com a música – ela será um dos maiores factores protectores, um guarda-chuva para as grandes tempestades da contrariedade e da frustração, um agente libertador para os momentos de alegria e satisfação.”

**Educação Física** – É uma atividade lecionada por um professor especializado na área, com a carga horária de 1 hora semanal.

Segundo Cordeiro (2007, p. 434), “as aulas de ginástica são importantes, porque permitem começar a pautar o exercício segundo regras de desenvolvimento ósseo, articular e muscular.” A atividade desenvolve também a flexibilidade e a coordenação mente -corpo de uma forma estruturada. Este autor (p.434) acrescenta que “o desporto representa uma actividade fundamental para o crescimento e o desenvolvimento harmonioso, bem como para o equilíbrio mental e psicológico.”

Para Neto (2003, p. 226), “o jogo infantil pode ser entendido como assimilação da realidade, como comunicação social, como solução de conflitos, como sensação de fluidez e como acção intrínseca motivada.”

**Expressão Plástica** – Esta atividade contempla no horário de turma e tem a duração de 1 hora. A exploração livre dos meios de expressão plástica contribui não só para despertar a criatividade e a imaginação do grupo, como lhes permite o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de superfícies.

A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são de extrema importância.

**Expressão Dramática** – Esta atividade tem a duração de 1 hora. Esta tem como objetivo dotar as crianças duma capacidade mental para que possam desenvolver competências físicas, pessoais, relacionais, cognitivas, estéticas e técnicas, de forma a que sejam, sozinha e ou em grupo, capazes de inventar e de transformar aquilo que as rodeia, com sentido crítico e positivo.

**Inglês** – Esta atividade tem a duração de 1 hora no jardim-escola e, é lecionada por um professor especializado.

Hoje em dia, com a globalização, cada vez mais, é necessário a prática de uma segunda língua. A língua inglesa é considerada uma língua universal e falada internacionalmente e como tal, a maioria das escolas opta pela prática desta.

**Informática** – Esta atividade tem a duração de 1 hora. A sala para esta atividade está equipada com um computador para cada duas crianças. Durante este tempo, as crianças são orientadas por um professor e segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002):

as novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente. A utilização de meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário (p.72).

## 1.5. Relatos Diários

**Terça-feira, 27 de setembro de 2011**

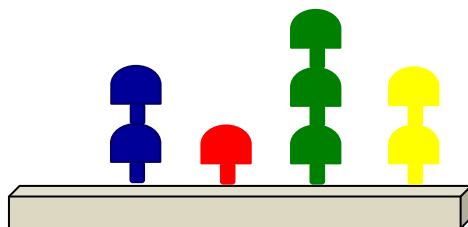
Depois de regressarem do acolhimento matinal, os alunos sentaram-se nas suas carteiras, retiraram as atividades da capa e realizaram as mesmas. Trabalharam o grafismo das vogais e da consoante **vê (v)**, e rasgando pedaços de papel de lustro colaram na vogal a.

Pequenos grupos de alunos tiveram lições de Cartilha Maternal para reverem as vogais e a letra **vê (v)**.

Durante a realização das atividades, fui solicitada para apoiar uma aluna não só no reconhecimento das vogais, como no grafismo.

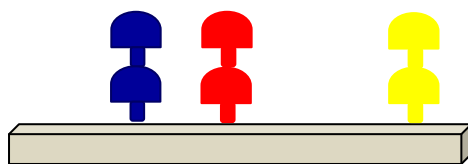
Posteriormente, e já no regresso do intervalo, os alunos fizeram uma abordagem inicial ao material estruturado: Calculadores Multibásicos. A educadora verbalizou regras de como se trabalha o material, e também relativas à postura das crianças dentro da sala de aula. Durante a atividade a educadora recorreu a estratégias de retorno à calma.

Ela realizou o jogo das torres. A educadora ditou a cor das peças e referiu que seriam colocadas da direita para a esquerda, conforme se vê representado na figura 3.



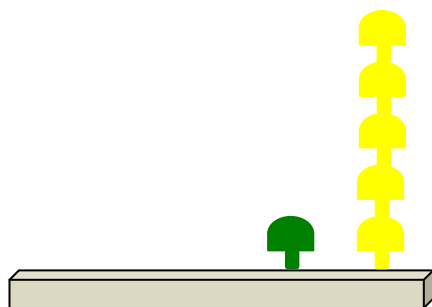
*Figura 3 – Representação de uma situação utilizando os Calculadores Multibásicos*

Disse que cada peça tem o seu lugar na placa. De seguida, pediu que lessem a placa, e perguntou qual a torre mais alta. Ao verificarem que era a Torre 3, a educadora explicou que não podemos ter torres com 3 ou mais peças. Os alunos verificaram, que apenas a torre das peças verdes estava incorreta. Assim, retiraram as peças verdes e colocaram uma encarnada. Mostro, na figura 4, uma das representações utilizadas.



*Figura 4 – Representação de uma situação utilizando os Calculadores Multibásicos*

Na figura 5 está representada outra situação que se fez nos Calculadores.



*Figura 5 – Representação de uma situação utilizando os Calculadores Multibásicos*

A educadora ditou mais uma situação e perguntou qual era o número de peças que estava representado em maior quantidade. Depois questionou qual era a cor que representava a menor quantidade na placa.

### **Inferências**

As crianças necessitam de rotinas. Nos primeiros anos de vida sentem-se mais seguras se as situações acontecerem de um modo regular e se souberem o que se segue. A repetição e a ordem tranquilizam-nas. As rotinas diárias e a ordem uniforme em que se produzem ajudam-nas a estruturar o tempo, pois segundo Zabalza (1998):

As rotinas atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia (p.52).

É difícil criar situações nas quais a educadora esteja disponível apenas para uma criança. Mas quando acontece e dispõe de ajuda de estagiárias criou condições agradáveis de ajustamento à criança e de aprendizagens. Zabalza (1998, p. 53) afirma em relação à situação de aprendizagem que “é o momento da linguagem pessoal, de reconstruir com ela os procedimentos de ação, de orientar o seu trabalho e dar-lhe pistas novas, de apoiá-la na aquisição de habilidades ou condutas específicas.”

A leitura e a escrita são duas ações que estão ligadas uma à outra, de tal forma que quem pratique a leitura, terá uma escrita mais fluente. Segundo Contente (1995, p. 27), os alunos ao fazerem uma leitura bem estruturada vão despertando para uma percepção da estrutura frásica, lexical e criativa do texto. Esta autora refere ainda que ao longo da escolarização as sucessivas avaliações serão feitas através da escrita e que para ter sucesso escolar o ponto de partida é a escrita.

Os Calculadores Multibásicos são um material manipulativo composto por placas com cinco furos onde são colocadas peças de cores diferentes. É bastante

apelativo para os alunos devido às cores, à facilidade com que se pode trabalhar e às suas diversas funções. Segundo Nabais (s. d., p. 61) “com este simples material é fácil a concretização dos vários capítulos da aritmética, em especial das operações e do cálculo elementar”.

De acordo com o Ministério de Educação (2006, p. 34) a manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvem formas pessoais de expressar e representar a realidade.

### **Sexta-feira, 30 de setembro de 2011**

O dia foi iniciado com uma atividade de expressão plástica. A minha colega Liliana ficou a orientar um grupo que devia pintar livremente uma folha preta com tinta branca. Eu orientei os alunos que estampavam as suas mãos pintadas de tinta na folha branca, formando o corpo de um ouriço. O resto da turma trabalhou individualmente o grafismo da letra **vê (v)**.

As crianças estavam sentadas numa roda, verbalizando o que sabiam acerca do tema tratado: o corpo humano. A educadora recordou as 3 partes do corpo, explicou que todos somos diferentes: nos olhos, na cor do cabelo, (...). Explicou que existem pessoas que apesar de serem cegas, aprendem a ler através do Braille. Alertou para que todos tivessem o cuidado de lembrar os pais para irem ao oftalmologista.

De seguida, as crianças realizaram uma atividade em conjunto, na qual um aluno e uma aluna foram delineados numa folha de papel cenário. Posteriormente, desenharam os elementos do rosto, do tronco e dos membros. Na figura 6, mostro um dos momentos dessa atividade.



*Figura 6 – Corpo humano, de dois alunos a serem delineados*

## **Inferências**

Aos 5 anos, as crianças já se organizam, e ficam atentas às formas e cores. Tal como afirma Rodrigues (2002, p. 40), “com a prática continuada, a criança é capaz de pintar com pincéis grossos em grandes superfícies, movimentando o braço e o antebraço; ao revelar maior cuidado na escolha das cores, que aplica com a sensibilidade, está naturalmente atenta ao efeito visual”.

Por outro lado, a elaboração de desenhos e pinturas pode demonstrar facetas do foro psicológico e emocional da criança, como tal, é importante que os professores e familiares estejam atentos aos desenhos infantis, na medida em que se poderá entender e perceber angústias e problemas que se passam na vida da criança.

Relativamente a esta prática, no contexto de sala de aula, Santos (1989) afirma que:

(...) da expressão livre ou espontânea da criança em que a personalidade pouco a pouco se revela através de diversos meios expressivos, corporais e instrumentais, até ao domínio da expressão “artística”, no limiar da necessidade de comunicação com outrem, início do diálogo onde a arte já aflora, criatividade (p.45).

As crianças apresentam diferentes características e desenvolvimento quanto à diferença entre crianças, o Decreto-Lei n.º 3/2008 sustenta que deve existir um sistema educativo que “permita responder à diversidade de características e necessidades de todos os alunos que implicam a inclusão das crianças e jovens com necessidades educativas especiais no quadro de uma política de qualidade orientada para o sucesso educativo de todos os alunos”, visando desta forma, a igualdade de oportunidades entre crianças.

### **Segunda-feira, 3 de outubro de 2011**

A manhã de atividades iniciou-se com a aula de música. O professor deu uma breve noção de pauta musical, falando de exemplos de instrumentos musicais. Ao som da flauta, os alunos cantaram músicas tradicionais.

Seguidamente, a educadora distribuiu fichas de trabalho escrito. Seguiram-se as lições de Cartilha Maternal. Durante este período apoiei uma aluna portadora de PHDA, transtorno de défice de atenção, hiperatividade e distúrbios de aprendizagem (baixo nível de cognição). Durante esse tempo tentei trabalhar a perceção da linguagem, exercícios de contagem, e identificação.

Depois de trabalharem a área de Estimulação à Leitura, os alunos trabalharam o Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire*. Em virtude de estarem a iniciar o

contacto com este material, a educadora optou por realizar leituras por cores e por valores; fazer decomposição os números e realizar o jogo das estações.

### **Inferências**

Relativamente à aula da música julgo ser uma atividade que contribui para o desenvolvimento sensorial das crianças uma vez que estas precisam de se sensibilizar para o mundo dos sons, pois, é através do órgão auditivo que elas contactam com os fenómenos sonoros. Quanto maior for a sensibilidade das crianças para o som, maior será o potencial das suas descobertas auditivas. Para além disto o treino auditivo também desenvolve a memória, a atenção e a criatividade.

De acordo com esta ideia a definição do conceito de música de Faria (2001), citado por Ongaro e Silva e Ricci, que diz que esta é um importante fator na aprendizagem. Este autor refere, que a música “está presente na escola para dar vida ao ambiente escolar e favorecer a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação.” (<http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>)

As lições de Cartilha Maternal são realizadas diariamente, nesse momento as crianças dialogam com a professora sobre a lição. Tal como afirma Ruivo (2009, p. 118), “cada lição está impregnada de informação para o professor e a partir das palavras escolhidas para cada lição é possível ensinar a ler, desde que o professor domine toda a informação (...)” Por sua vez, esta autora (2009), refere que esta lição é:

curta e diária que a criança vivencia em pequenos grupos e num espaço de tempo reduzido mas suficiente para a aprendizagem da regra, da letra, do som que lhe permite ir crescendo em conhecimento, que associado a outros anteriores a fazem consolidar a aprendizagem da lição (p.119).

Em relação à criança com PHDA, penso que é crucial existir ajuda e acompanhamento individual. Visto a turma ser constituída por 25 alunos torna-se difícil por parte da educadora prestar dum auxílio personalizado a esta criança. Com o intuito de minimizar as consequências negativas desta situação, Lamas (2011, p. 35), citado por Barkley (2000), sugere algumas práticas, tais como: o estabelecimento de regras precisas e com consequências claras; evitar uma linguagem de confronto e crítica frequente e o elogio generoso dos comportamentos adequados.

Durante a atividade de iniciação à Matemática pude observar que os alunos manuseavam as peças do *Cuisenaire* com alguma destreza, bem como respondiam às perguntas da educadora sem dificuldade. Com certeza o facto de utilizarem este material com frequência determina a preparação dos alunos para trabalharem com o

mesmo. No entanto, gostaria de salientar que os alunos pareciam entusiasmados ao interagir com o material realizando os exercícios propostos.

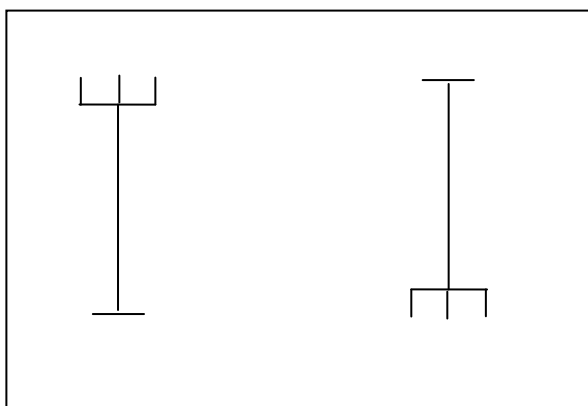
De facto o material *Cuisenaire* foi criado por Georges Cuisenaire, com o objetivo de diminuir as dificuldades que as crianças demonstravam em aprender a aritmética de modo que foi criado para as crianças e feito para estas o investigarem através da exploração.

É um material constituído por um conjunto de barras paralelepédicas coloridas que variam de tamanho e de cor, que correspondem a uma determinada numeração (de 1 unidade a 10 unidades) de fácil de manuseamento. Segundo Caldeira (2009, p. 126), este material estimula a criatividade e a experimentação das crianças, a autora, citando Serrazina (1990, p. 1), refere que “(...) estudantes que utilizam os materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados, que os que não o fizeram, pois os alunos são indivíduos activos que constroem, modificam e integram ideias a interacionar com o mundo físico, os materiais e os colegas.”

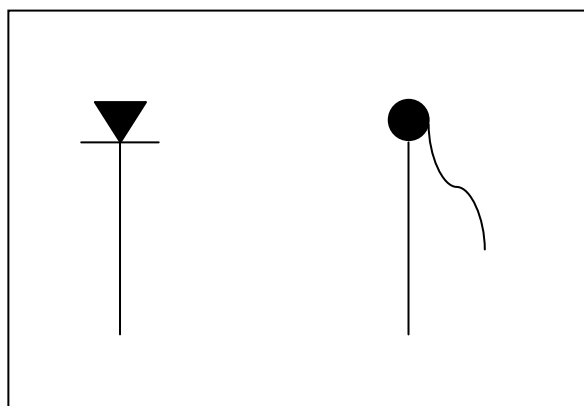
#### **Terça-feira, 4 de outubro de 2011**

O dia foi iniciado com as habituais lições de Cartilha Maternal. Os alunos que não estavam a participar nas atividades da leitura junto da educadora, realizavam nos estiradores de forma individual um exercício de escrita: construir palavras com letras móveis no flanelógrafo.

Posteriormente, a turma realizou grafismos de série. A educadora ia dando as indicações para que todos desenhassem na folha branca. Nas figuras 7, 8 e 9 podem verificar-se os exemplos trabalhados em aula.

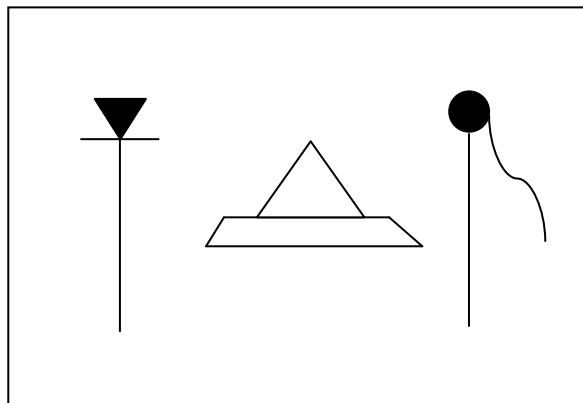


*Figura 7 – Grafismo de série*



*Figura 8 – Grafismo de série*





*Figura 9 – Grafismo de série*

### **Inferências**

A utilização de grafismos em série é uma das metodologias possíveis para o treino das orientações espaciais dos alunos. Durante o trabalho individual, as crianças realizaram a atividade consoante o seu ritmo de aprendizagem, tal como refere Pacheco (1999, p. 169), os ritmos de aprendizagem assentam no seguinte pressuposto: “os alunos mais lentos necessitam de mais tempo para aprender e os mais rápidos de menos.”

O trabalho pedagógico desenvolvido durante este dia tem por base princípios construtivistas, ou seja existe uma iniciativa por parte da criança, que a conduz à construção de uma compreensão própria, através da sua interação com pessoas e ideias.

As crianças adquirem o conhecimento experimentando, escolhendo, explorando, manipulando, praticando e transformando, aprendendo assim ativamente. Neste sentido, a metodologia utilizada promove a aprendizagem pela ação, em que a criança é o principal agente do seu desenvolvimento e o educador tem um papel de apoiante e criador de desafios.

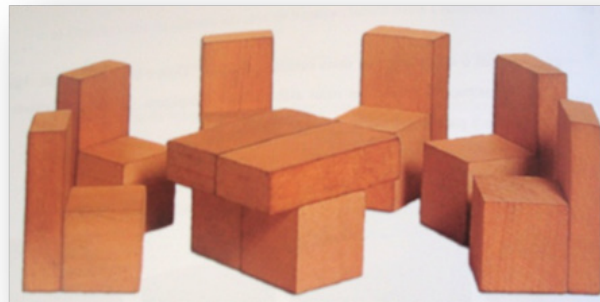
### **Sexta-feira, 7 de outubro de 2011**

Os Dons de Froebel foram o material escolhido para iniciar a manhã. Os alunos trabalharam o 3.º e 4.º Dons em simultâneo. A educadora lembrou as regras de utilização e os alunos exploraram a forma das peças que compõem o material. A educadora falou pela primeira vez dos conceitos vértice e aresta. Como se pode observar nas figuras 10 e 11 realizaram-se as construções da mobília de quarto (cama, roupeiro, mesas de cabeceira) e da mobília de sala (cadeiras e mesa).

Seguidamente, executaram duas fichas de trabalho.



*Figura 10 – Mobília de quarto*



*Figura 11 – Mobília de sala*

### **Inferências**

Ao trabalhar e desenvolver exercícios utilizando o 3.º e 4.º Dons de Froebel, a educadora promove a exploração e representação ativa dos seus alunos. Caldeira (2009, p. 238) refere que neste material “as teorias de Froebel sobre a instrução são baseadas na unidade da divina natureza, de modo que o desenvolvimento sensorial é um princípio fundamental, e que segundo a pedagogia froebeliana, a criança “deve ser livre para explorar, escolher, questionar e agir.”

Como afirma Caldeira (2009, p. 240), Os “Dons” são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento integral da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias.

Como referem, Moreira e Oliveira (2003, p. 33), atividades que envolvem construções específicas, permitem que as crianças explorem as propriedades de objetos a três e a duas dimensões, progredindo assim na aprendizagem da matemática. A realização das construções em três dimensões ajuda os alunos a treinarem a motricidade fina, a atenção, a concentração e a coordenação óculo-manual.

### **Segunda-feira, 10 de outubro de 2011**

A educadora começou por travar um diálogo com a turma sobre o fim-de-semana. Fazendo algumas perguntas acerca das suas rotinas e passeios. De seguida, a educadora pediu-me que ajudasse os alunos que escreviam no quadro as letras **jê (j)** e **vê (v)**. Enquanto alguns alunos realizavam exercícios escritos outros realizavam exercícios de leitura.

Na área de Iniciação da Matemática, a educadora orientou uma atividade com o material Calculadores Multibásicos durante a qual realizou uma revisão do jogo das torres. Realizou operações de adição e recordou o sinal de  $>$  (maior) e  $<$  (menor).

### **Inferências**

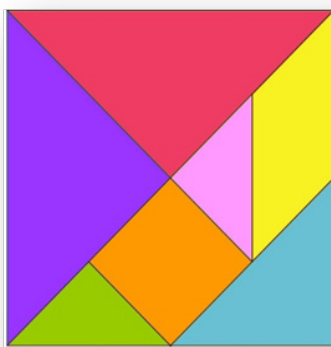
Julgo que o ato de dialogar na sala de aula em que se sentiu harmonia e equilíbrio, contribuiu para a relação positiva entre professor e aluno. Muitas vezes a criança precisa de se sentir apoiada para poder transpor aquilo que sente. Como afirmam Hohman e Weikart (2011, p. 66), “aprender a confiar e a acreditar no apoio de um grupo de pessoas exteriores ao grupo familiar constitui um importante passo em frente do desenvolvimento da criança.”

Em relação às operações, Ruas e Grosso (2002, p. 74) referem que a adição é “a operação mais simples e simultaneamente mais frequente é a que resulta de juntar, reunir, adicionar, acrescentar ou efectuar qualquer outra acção do tipo cumulativo.”

### **Terça-feira, 11 de outubro de 2011**

O dia foi iniciado com uma atividade de Iniciação à Matemática. As crianças utilizaram o material *Tangram* (figura 12). Visto ser um material novo para os alunos, estes exploraram-no livremente. Seguidamente construíram a figura do gato e realizaram a picotagem e colagem da mesma (figura 13).

No regresso do recreio, os alunos sentaram-se no chão e a educadora fez uma revisão sobre o sentido do paladar. Além de referir a importância das papilas gustativas, mencionou as zonas da língua onde se sente o amargo, o doce, o salgado e o azedo e a importância da língua (ajuda-nos a falar e a tornar os alimentos mais pequenos).



*Figura 12 – Tangram*



*Figura 13 – Exemplo da representação do gato*

## **Inferências**

Segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010, p. 137) referem que o *Tangram* é um puzzle formado por 7 peças: “um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um triângulo médio e dois triângulos grandes geometricamente iguais.”

O material estruturado *Tangram* como afirma Caldeira (2009, p. 398) tem um valor educativo que “reside no exercício da concentração e no estímulo à investigação e à criação”. Com este material pode realizar-se uma multiplicidade de formas e como tal, os alunos tiveram uns breves minutos para o manusear e explorar livremente. Como refere Clements (1999), citado por Moreira e Oliveira (2003, p.48), “as ideias das crianças desenvolvem-se a partir das suas intuições enraizadas na acção através do fazer, desenhar, mover e perceber.” Ou seja é essencial que os alunos trabalhem as suas percepções de acordo com a ação manipulativa, considero portanto que a atividade desenvolvida nesta manhã possibilitou às crianças a exploração e a descoberta não só do material em si, mas das diferentes formas e imagens que este pode assumir.

Relativamente à aula de conhecimento do mundo julgo que estas atividades conferem às rotinas de sala de aula um importante veículo de conhecimento do mundo que rodeiam as crianças e desenvolvem a linguagem no que diz respeito aos conceitos. Tal como afirma Martins (2009, p. 12), com o passar dos anos, “a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o mundo que as rodeia”. Esta curiosidade é desenvolvida e ampliada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo (Orientações Curriculares, 1997 p.79).

### **Sexta-feira, 14 de outubro de 2011**

A manhã começou com a aula de Conhecimento do Mundo sobre texturas. A educadora utilizou um material formado por placas que se visualiza na figura 14. As placas eram formadas por diversas texturas. As crianças verbalizavam o que sentiam através do tato e explorando conceitos como: macio, áspero, ondulado e liso. A educadora verbalizou sobre o nosso maior órgão, a pele.

Neste dia, os alunos do jardim-escola tiveram oportunidade de participar numa feira do livro (montada no ginásio do jardim-escola). Os alunos do bibe azul puderam percorrer a feira, manusear um livro e escolher um exemplar para comprar.



*Figura 14 – Texturas*

## **Inferências**

A iniciativa de realizar uma feira do livro na escola de promover o gosto pela leitura. Uma vez que a motivação face à leitura começa a desenvolver-se desde muito cedo é essencial que as crianças tenham contacto com os livros e com o mundo das histórias.

As crianças relacionam-se com o texto escrito e apercebem-se da sua função e interesse. Mata (2008, p. 75) afirma que “atitudes e motivações são, em grande parte, reflexo de experiências positivas e funcionais que tiveram em torno da leitura.” Esta autora seleciona 3 dimensões nos perfis motivacionais para a leitura: prazer da leitura, o valor e importância da leitura e o autoconceito de leitor.

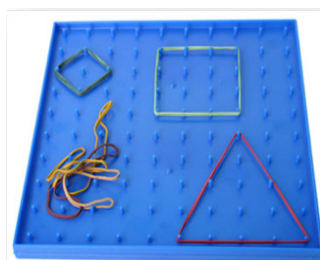
É fundamental e necessário, uma interação prematura das crianças com livros literários de qualidade, “particularmente no que diz respeito ao desenvolvimento e domínio de uma competência literária” (Azevedo, 2008, p. 75).

É esta competência literária que possibilita ao leitor criar um diálogo com o texto, conhecer e relacionar-se com obras modelares da literatura presente e passada e desenvolver hábitos de leitura ao longo da vida (Azevedo, 2008, p. 75). Ainda este autor afirma que “é igualmente desta interacção que advém a conquista de um pensamento crítico e divergente, a aberturas a novos mundos e horizontes, um novo olhar sobre o Outro, e, obviamente, um contacto próximo com a língua, num estado de elevada criatividade.”

## **Segunda-feira, 17 de outubro de 2011**

O Geoplano foi o material escolhido para lecionar a aula de Iniciação à Matemática, com a qual se iniciou a manhã. Visto ser a primeira vez que o trabalhavam, a educadora referiu o nome do material e explicou como o podia manusear utilizando os elásticos para fazer figuras geométricas. Os alunos

relembrou o nome das figuras geométricas que se podem visualizar na figura 15 segundo as representações realizadas.



*Figura 15 - Representação de figuras geométricas no Geoplano*

### **Inferências**

Segundo Damas *et al.* (2010, p. 87), o Geoplano é um material estruturado constituído por um tabuleiro e pregos, que estão a uma determinada distância, para que se possa prender elásticos de várias cores.

Durante a atividade de Iniciação à Matemática, os alunos treinaram algumas capacidades essenciais ao pensamento matemático tais: coordenação psicomotora; representação mental; criar figuras e modifica-las. Julgo que a utilização deste material se apoia em regras e orientação de qualquer modo é imprescindível que os alunos possam criar as suas próprias ilustrações até porque, segundo Damas *et. al* (2010, p.87) “estas actividades favorecem o conhecimento do material e o desenvolvimento da coordenação psicomotora.”

As autoras Moreira e Oliveira (2003, p. 45) referem-se, nos seus estudos acerca do interesse das crianças pelos jogos matemáticos que os conceitos sobre as formas geométricas começam a formar-se durante o período pré-escolar e estabilizam por volta dos seis anos, sendo, por isso, oportuno trabalhar sobre formas entre os três e os seis anos de idade. Afirmam também que o uso do Geoplano que o “conhecimento geométrico intuitivo” das crianças, se desenvolve quando elas dobram, criam, copiam, desenharam ou traçam formas.

### **Terça-feira, 18 de outubro de 2011**

Neste dia, a educadora falou sobre a constituição do ouvido, dando relevância aos três ossos mais pequenos que o constituem, falou também do percurso do som desde a sua emissão até chegar ao ouvido, mostrando uma imagem da mesma. De seguida realizou uma experiência, na qual os alunos, através da audição, tinham que

identificar o instrumento avariado. Para terminar, realizaram o jogo do telefone estragado (dizendo um segredo ao ouvido do amigo do lado e verificando, no final, se a mensagem tinha sido passada com sucesso). A educadora alertou os alunos para a importância da ida regular ao otorrinolaringologista e ter determinados cuidados de higiene.

### **Inferências**

Durante esta aula pode verificar-se nas crianças um grande entusiasmo e vontade de verbalizar sobre o assunto tratado. A prática de dialogar e tratar temas do conhecimento do mundo vai ao encontro do que está escrito nas Orientações Curriculares (2007, p. 81): “a área de conhecimento do mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê.” De acordo com o mesmo livro a curiosidade é algo que é desenvolvida e ampliada na educação pré-escolar “através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo.”

A par da experiência de sensações e verbalização das mesmas, o educador deve promover outras estratégias pois tal como vem designado nas Orientações Curriculares (1997, p. 85), “a sensibilização à metodologia experimental é apenas uma das estratégias que aponta para a tomada de consciência, reflexão e espírito crítico a desenvolver através desta e de outras áreas.” Portanto, face à diversidade de temas desenvolvidos na área de Conhecimento do Mundo, o educador deve “escolher criteriosamente quais os assuntos que merecem maior desenvolvimento, interrogando-se sobre a sua pertinência, a sua potencialidade educativas, a sua articulação com outros saberes e as suas possibilidades de alargar os interesses do grupo e de cada criança” (Orientações Curriculares, 1997, p. 85).

### **Sexta-feira, 21 de outubro de 2011**

A manhã foi iniciada com a atividade de Iniciação à Matemática e a educadora optou por utilizar o material: Blocos Lógicos, a partir do qual se exploraram: as cores, as formas e as espessuras das várias peças. A educadora abordou o tema: conjuntos e referiu que para delinear um conjunto é necessário utilizar uma linha fechada que se chama linha fronteira. Mencionou ainda o conjunto vazio, o conjunto singular e o símbolo de cardinal (sinal que identifica o número de elementos de um conjunto).

A educadora solicitou que eu e a minha colega fizéssemos a dramatização de uma história. A história escolhida intitulava-se de “A princesa que não gostava de

sopa”. Executámos um pequeno cenário com tecidos, utilizámos fantoches e os alunos assistiram à peça sentados no chão.

Para terminar a manhã, a educadora leu a história “Lagarto Celestino”. As crianças iam participando, realizando os vários sons que decorriam ao longo da história. No final da mesma, as crianças realizaram um exercício de desenvolvimento da linguagem e vocabulário dizendo palavras que rimavam com lagarto.

### **Inferências**

A dramatização de histórias e a participação das crianças no conto das mesmas pode constituir uma tarefa que ajude as crianças a representarem e manifestarem as suas experiências. Como explicam Hohmann e Weikart (2011, p. 476), as crianças ao expressarem as emoções através das representações criativas, desenvolvem um sentido de investimento pessoal no seu trabalho e brincadeira, as crianças de 4/5 anos sentem necessidade de criar os seus próprios símbolos como substitutos para os objetos e experiências reais, portanto “ao fazer-de-conta, fazer reproduções, pintar e desenhar, as crianças pré-escolares constroem os seus próprios textos e imagens e tornam-se conscientes de si próprias como actoras e construtoras de imagens.”

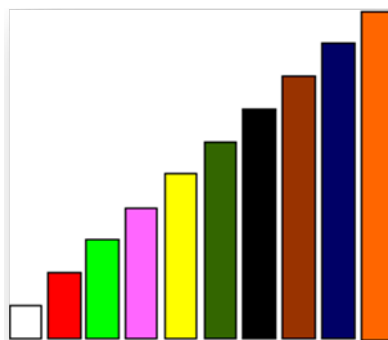
Para além dessa faceta o contacto com as histórias e com os livros permite às crianças trabalhar as palavras e enriquecer o campo lexical. Como menciona Mata (2006):

o desenvolvimento da literacia começa antes de a criança iniciar uma instrução mental. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura, em contextos informais, tais como a sua casa e a comunidade. As crianças desenvolvem um trabalho crítico e cognitivo sobre a literacia desde muito cedo e não somente aos 6 anos (p.18).

### **Segunda-feira, 24 de outubro de 2011**

O dia foi iniciado com a atividade de Iniciação à Matemática com o material *Cuisenaire* (figura 16). A educadora realizou uma pequena revisão sobre os valores e as cores das peças, apelando à capacidade de memorização dos alunos. De seguida, através de situações problemáticas realizou uma subtração, fazendo a sua representação através das peças. Por fim arrumaram o material segundo as regras estabelecidas.





*Figura 16 – Material estruturado: Cuisenaire*

### **Inferências**

Por norma a revisão das cores das peças e seus valores é feita como abordagem inicial. No entanto, se a educadora perceber que a criança não reconhece essas características deve continuar a fazê-lo. Segundo Caldeira (2009, p. 128), citando Alsina (2004), “as crianças devem memorizar o valor de cada barra, já que é importante que se habituem a nomear as barras não pela cor, mas sim pelo valor.”

A arrumação da caixa é uma tarefa que as crianças realizam aquando da sua utilização e que constitui uma parte importante da atividade uma vez que, para além de trabalharem a organização, as crianças aprendem também a agrupar e sequenciar. A arrumação das peças na caixa não é imediata, uma vez que os reservatórios são muito idênticos, daí a criança ter que experimentar. Como refere Caldeira (2009, p. 129), “as crianças podem ordenar e atender a aspectos com a propriedade cor, tamanho. Podem assim fazer a correspondência cor/número, gradualmente.”

Os exercícios realizados na área da Iniciação à Matemática contribuíram para estruturar o raciocínio das crianças pois a educadora colocou algumas questões que as levaram a pensar e a representar, como vem referido nos Princípios e Normas para a Matemática Escolar (2007, p. 213) em que as tarefas que envolvem os alunos na resolução de questões estimulam os mesmos a refletir e a comunicar e podem surgir das experiências dos próprios alunos ou de contextos matemáticos.

### **Terça-feira, 25 de outubro de 2011**

A manhã iniciou-se com uma aula de Conhecimento do Mundo. A educadora fez uma breve explicação sobre todo o processo de fabrico de farinha, a educadora enumerou todos os ingredientes, amassou-os e distribuiu um pouco de massa para que todos pudessem manusear a mesma. De seguida, juntaram chouriço e levaram a massa a cozer no forno. Depois do almoço os alunos degustaram o pão (figura 17).

Posteriormente, a educadora com quatro alunos dramatizou a história do Capuchinho Vermelho: em que ela era o narrador e os alunos as restantes personagens.



*Figura 17 – Alunos a amassar massa*

### **Inferências**

A confeção dos alimentos é uma tarefa de enorme importância para crianças do pré-escolar, não só por alertar os alunos para hábitos alimentares saudáveis e regras de higiene na preparação dos alimentos, mas também por ser um momento lúdico e divertido, que muitas vezes ajudam as crianças a gostar e apreciar certos alimentos.

Nunes e Breda (2001, p. 11) identificam como objetivos da educação alimentar destinada às crianças em idade pré-escolar, a criação de atitudes positivas face aos alimentos e à alimentação e a promoção do desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis.

No momento da história as crianças tiveram oportunidade de brincar ao "faz de conta", de se colocarem no papel de um animal. Quando apresentadas em harmonia e de acordo com a espontaneidade das crianças estas atividades podem ser um instrumento que permite a exteriorizar as suas vivências e emoções. Como afirmam Hohmann e Weikart (2009, p. 68), este tipo de interações leva as crianças a fazer de conta, a desempenhar diversos papéis, a brincar com a linguagem, a construir relações, tanto com crianças como com adultos e a expressar criatividade através do movimento.

**Sexta-feira, 28 de outubro de 2011**

Este dia foi iniciado com a atividade de Iniciação à Matemática, utilizando os Calculadores Multibásicos, as crianças realizaram o jogo das bases. A educadora utilizou material não estruturado no quadro e os alunos usaram as próprias peças. Fizeram a representação gráfica com imagens e numérica através da operação com números.

Neste dia a equipa de Professoras da Prática Pedagógica solicitaram a alguns alunos aulas surpresa.

Eu pude assistir à aula de matemática lecionada pela aluna Ana. Embora a professora tenha solicitado uma aula abordando a divisão com os Calculadores Multibásicos, a aluna pediu para abordar a subtração.

Depois das aulas surpresa todos os estagiários participaram na reunião com as Supervisoras para a avaliação das aulas lecionadas.

### **Inferências**

O jogo das bases nos Calculadores Multibásicos é um jogo que tem como objetivo auxiliar os alunos a entenderem o funcionamento do sistema decimal. Tal como Caldeira (2009, p. 201) refere “no jogo da base 10 a criança compreende e trabalha a leitura e a escrita dos números no nosso sistema decimal”.

Em relação à aula surpresa da minha colega tenho a referir que não foi uma aula conseguida. Por razões que se prendem com a sua postura, não estava alegre e a sua expressão facial pouco variava e apesar de ter circulado pela sala, não verificou se os alunos tinham as indicações corretas. A maioria dos alunos estava distraída e sem realizar o que lhes era pedido. Para além da sua postura, as estratégias também foram insuficientes uma vez que era importante ter criado situações problemáticas e usar o quadro para assim captar a atenção e evitar erros por parte dos alunos.

Ao longo da Reunião de Prática Profissional foram discutidas diversas estratégias a aplicar durante as aulas. O cariz destas reuniões tem sobretudo a ver com a formação das estagiárias enquanto futuros profissionais da educação. Neste sentido o orientador tem um papel preponderante durante o percurso de formação de um professor. Segundo Jacinto (2003), o orientador desempenha o papel de:

conselheiro, de facilitador do autodesenvolvimento do estagiário, criando para tal um ambiente caloroso em que o professor em formação se sinta seguro para se expor, expressar livremente as suas dificuldades, motivações pessoais, potencialidades e competências, num sentimento de bem-estar para consigo próprio e por conseguinte para com os alunos (p.61).

A mesma autora (2003, p. 63) afirma também que “a intervenção do orientador necessita de ser consistente, continuada e diversificada, de forma a perspectivar as acções do estagiário em termos de passado, presente e futuro, conducentes a uma interpretação integrada e não isolada das suas experiências pedagógicas” de modo a auxiliar o estagiário a evoluir na sua aprendizagem e assim melhorar características como: a postura; as estratégias que utiliza; a comunicação oral e a relação com os alunos.

### **Segunda-feira, 31 de outubro de 2011**

Neste último dia do mês, as educadoras e professoras encontravam-se em sistema de *roulement*. E em virtude de anteceder um feriado, foi um dia livre sem atividades estipuladas previamente.

Foi solicitado ao grupo de estagiárias que realizasse atividades lúdicas. Reunimo-nos e decidimos fazer a dramatização de uma história (A bruxa e o Donald) e uma atividade de expressão plástica: moldagem em massa branca de figuras alusivas ao dia das bruxas. Construámos os fantoches e o cenário que se pode visualizar na figura 18 e a dramatização foi apresentada para as turmas do ensino pré-escolar (cujos alunos têm idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos).



*Figura 18 – Fantocheiro elaborado pelas estagiárias*

### **Inferências**

As atividades lúdicas são de extrema importância na educação pré-escolar, pois permitem que o aluno socialize, promovendo a criatividade e proporcionando momentos agradáveis. Como refere Maluf (2008, p. 21), a atividade lúdica “é toda e qualquer animação que tem como intenção causar prazer e entretenimento em quem a pratica”. Aquela autora (2008, p. 22) refere que as atividades impulsionam o conforto

psicológico da criança e é durante estas atividades que a criança se expõe, apreende conhecimentos e cria a sua realidade.

### **Sexta-feira, 4 de novembro de 2011**

Este dia foi iniciado com uma atividade de Iniciação à Matemática e pela primeira vez os alunos treinaram a operação da divisão, com o material Calculadores Multibásicos. A educadora referiu que, quando se trabalha a divisão não importa a cor das peças. Através de situações problemáticas e de imagens que representavam o divisor e o dividendo, os meninos exercitaram esta operação. Fizeram a representação numérica no quadro. No final, os alunos escreveram as operações numa folha quadriculada.

Posteriormente abordaram o tema dos planetas. A educadora explicou o aparecimento do Universo, pela teoria do Big Bang. O uso de um livro didático mostrou aos alunos o aspeto exterior dos planetas, satélites, o Sol e a Lua. A educadora também mostrou uma *maquete* dos planetas que ajudou a completar a informação.

### **Inferências**

Os alunos poderão recorrer à utilização de objetos concretos e problemas com enredo, envolvendo, geralmente, a distribuição equitativa para estruturar o raciocínio da divisão.

Como refere Caldeira (2009, p. 224), a operação da divisão é a única operação em que “desaparecem algumas convenções próprias” do material Calculadores Multibásicos. Como afirma a mesma autora (2009, p. 224) “as crianças podem utilizar as cores que quiserem e numa fase posterior devem utilizar outras placas unidas pelas extremidades.” Durante esta fase inicial, o professor deve trabalhar pré-conceitos da divisão, o que na linguagem de Serrazina (2008, p. 32) quer dizer que esses “conceitos são trabalhados com materiais concretos, resolvidos inicialmente por contagem e, mais tarde, através de relações entre os números” e que “a linguagem oral começa a preparar o caminho para a estrutura multiplicativa relacionando os números de um modo diferente da estrutura aditiva.”

Em relação ao conhecimento ao mundo e toda a ciência associada, Martins (2009, p. 12) aponta algumas razões a favor da educação em ciências: i) as crianças gostam de descobrir e tentar analisar a natureza e tudo o que observam no quotidiano, ii) utilizar uma linguagem científica adequada a crianças pode ter influência no aperfeiçoamento de conceitos científicos, iii) esta exposição precoce às ciências leva a um crescimento da capacidade de pensar cientificamente. O que nos leva a querer

que as crianças, por mais pequenas que sejam sentem curiosidade em entender e/ ou explorar o que as rodeia e portanto cabe ao educador proporcionar momentos, utilizando materiais e imagens que possam satisfazer essa curiosidade. Também a linguagem usada pelo educador é um fator importante nestas descobertas e o contacto que as crianças têm com os assuntos do conhecimento do mundo pode determinar e incrementar a sua forma de pensar cientificamente, mesmo que só mais tarde, as crianças consigam verbalizar as suas aprendizagens.

### **Segunda-feira, 7 de novembro de 2011**

Neste dia lecionei duas áreas de conhecimento: a Área de Conhecimento do Mundo; e Área de Expressão e Comunicação: Domínio da expressão plástica. Uma vez que a turma teve aula de música durante o primeiro momento da manhã, lecionei o Domínio da Matemática no dia 11 de novembro.

Na Área de Conhecimento do Mundo, lecionei o conteúdo prevenção dentária. As crianças visualizaram uma prótese dentária e uma escova. Falei sobre a dentição de leite comparando-a à dentição definitiva; Questionei os alunos acerca da diferença do número de dentes das duas dentações (de leite e definitiva), pedi a um aluno que fosse ao quadro realizando a operação; expliquei a função e o nome dos três tipos de dentes, e ainda a importância e a função da substância esmalte; por fim, demonstrei a técnica de lavagem dos dentes e mostrei objetos de limpeza bucal como o fio dentário, o líquido bucal, escovas de tamanhos adequados às idades. Todos os meninos manusearam o material e alertei, ainda, para a importância de visitas regulares ao dentista.

Posteriormente levei os alunos até ao ginásio, dividi-os em duas equipas para realizar um jogo: os alunos tinham que selecionar as imagens e separar as alusivas ao tema tratado na aula anterior. No final do jogo corrigimos os erros encontrados.

Depois de regressarem do recreio, os alunos pintaram duas imagens relacionadas com o tema, recortaram-nas e montaram um molde de uma caixa, colocando-as nas faces da mesma. Esta caixa tinha como objetivo guardarem os seus dentes de leite. Mostro na figura 19, os modelos utilizados, para as demonstrações.



*Figura 19 – Prótese e escova dentária*

### **Inferências**

Só quando nos deparamos com situações concretas e realizamos atividades com as crianças é que nos apercebemos de algumas dificuldades que surgem ao tentarmos comunicar e explorar temas. O uso da linguagem é uma delas, como refere Lomas (2003, p. 32), “a responsabilidade dos professores (...) é dupla: afecta, por um lado, o seu próprio uso da língua e, por outro, a sua atitude perante a variedade linguística que o aluno traz para a escola.”

O professor tem de adaptar a linguagem que usa ao nível de entendimento dos alunos, à sua faixa etária e à sua riqueza de vocabulário. Como tal e visto estarmos perante crianças de 5 anos é essencial que atividades, das quais depende um nível de compreensão e uma área vocabular rica, sejam frequentes e antecedidas de histórias, conversas e visualização de imagens que ajudem os alunos a alargar os seus conhecimentos, o seu vocabulário e a sua compreensão. O que queremos dizer é que deve ser gradual evoluindo de forma a que quando exploram os temas os alunos devem ir desenvolvendo e conhecendo vocábulos e conhecimentos que possam relacionar. Esta estratégia facilita a comunicação oral com os alunos e permite que o professor controle dificuldades que aconteçam durante as atividades que leciona.

O início precoce do hábito de higiene oral visa a criação de uma rotina, que quando adequadamente executada tenderá a prolongar-se como um hábito e dificilmente será modificado. Desta forma, nunca é de mais alertar para a higiene e cuidado oral durante o período escolar. Segundo Cordeiro (2007, p. 147), “os dentes adultos saudáveis começam com dentes de leite saudáveis.”

Considero importante e positivo ter feito uma ligação entre o Conhecimento do Mundo e o Domínio da Matemática. A interdisciplinaridade, quando utilizada de forma harmoniosa, tende a aproveitar os momentos de interesse dos alunos para trabalhar a treinar capacidades que estes revelam noutras áreas do conhecimento. Para além de aproveitar os momentos de interesse dos alunos a interdisciplinaridade também favorece a capacidade de relacionar, tal como acrescenta ao conhecimento dos alunos

sobre um tema específico, curiosidades e saberes que fomentam a aprendizagem. Como refere Fourez, Maingain e Durfour (2002, p. 25), “a interdisciplinaridade é utilizada para abarcar uma gama de práticas, na realidade, diferenciadas. Têm em comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares.”

Durante a realização do jogo, as crianças além de porém à prova a sua atenção, também exercitaram o exercício físico. Os jogos favorecem o desenvolvimento motor das crianças em idade pré-escolar e não é por acaso que fazem parte das suas rotinas. Para Silva (1997, p. 78), “a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global (...) de modo a permitir que todas as crianças e cada uma aprendam a utilizar e a dominar o seu próprio corpo”, também para Borges (1987, p. 44) um equilíbrio correto é a base primordial de toda a coordenação dinâmica geral.

### **Terça-feira, 8 de novembro de 2011**

Neste dia participámos numa visita de estudo. O bibe azul com as respetivas educadoras e estagiárias rumaram até ao Clube Estefânia para assistir ao teatro “ O Guardião dos sonhos”.

“O Guardião dos sonhos” relatava uma história sobre sonhos e a capacidade de sonhar, ao longo do espetáculo houve interação entre as crianças e os atores.

### **Inferências**

O teatro estimula o aluno no seu desenvolvimento mental e psicológico. Mas apesar disso, o teatro é arte, arte que é essencial não apenas ao nível pedagógico, mas também como uma atividade artística que tem as suas características. Como refere Reverbel (1989) “o teatro tem a função de divertir instruindo, é uma verdade que ninguém pode contestar, pois seria negar-lhe a própria história”.  
[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629\\_639.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf)

Segundo Almeida (1998,p. 53-54), “(...) fazíamos melhor se despendêssemos menos tempo com livros e mais tempo ao ar livre (...)”. Para este autor, citando Baillet, “nada pode substituir a saída por mais sofisticada que seja o material usado nas aulas.”



**Sexta-feira, 11 de novembro de 2011**

Iniciei a manhã com a atividade do Domínio da Matemática com o objetivo de explorar a teoria de conjuntos. Relembrei algumas regras de sala de aula e pedi aos alunos que explorassem o material não estruturado entregue: escovas de dentes. Os alunos também realizaram contagens. De seguida, relembrei o conceito linha fronteira e solicitei às crianças que representassem um conjunto. Posteriormente, formulei situações problemáticas, envolvendo as operações de adição e subtração, utilizando os algarismos móveis. O quadro serviu para representar o modelo correto e deste modo orientar os alunos.

A minha colega Liliana lecionou as três áreas do conhecimento: Área de Conhecimento do Mundo, Domínio da Matemática e Estimulação à Leitura. Iniciou as suas atividades com a área de Conhecimento do Mundo, durante a qual abordou o tema O Castanheiro. A estagiária e os alunos tiveram uma breve conversa sobre o dia de São Martinho, sobre a castanha e a árvore que dava o fruto. Através de imagens explorou a altura, a largura e a cor dos castanheiros, bem como alterações que sofram nas diferentes estações do ano. Para finalizar, levou folhas de castanheiros, ouriços e castanhas.

No regresso do intervalo, a estagiária abordou o Domínio da Matemática. Explicou que dividir é partilhar, distribuir, repartir e distribuiu pelos alunos o material não estruturado e algarismos móveis. Através das imagens, das castanhas e dos desenhos animados *Smurfes*, criou situações para treinarem a divisão, mostrou o sinal de dividir e fez a representação da indicação e da operação.

Para terminar a manhã, na área de Estimulação à Leitura, com o auxílio de sombras chinesas a estagiária contou a lenda de São Martinho.

### **Inferências**

Quando preparei a minha aula tinha como principal objetivo trabalhar com os alunos a adição e a subtração. Pensei que a utilização dos algarismos e sinais móveis pudessem ajudar a entender as operações. No entanto, a estratégia que apliquei não foi a mais eficaz. A disposição dos algarismos e das imagens não foram as mais corretas. Apesar de as crianças terem percebido o que lhes era pedido, deveria ter diversificado a linguagem que empreguei pois percebi que alguns alunos demonstraram dificuldades em concretizar os exercícios.

As aulas da minha colega foram bem conseguidas e os objetivos foram alcançados. Tal como eu, poderia ter feito uma melhor gestão, muitas vezes a motivação e entusiasmo dificultam o controlo do tempo. Quanto à aula de

Conhecimento do Mundo, a Liliana foi concisa e focou os itens fundamentais do tema. No Domínio da Matemática explicou de forma diversificada os conceitos científicos.

Por fim, na Estimulação à Leitura utilizou uma técnica bastante dinâmica e apelativa para contar a história.

### **Segunda-feira, 14 de novembro de 2011**

A manhã foi iniciada com o treino de grafismo de letras, e apesar de todos o realizarem, cada aluno demonstrou ter um ritmo próprio.

De seguida, a educadora solicitou que eu e a minha colega lecionámos as lições do **l (lê)** e do **o = u**, respetivamente, tendo como material de suporte a Cartilha Maternal.

Para terminar, através de grafismos em série, criámos situações problemáticas relacionadas com os mesmos.

### **Inferências**

Mesmo numa atividade orientada para o grande grupo, as crianças revelam ritmos e capacidades diferentes de aprendizagem. Como refere Mata (2006, p.18), “o processo de aprendizagem das crianças sobre a escrita possa ser descrito através de determinadas etapas, as crianças podem passar por estas etapas de modos diferentes e de idades diferentes.”

É importante que o professor conheça as capacidades dos alunos para ajudar a conseguir alcançar metas e objetivos de acordo com as suas capacidades e deste modo ajudar os alunos a evoluírem no seu processo de aprendizagem. Deste modo, com base em Piaget, Aranão (1996, p. 12) referem a importância do professor conhecer e respeitar o nível intelectual em que cada criança se encontra, deve ter a finalidade de não propor atividades que ela não consiga executar.

Em relação ao processo de aprendizagem da leitura, Sim-Sim (2006, p. 141) afirma que ler é “um processo complexo e moroso que requer motivação, esforço e prática por parte do aprendiz e explicitação por parte de quem ensina”, desta forma, cabe ao professor actualizar as suas competências e os seus conhecimentos a nível pedagógico” (Sachs, citado por Simão e Flores, 2009, pp. 100-101).

É fundamental o acordo entre atividades promotoras da consciência fonológica, com atividades de correspondência letra-som, para que haja perceção e maior compreensão do alfabeto do sistema de escrita. Segundo Sim-Sim (2006, p. 142), os alunos terão “ganhos mais significativos na aprendizagem da leitura, quando

as atividades não aparecem descontextualizadas, mas incorporadas e alimentadas em contextos e situações de escrita.”

### **Terça-feira, 15 de novembro de 2011**

Este dia foi marcado pelas comemorações do centenário da escola mais antiga João de Deus e como tal a educadora falou sobre a vida deste escritor e pedagogo.

Nesta manhã os alunos confeccionaram uma *pizza* individualmente, cada um escolhia os ingredientes e colocava na base (previamente preparada pela educadora). No período da tarde, todos comeram a sua *pizza*.

Seguidamente e através do material *Cuisenaire*, a educadora abordou a divisão. Criou uma situação problemática e utilizou material não estruturado para a representação no quadro. Partindo dessa situação problemática, a educadora explicou o raciocínio da multiplicação, referindo os fatores e o produto total.

### **Inferências**

A capacidade de raciocinar sistemática desenvolve-se quando os alunos são estimulados a realizar hipóteses, quando lhes é dado algum tempo para comprovar ou contradizer essas hipóteses e quando lhes é pedido para expor as suas ideias. Como refere os Princípios e Normas para a Matemática Escolar (2007, p.143) “a maturidade, as experiências e o crescente conhecimento matemático promovem, em conjunto, o desenvolvimento do raciocínio ao longo” da educação pré-escolar. Ainda em relação a este tema, a capacidade de o aluno explicar o seu raciocínio, enumerar razões, constitui uma competência extremamente importante no raciocínio formal, que tem início nestas idades. Como tal, o professor deve assumir um papel de criador de ambiente de aprendizagens que ajudem os alunos a reconhecer todo o tipo de matemática, assim as salas deverão conter material para que estes possam manipular objetos, identificar semelhanças e diferenças.

### **Sexta-feira, 18 de novembro de 2011**

A minha colega e eu fomos solicitadas para lecionar lições da Cartilha Maternal, as lições do **cezêxe (c)** e **jeguê (g)**, respetivamente. No momento seguinte, a educadora chamou alguns alunos para terem as lições de leitura. Neste dia, a educadora falou sobre a construção de frases.

Os Blocos Lógicos foram o material escolhido para lecionar a atividade do Domínio de Matemática. Em cima de uma cartolina, os alunos espalhavam as peças,

cujas faces tinham a forma de figuras geométricas. Como se verifica na figura 20, os alunos utilizaram uma linha fronteira para fazerem a representação de conjuntos. A educadora introduziu os símbolos  $\epsilon$  (pertence) e  $\notin$  (não pertence), referindo o seguinte exemplo: “Vocês que têm o bibe azul pertencem todos ao mesmo conjunto. Vamos imaginar que um menino do bibe encarnado entra para trabalhar no nosso grupo, ele não pertence ao mesmo conjunto.”



*Figura 20 – Representação de conjuntos com Blocos Lógicos*

### **Inferências**

O uso de mnemónicas (cezêxe e juguê) é uma das linhas do Método João de Deus. Como tal Papalia, Olds e Fedlman (2001, p. 430) afirmam, que as mnemónicas são “dispositivos para ajudar a memória. As crianças poderão descobrir técnicas mnemónicas por elas próprias ou podem ser ensinadas a usá-las.” Como afirma Ruivo (2009):

se por um lado a criança faz a sua aprendizagem começando por identificar o nome e a leitura das diferentes letras, de imediato lhe é solicitado que elabore um discurso oral sobre a palavra lida, inserindo-a em frases de forma a enriquecer o seu vocabulário, a sua linguagem, a sua expressão oral (p.130).

Em relação à definição de conjuntos, Caldeira (2009, p. 382) diz que corresponde “a um qualquer número de elementos de uma determinada espécie.” Os símbolos acima referidos ( $\epsilon$  e  $\notin$ ) servem para indicar que um elemento pertence ou não pertence a um dado conjunto (Caldeira, 2009, p. 382).

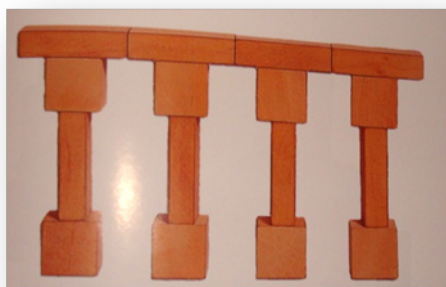
### **Segunda-feira, 21 de novembro de 2011**

Os alunos do jardim-escola iniciaram a semana com o ensaio das músicas de Natal com o professor Paulo Viana.

De seguida os alunos da turma da educadora Sofia trabalharam os 3.º e 4.º Dons em simultâneo, ou seja fizeram construções com os dois juntos. Durante o

manuseamento deste material, a educadora lembrou o uso dos dedos em pinça. Construíram as pontes alta e a baixa que se mostra nas figuras 21 e 22. Através de situações problemáticas treinaram o cálculo mental da adição e multiplicação.

Realizaram uma ficha de grafismos e treinaram a caligrafia. Por fim, os alunos foram chamados por grupos às lições de Cartilha Maternal.



*Figura 21 – Ponte alta*



*Figura 22 – Ponte baixa*

### **Inferências**

Saber manusear o material utilizado é fundamental e é uma das regras básicas para a sua utilização. Ao realizarem esta manipulação, as crianças estão a aumentar aptidões e competências, tais como já foram referidas anteriormente. É, igualmente, importante a utilização de estímulos e de incentivos para gostarem de “trabalhar” com o material. As situações problemáticas conjugam desafios de situações do quotidiano e da matemática. Tal como é afirmado nos Princípios e Normas para a Matemática Escolar (2007, p. 134), “a resolução de problemas é, para as crianças, uma actividade bastante natural, uma vez que o mundo se encontra repleto de coisas novas e elas demonstram curiosidade, inteligência e flexibilidade ao deparar-se com situações novas.” Por sua vez e perante o treino destas competências o papel do professor é incentivar os alunos a tirar partido dos conteúdos matemáticos que aprendem, com o intuito de desenvolverem uma panóplia de estratégias de resolução de problemas; de criarem problemas desafiadoras e de aprenderem a explicar e expor o enunciado da situação problemática e as suas próprias ideias.

### **Terça-feira, 22 de novembro de 2011**

A educadora seleccionou o jogo das estações e dos comboios para abordar a Área do Domínio da Matemática, começou por lembrar as regras, dizendo que não podem haver comboios maiores nem menores que a estação e que no final “fecha-se”

a estação com uma peça igual à inicial. De seguida colocaram a peça verde escura que vale 6 unidades (estação) na horizontal em cima de uma folha pautada. Depois pintaram o número de quadrados correspondente à quantidade 6. Seguidamente, os alunos deram exemplos de comboios, leram as carruagens por valores. Na figura 23 consegue-se visualizar a atividade.

Eu e a minha colega fomos solicitadas para lecionar a lição do **ei** e do **ou**, respetivamente. Para dar esta lição utilizei dois fantoches de dedo que representavam as vogais **i** e **e**.



*Figura 23 – Jogo dos comboios representado numa folha quadriculada*

### **Inferências**

Quando se joga ao jogo dos comboios solicitamos à criança “que procure as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais ao da primeira peça (...)” (Caldeira, 2009, p. 137). A criança ao jogar este jogo trabalha a decomposição de números, como explicam Damas *et al.* (2010, p. 66), este jogo “permite que os alunos descubram que o mesmo número poderá ser representado de diversas maneiras.”

### **Sexta-feira, 25 de novembro de 2011**

Fui surpreendida por uma Supervisora de Prática Pedagógica que me solicitou uma aula surpresa de Estimulação à Leitura, na qual contei o conto tradicional “Os 3 Porquinhos” com o auxílio de um fantoche. De seguida ensinei uma lengalenga, para finalizar este momento de avaliação lecionei a lição do **r (rêre)** e introduzi a lição do **z (zêxe)**.

Em relação à Reunião de Prática Pedagógica, as Supervisoras e a estagiárias deram o parecer das aulas dadas.

## **Inferências**

Considero que estas situações devem ser encaradas com naturalidade pois estar perante pais e avaliadores a lecionar aulas será algo que num futuro próximo pode acontecer muitas vezes, como tal, e embora recorramos ao imprevisto julgo que estas aulas podem ser uma mais-valia para a prática de estratégias e formas de estar em sala de aula.

Julgo ter adotado uma postura alegre e demonstrado motivação, fui captando a atenção das crianças através da participação das mesmas. De seguida trabalhei uma lengalenga relacionada com dois animais, apelando ao uso de gestos e sons. Poderia ter pedido aos alunos que se levantassem, para que se movimentarem melhor. Por fim, dois alunos foram chamados à Cartilha Maternal, e revi as duas leituras da letra **r (rêre)**, e ajudei a realizarem a leitura de duas palavras utilizando o método da leitura preparatória. Depois de terem lido, pedi a uma aluna para compor com as letras móveis a palavra que tinha lido. E ao outro aluno solicitei, que juntasse um conjunto de letras soltas e escrevesse a palavra lida.

## **Segunda-feira, 28 de novembro de 2011**

A semana foi iniciada com mais uma visita das Supervisoras de Prática Profissional, que pediram à minha colega Liliana a dinamização dentro da Área de Estimulação à Leitura incidindo nas vogais e na consoante **v (vê)**.

Para terminar a manhã, tivemos a habitual Reunião de Prática Profissional.

## **Inferências**

Julgo que a aula da Liliana foi conseguida em vários aspetos, fez uma abordagem simples e exata. Ao longo da atividade, a estagiária valorizou o que os alunos iam verbalizando e manteve sempre uma postura muito equilibrada.

As reuniões de reflexão de prática profissional seguida das aulas orientadas pelos estagiários apoiam as estagiárias na medida, em que ouvimos e discutimos aspetos a melhorar e nos é dada uma oportunidade de aplicar estes conselhos. Tal como refere Jacinto (2003, p. 70) o orientador deve estimular o estagiário a “(...) agir, observar e reflectir sobre situações e dilemas” referentes à prática educativa no sentido da sua melhoria.

## **De 29 de novembro a 2, 5 a 6, 9, 12 de dezembro de 2011**

Em virtude de se aproximar a festa de Natal, as estagiárias realizaram a construção dos cenários para a mesma durante estes 6 dias de estágio.

### **Inferências**

As inferências acerca dos dias acima referidos serão descritas de forma concisa com a permissão da minha Orientadora, visto que durante a semana as nossas atividades foram sempre idênticas.

A celebração do Natal tem um cariz cultural e concede aos alunos um conhecimento das tradições e da História. Como confirma Aguera (2008, p. 73), “as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças.”

Por sua vez, estas festas constituem uma ligação entre a família e a escola. Durante estas festas, os familiares contactam com o meio escolar e visualizam/participam nas atividades dos seus educandos.

O ambiente criado nestes momentos festivos é de alegria, afeto e colaboração por parte de todos os membros envolventes. Este ambiente é motivador para o sucesso das crianças. Como refere Morgado (1999, p. 80), estes momentos “influenciam as expectativas dos pais face à escola e aos próprios filhos”, pois estas expectativas contribuem para o êxito escolar das crianças.

Desta forma, a família tem um papel preponderante no percurso escolar dos educandos.

## **Terça-feira, 13 de dezembro de 2011**

Depois de vários dias de preparativos para a festa de Natal, eu e a minha colega Liliana realizámos com os alunos, duas dobragens da figura do Pai Natal.

Posteriormente e visto que, a festa de Natal se realizava no dia seguinte, as estagiárias ajudaram a transportar os cenários para o Centro Paroquial de Alvalade, local onde se realizaria a festa.

### **Inferências**

A arte das dobragens é uma forma de desenvolvimento da motricidade fina. O professor além de criar interesse nos alunos introduzindo esta arte na sua metodologia, enriquece a sua aula tornando-a mais agradável e divertida, a realização



de dobragens permite o uso de interdisciplinaridade e pode ser usada nos processos pedagógicos desde o pré-escolar até ao final do ensino básico. Através desta técnica é possível desenvolver as seguintes áreas: Domínio da expressão plástica, através da manipulação do papel; Domínio da matemática, onde se introduzem novos conceitos geométricos, uma vez que cada dobra que é feita pode originar novo conceito geométrico; Domínio da Expressão Dramática, forma de apropriação das situações sociais. Podem idealizar-se histórias reais, criando situações de expressão verbal e não-verbal, onde o fim da dobragem deverá coincidir com o fim da história.

### **Sexta-feira, 16 de dezembro de 2011**

Para terminar o período de estágio no bibe azul, eu e a minha colega Liliana confeccionámos com os alunos, bolachas de canela.

Visto estarmos no último dia de aulas e a entrar para mais um período de férias, as crianças passaram grande parte da manhã no recreio.

### **Inferências**

Foi com bastante alegria que acompanhei ao longo destes 3 meses este grupo. Presenciei o desenvolvimento da escrita e da leitura que foi acontecendo, respeitando o tempo próprio de aprendizagem de cada aluno. No final deste período, apesar de existir um grande grupo de crianças com dificuldades e alguns apenas identificarem as vogais e certas consoantes, a maioria já fazem uma leitura fluente.

O apoio, a ajuda, e a disponibilidade por parte da educadora Sofia, foram aspetos positivos e que traduziram este período de estágio num momento de satisfação, prazer e aprendizagem.

A nossa autoestima vai-se construindo desde o momento em que nascemos. Todas as experiências que resultam em satisfação, conforto, alegria, vão compondo uma autoestima positiva.

As aprendizagens pelas quais uma criança tem de passar são muitas e por vezes, difíceis. Já no primeiro ano de vida, precisa de aprender a reconhecer o rosto das pessoas que convivem com ela e as vozes; aprender a comunicar de alguma maneira aquilo que sente; aprender uma série de movimentos. A criança precisa de apoio e de estímulo para as aprendizagens, assim precisará de adultos que a confortem quando falha ou se sentir insegura. Precisarão de alguém que a encoraje, alguém cujo comportamento a ajude a encarar as aprendizagens e o mundo das coisas divertidas, curiosas e excitantes. É preciso incentivar o prazer pela descoberta, o prazer em ser persistente e superar obstáculos.

Parece-me pertinente fazer uma abordagem global das áreas de conteúdo. A Área de Conhecimento do Mundo é essencial, pois as crianças conhecem-se a elas próprias e ao mundo que as rodeia, o que me parece fundamental nestas idades. Trata-se de uma área que deve ser trabalhada com base, essencialmente, nas emoções e sensações das crianças, pois é assim que a criança realizará uma aprendizagem significativa.

No Domínio da Matemática foram trabalhados com as crianças hábitos de pensamento e, apesar destas ainda não serem capazes de deduzirem para que seja entendido matematicamente, estão aptas a produzir hipóteses/conjeturas e a defendê-las segundo o seu ponto de vista. A atividade matemática envolve diversos processos, como, por exemplo, o cálculo e as operações, merecendo assim um destaque no processo de ensino-aprendizagem, desde os níveis elementares.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, o grupo trabalhou a interação entre eles e o mundo através da linguagem e de suas diversas formas de comunicação verbais e não-verbais (olhares, gestos e movimentos). Todavia, por intermédio desses diferentes momentos interativos, além da possibilidade de comunicação, o conhecimento também é adquirido.

## **2.<sup>a</sup> Secção**

**Período de estágio:** 2 de janeiro a 23 de março de 2012

**Faixa Etária:** 3 anos

**Bibe:** Amarelo

**Turma:** A

**Professora Cooperante:** Rita

### **2.1. Caracterização da turma**

A turma do Bibe Amarelo A é composta por 28 crianças, 17 das quais são do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Destas 28 crianças, 7 têm ainda 3 anos de idade, e as restantes 4 anos.

Estas crianças pertencem na sua maioria a famílias estruturadas cujo nível socioeconómico médio-alto, e os pais destas crianças possuem também na sua maioria formações: superior, secundária e básica.

Este grupo está bem integrado na dinâmica do jardim-escola, que fomenta a organização do ambiente educativo para que a criança se relacione consigo própria, com os outros e com o mundo. Pressupõe, igualmente o desenvolvimento de valores e atitudes, favorecendo a formação e a inserção da criança na sociedade como ser autónoma, livre e solidária. A educadora estabelece uma relação individualizada com cada criança facilitadora da sua inserção no grupo e da sua relação com as outras crianças. Essa relação implica a criação de um ambiente em que cada criança conhece e onde se sente valorizada. De uma forma geral, as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas e colaborativas e alguns alunos possuem grande capacidade imaginativa e criativa.

A nível afetivo-emocional, a grande maioria das crianças demonstra um temperamento equilibrado, expansivo, extrovertido, comunicativo e alegre. Gostam de receber e de responder a gestos carinhosos.

Revelam força de vontade na realização dos trabalhos propostos. No entanto, existem 3 crianças com dificuldades a nível de aprendizagens de conteúdo e de conceitos.

## 2.2. Caracterização do espaço

A sala do Bibe Amarelo A tem formato quadrangular. Num dos lados encontra-se a porta de entrada e uma janela, que são as fontes de luz natural. Contém 4 mesas, onde os alunos estão sentados em lugares marcados. A disposição das mesas facilita a circulação da educadora, quando esta verifica situações de aprendizagem.

À frente das mesas, é reservado um espaço onde a turma está sentada em “U” em círculos coloridos. Nestes são realizadas atividades do dia-a-dia como: os diálogos diários, os contos de histórias, o canto de várias músicas, os jogos.

Ao longo das paredes estão distribuídos trabalhos realizados pela turma, os dias de aniversário dos alunos, bem como os cabides com a devida identificação do cada aluno. Pode-se verificar, igualmente, armários com materiais e livros. Com o passar das estações do ano, a educadora muda a decoração da sala. Tal como refere Silva (2002), citado por Serrão e Carvalho (2011):

os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender. A organização e a utilização do espaço são a expressão das intenções educativas e da dinâmica de grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planejar e fundamentar as razões dessa organização (p.5).

Num dos cantos da sala encontram-se as camas dos alunos. Depois do almoço, as turmas do Bibe Amarelo A e B dormem a sesta das 13 às 14 horas. Este é um momento de descanso e de relaxamento. Como refere Cordeiro (2010, p. 306), a criança que “acorda cedo precisará mais de fazer a sesta, bem como nos dias em que as actividades foram muitas e, sobretudo, inovadoras”.



Figura 24 – Sala de aula do Bibe Amarelo A

### 2.3. Horário

A preparação de um horário pressupõe a organização e coordenação de atividades, que promovam o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças, de acordo com as áreas estipuladas pelas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar. Este horário deve ser flexível, dependendo das situações e contextos que possam surgir no dia-a-dia, como se pode observar na figura 25.

Horas:	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9h	Acolhimento e canções no Salão				
1.º Tempo da manhã	Desenvolvimento verbal Educação Musical (9h45/10h15)	Iniciação à Matemática / Estimulação à Leitura/ Desenvolvimento verbal	Iniciação à Matemática/ Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
10h30	Suplemento alimentar – Recreio / Cantinhos (10h30/11h)				
2.º Tempo da manhã	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h30/11h30)	Cerâmica Informática (10h30/12h)	Conhecimento do Mundo
12h	Almoço				
13h	Sesta (13h/14h)				
1.º Tempo da Tarde	Realização de propostas de trabalho/Jogos	Realização de propostas de trabalho/ Plasticina e Jogos	Realização de propostas de trabalho/ Cantinhos	Realização de propostas de trabalho/ Entrelaçamentos e Enfiamentos	Realização de propostas de trabalho/ Plasticina e Jogos
16h	Lanche/Saída				

Figura 25 – Horário de turma do Bibe Amarelo A

## 2.4. Relatos Diárias

### Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

Uma vez que neste dia o pessoal docente do jardim-escola se encontrava em sistema de *roullement*, os alunos brincaram livremente e realizaram atividades didáticos.

### Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

A educadora trabalhou no Domínio da Matemática, as contagens, utilizando material não estruturado: palhinhas. Ao som de uma música, os alunos iam compondo uma história, que se pode visualizar na figura 26.

Posteriormente, na área de Conhecimento do Mundo, a educadora utilizou um conjunto de 9 imagens que se pode ver na figura 27, que eram compostas por meninos com vestuário alusivo às denominadas estações do ano e aos vários estados do tempo. Os alunos iam explorando e associando as diversas figuras.



Figura 26 – Palhinhas



Figura 27 – Imagens móveis

## Inferências

Nesta aula foi interessante apreciar os alunos a trabalharem ao som de músicas. Julgo que a música é benéfica para as crianças pois permite a concentração da atenção e pode melhorar as suas capacidades de aprendizagem na matemática, facilitando também a perceção de sons, potenciando assim a sua memória.

Segundo Oliveira (2010), várias investigações sublinham “o aumento da capacidade de concentração e do raciocínio matemático em quem aprende sons e ritmos desde cedo. Há pedagogos que defendem que a música deve valer por si mesma e afastar--se da vertente acessória.” (<http://www.educare.pt>)

## **Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012**

Este dia foi marcado pelas aulas surpresa. A estagiária Filipa lecionou uma aula no bibe amarelo (3 anos) na área do Domínio da Matemática tendo explorado o conteúdo: contagens, utilizando material não estruturado e imagens de galinhas e pequenas pedras.

No bibe encarnado (4 anos) à estagiária Bárbara foi solicitado uma aula subordinada ao mesmo conteúdo, mas utilizando o material estruturado: *Cuisenaire*.

O grupo de estagiárias, posteriormente, reuniu-se para a reunião de Prática Profissional, de modo a refletir sobre as aulas lecionadas e ouvir o parecer das Professoras Orientadoras.

### **Inferências**

Julgo que a aula da Filipa foi conseguida, pois embora tenha sido pouco dinâmica e tenha apresentado apenas situações problemáticas fez um esforço para circular entre as crianças e verificar se os meninos tinham as situações corretas.

Quanto à aula da Bárbara não houve um fio condutor, pois ela estava pouco alegre e muitos dos alunos cumpriram as tarefas solicitadas, mas brincavam com as peças. Para trabalhar o que lhe foi pedido deveria ter solicitado aos alunos que retirassem, por exemplo uma peça verde escura e a colocassem na horizontal, depois “procurar as diferentes possibilidades de formar comprimentos iguais à da primeira peça (...)” (Caldeira, 2009, p. 137).

## **Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012**

Na aula de música, o professor trabalhou a concentração utilizando o ritmo, e pediu que o acompanhassem com os “pauzinhos”.

Depois de regressarem do recreio, a turma trabalhou na Iniciação à Matemática: a paridade, a lateralidade, as contagens e a divisão, utilizando material não estruturado: borboletas em goma eva, que podemos observar na figura 28. Durante esta atividade, a educadora contou uma história sobre príncipes e princesas.



*Figura 28 – Borboletas em goma eva*

### **Inferências**

Com os materiais utilizados, é possível realizar um trabalho prazeroso, criativo e educativo em sala de aula. Tal como refere Aranão (1996, p. 36), “com todo este universo de materiais à disposição da criança e do professor é possível executar um excelente trabalho para o trabalho do raciocínio logico-matemático”, podendo utilizar “exercícios repetitivos” (1996, p. 36). Por sua vez, a construção do raciocínio lógico-matemático faz-se a partir da vivência da criança, aliada às situações de desafio que lhe são colocadas, quer na escola quer em casa. Entende-se ser necessário que a construção e o desenvolvimento dos conhecimentos matemáticos na Educação Pré-Escolar ocorram a partir do conhecimento lógico da criança favorecido pelas possibilidades que lhe são oferecidas ao interagir com os meios físico e social. É importante e necessário que as crianças afetivamente incorporem os conceitos matemáticos, construindo, assim, a estrutura lógica de maneira sólida, tornando-se capazes de raciocinar logicamente numa ampla variedade de situações ou tarefas. (<http://eloisinfantis.pt/2008/07/raciocnio-lgico-matemtico.html>)

### **Terça-feira, 10 de janeiro de 2012**

A manhã foi iniciada com um jogo, utilizando Blocos Lógicos. O jogo chamava-se “Jogo da Pesca”. Era constituído por um lago (feito em plástico azul), imagens amarelas, azuis e encarnadas de peixes grandes, médios e pequenos. No peixe estava uma peça dos Blocos Lógicos que se pode observar na figura 29. Através do lançamento de um dado, as crianças sabiam as características dos peixes que tinham de pescar. Depois de o fazerem, a criança ia colocar no arco, fazendo-o corresponder à conceção de conjunto. A educadora ia fazendo questões do tipo: “Se eu quero ter 3 peixes no conjunto e só tenho 1, quantos tenho que pescar? Durante este jogo, a educadora apresentou o algarismo 1. Para que melhor interiorizassem desenhou à frente de cada um deles o algarismo em giz e todos o delinearam com o dedo.





*Figura 29 – “Jogo da Pesca”*

### **Inferências**

Os jogos, no contexto do ensino pré-escolar, podem assumir um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem, pois através do lúdico, permitem os desenvolvimentos físico e mental da criança, contribuindo decisivamente para a construção do conhecimento e para a socialização, integrando igualmente as vertentes cognitiva e afetiva. Como refere Vasconcelos (2008, p. 32), os jogos “ao mesmo tempo que favorecem o estabelecimento de vínculos sociais, permitem a descoberta da personalidade e induzem o conhecimento e o respeito pelas regras”.

Como refere Antunes (2003, p. 36), o jogo ajuda a criança a construir as suas novas descobertas, desenvolvendo e enriquecendo a sua personalidade. Ainda este autor afirma que o educador “jamais pense em usar os jogos pedagógicos sem um rigoroso e cuidadoso planeamento, marcado por etapas nítidas e que efetivamente acompanhem o progresso dos alunos, e jamais avalie a sua qualidade de professor pela quantidade de jogos que emprega.”

Assim, os jogos, enquanto instrumentos pedagógicos, deverão ser entendidos como processos de aprendizagem que se revestem de uma grande eficácia quando utilizados com um objetivo e estratégias de aplicação previamente pensadas pela educadora.

### **Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012**

Este dia foi marcado com uma aula dada pela colega Cátia.

Iniciou a sua atividade contando uma história (escrita por si própria) com fantoches, falando da importância da água e dos seres vivos. Depois colocou uma música sobre o tema e cantou-a com as crianças. Posteriormente retirou de um saco 4 regadores coloridos e os alunos dirigiram-se para o exterior com o objetivo de regar as plantas.

No regresso do recreio, a turma trabalhou a Iniciação à Matemática usando os Blocos Lógicos. No chão estavam dispostos 4 garrafões que se visualiza na figura 30, com as 4 figuras geométricas no topo, como 2 aberturas (uma grande e outra pequena de formas diferentes). Numa caixa estavam espalhadas várias peças dos Blocos Lógicos, a educadora ia dizendo as características das peças que tencionava que as crianças colocassem no garrafão correto. Após este exercício, colocou-se uma venda numa criança e esta através do tato tinha que descobrir a forma, a espessura e o tamanho da peça que tinha nas mãos como podemos observar na figura 31.



*Figura 30 – Garrafões com figuras geométricas    Figura 31 – Criança com olhos vendados*

### **Inferências**

Quanto à aula da Cátia considero que foi uma aula conseguida. Não só pelo empenho mostrado, mas pela sua postura e alegria. Ao longo das atividades, a sua expressão facial variou. Durante a história estabeleceu comunicação com as crianças suscitando curiosidade, por meio de gestos e sons. No momento da música, o grupo demonstrava muito entusiasmo e inclusive dançaram entre eles, momento que vai ao encontro do que refere Mendes e Delgado (2008, p. 13) acerca das interações entre crianças. No entanto, a colega deveria ter sido mais firme e rigorosa no que diz respeito a regras, perante os momentos de maior agitação poderia ter recorrido a uma estratégia de retorno à calma.

Em relação ao Domínio da Matemática, a educadora proporcionou ao grupo uma nova estratégia de aprendizagem, através do tato e das questões colocadas, as crianças mantinham a expectativa e a vontade de jogar. Como acentua Heacox (2006, p. 18), o educador, enquanto impulsionador de um ensino diferenciado, tem “três responsabilidades essenciais: fornecer e prescrever oportunidades de aprendizagem diferenciadas, organizar os alunos durante as atividade de aprendizagem e usar o tempo de maneira flexível.”

**Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012**

Iniciámos o dia a fazer a decoração das capas individuais dos alunos do 2.º período da turma e que vemos na figura 32.

Posteriormente, e através de uma tela colorida, apresentada na figura 33 com imagens móveis, a educadora trabalhou contagens, quantidades, cálculo mental e lateralidade e ainda o reconhecimento do algarismo 2.



*Figura 32 – Capas 2.º Período*



*Figura 33 – Tela colorida*

### **Inferências**

O sentido de número deve ser desenvolvido logo nos primeiros anos de idade com base numa estrutura de utilização/aplicação, para que as crianças se apercebam de que os números não são usados unicamente em cálculos e nos livros de exercícios. É importante que, desde os seus primeiros contactos com os números, as crianças tomem consciência das inúmeras utilidades destes.

Como refere Caldeira (2009, p. 203), há alguns indicadores que a criança deve possuir para desenvolver o sentido do número:

- i) compreender os seus significados;
- ii) desenvolver múltiplas relações entre os números;
- iii) reconhecer a grandeza relativa dos números;
- iv) conhecer o efeito relativo de operar com os números;
- v) potenciar padrões de medida de objetos comuns e de situações do seu meio ambiente.

Por sua vez Aranão (1996, p. 33) afirma que a criança constrói por intermédio das suas ações no meio ambiente, o sentido do número. O educador tem a função de incentivar o aluno a pensar “ativamente” e aproveitar todos os momentos para desenvolver o conhecimento matemático.

**Terça-feira, 17 de janeiro de 2012**

Nesta manhã no âmbito do Conhecimento do Mundo, os alunos jogaram o jogo do dominó, que se apresenta na figura 34. Este jogo era constituído por peças com pintas e frutas que a educadora espalhou pelo chão. Era lançado um dado onde visualizavam a quantidade que o aluno teria de encontrar nas peças e também a mesma seria depositada em pratos coloridos com frutas correspondentes como se vê na figura 35. A educadora trabalhou a associação de quantidades e contagens.

Depois de regressarem do intervalo, contou a história “Um Bocadinho de Inverno” e depois de a ouvirem, duas crianças (com ajuda) recontaram a história.



*Figura 34 – Jogo do Dominó*



*Figura 35 – Representação de quantidades*

### **Inferências**

O Jogo de Dominó contribuí para a rapidez de raciocínio, para a agilidade na tomada de decisões, para a interação entre crianças, na resiliência, uma vez que é importante “saber perder”.

Tal como afirma Serrazina (2008, p. 24), o uso de dados neste tipo de jogos permite às crianças desenvolverem o “reconhecimento da mancha sem necessitar de contagem”, ou seja, por percepção visual simples, em particular se estas se parecerem com as manchas dos dados de pontos.” De acordo com a mesma autora (2008, p. 24) o desenvolvimento desta percepção contribuiu para a destreza do cálculo mental, havendo uma promoção “da composição de situações e, com o tempo, a percepção composta, ou seja, o reconhecimento de quantidades superiores a 6 por composição de percepções simples.” Muitas crianças têm dificuldade em entender estas relações elementares, por isso o educador deve realizar um trabalho contínuo utilizando material apelativo, de forma a que os alunos possam realizar as suas descobertas.

A realização deste jogo possibilitou ao grupo interagir entre si. A interação entre eles é considerada como fundamental na construção de aprendizagens

significativas na escola. Para Ferraz, através das interações há troca de conhecimentos, as crianças são desafiadas nas suas ações, aprendem sobre as relações, constroem valores de cooperação, solidariedade e respeito pelo outro. (<http://www.escoladeeducadores.com>)

#### **Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012**

Durante a manhã, os alunos confeccionaram *pizza*. Amassaram a massa como se pode observar na figura 36, colocaram os ingredientes e no período do almoço comeram-na.

Após o intervalo, a turma teve uma sessão fotográfica.



*Figura 36 – Crianças a amassar a massa*

#### **Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012**

O dia foi iniciado com uma aula de Conhecimento do Mundo sobre o mobiliário e alguns objetos do quarto representados na figura 37. Através de imagens, as crianças iam identificando e ditando a função de cada uma delas, falando dos locais adequados para as mesmas. Durante este exercício, a educadora ia trabalhando a lateralidade (canto superior direito, canto inferior esquerdo, ao lado, em cima ...), contagens e paridade.

Depois, as crianças taparam os olhos com o bibe e a educadora alterou a disposição das figuras. Os alunos trabalharam a memorização, descobrindo as alterações feitas.



*Figura 37 - Figuras com mobília de quarto*

### **Inferências**

O uso da linguagem é “uma das peças-chave” para a educação pré-escolar (Zabalza, 1998, p. 51). Ao longo da atividade foi notória a prática de uma linguagem exata, objetiva e clara por parte da educadora. Nesta linha de pensamento, este autor refere que “é sobre a linguagem que vai sendo construído o pensamento e a capacidade de descodificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender.”

É fundamental criar um ambiente na qual se estimule o grupo a falar, possibilitar um contacto entre educador-criança, havendo um diálogo rico de modo a desenvolver e alargar o léxico das crianças. Ainda este autor afirma que “qualquer oportunidade é boa para exercitar a linguagem” (1998, p. 51).

A memorização deve ser estimulada desde os primeiros anos. Segundo Gleitman (1999, p. 349), “(...) as crianças mais pequenas armazenam as memórias, especialmente as memórias explícitas, de uma maneira menos eficiente do que as crianças mais velhas e os adultos.” Isto poderá acontecer pois “algumas estruturas neurais relevantes” não atingiram a “maturidade suficiente”. Desta forma, cabe ao educador criar e formular atividades para este fim.

### **Terça-feira, 24 de janeiro de 2012**

As crianças iniciaram o dia com a Área do Domínio da Matemática utilizando os materiais: Blocos Lógicos e imagens. A educadora contou uma história, pedindo aos alunos várias construções de casas com as peças. Por fim, com um *placard* com a forma de uma casa que se observa na figura 38, os meninos colocavam as formas correspondentes, fazendo não só a exploração dos atributos deste material como também sequências.

Depois de terem regressado do intervalo, a educadora através do auxílio de um *powerpoint* contou a história “Os três Ursos”.



*Figura 38 – Placard com a forma de uma casa*

### **Inferências**

O momento da história foi bastante cativante e encantador e notava-se no rosto das crianças o interesse e a atenção. Julgo que esta receptividade por parte das crianças acontece também pela forma como a educadora contou a história, com um bom tom de voz e expressividade. Apesar de já conhecerem a história, o grupo manifestou uma grande vontade de participar. Cury (2006) refere que:

para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É necessário produzir gestos e reacções capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem. Muitos pais e professores são dotados de grande cultura académica, mas são inflexíveis, rígidos e formais (p. 133).

Ainda em relação a esta temática, Magalhães (2008, p. 61) defende que “junto da faixa etária dos 3 aos 6 anos é determinante uma propedêutica do ato de ler.” As crianças devem adquirir competências necessárias ao ato de ler: o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas; o evolutivo domínio espaço-temporal; o treino da capacidade de concentração; a exercitação da memória.

### **Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012**

O dia foi marcado com aulas surpresa assistidas pelas Professoras de Prática Profissional. A minha colega Ana, no bibe amarelo B dinamizou a história “O coelhinho Afonso”, leu-a e os alunos foram participando. Já com os meninos em pé cantou a música do “Coelho Alberto.” Para terminar, distribuiu plasticina e todos fizeram o animal preferido da história.

No segundo momento da manhã, à estagiária Patrícia do bibe encarnado B foi, solicitada para uma atividade de Estimulação à Leitura com a história “Vem aí um lobo”. A Patrícia leu-a, pediu a cooperação por parte das crianças e por fim cantou a música “o rato Vitorino.”



## Inferências

Quanto à aula da Ana julgo que a turma estava bastante atenta e a colaborar. Durante a história, a colega poderia estar mais alegre, variar a expressão facial, bem como fazer inflexões de voz para que os alunos não se perdessem nem desinteressassem. No entanto, a sua presença e atitude foi doce, meiga e atenciosa para com as crianças. Para que a aula fosse mais dinâmica e divertida, a Ana poderia ter feito os sons e os gestos com os meninos.

A aula da Patrícia não foi de todo positiva, ela estava pouco alegre e o seu tom de voz foi demasiado baixo, não captando e/ou motivando os alunos. A música que ensinou não despertou interesse nas crianças. Poderia ter escolhido uma canção mais alegre e animada com o objetivo de tornar o momento mais lúdico e dinâmico.

## Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Durante a manhã e depois da aula de música, os alunos trabalharam o material estruturado: Blocos Lógicos. A educadora apresentou uns cartões com os atributos deste material. De seguida e com as peças espalhadas pelas mesas, a educadora colocava apenas os cartões que se visualizam na figura 39 com as características das peças que os alunos teriam que ir buscar. Por sua vez, no verso do cartão que se observa na figura 40 estavam esses mesmos atributos mas com uma cruz em cima. As crianças sabiam que a peça que iam escolher não podia ter aquela característica. Durante a execução desta atividade, as crianças trabalharam em grupo.



*Figura 39 – Cartões com atributos*



*Figura 40 – Verso dos cartões*

## Inferências

Durante a concretização desta atividade, as crianças tiveram oportunidade de experimentar e desenvolver o sentido de cooperação, o trabalho em equipa, bem como relações interpessoais e sociais. Este sentido de cooperação possibilita ao grupo a capacidade de equilibrar as necessidades de ambas as partes. É, também,



através destas que as crianças irão desenvolver os seus valores, distinguir o que é justo ou não e transpor essa situação para a vida adulta. Tal como refere Pacheco (1999, p. 164) os modelos de interação sociais “promovem a relação do aluno com os outros alunos num contexto de interação valorizando, por isso, as relações interpessoais e o ensino como um processo social.” Durante essas atividades, mantém-se um estilo de liderança democrática, ou seja, “o professor é mais um integrador relacionando-se horizontalmente” com os alunos.

### **Terça-feira, 31 de janeiro de 2012**

Nesta manhã foi lecionada uma atividade na Área do Domínio da Matemática. A educadora entregou um envelope aos alunos e estes ordenaram os números, do 1 ao 3.

A educadora referiu que estes Algarismos estão associados a quantidades. Utilizando os ferrinhos, a educadora tocava as quantidades que cada criança da turma teria de colocar em cima de cada número, usando material alternativo como se vê na figura 41.

Para terminar a manhã, a educadora treinou e recordou com os alunos lengalengas e destrava línguas.



*Figura 41 – Representação de quantidades*

### **Inferências**

Na atividade de Iniciação à Matemática, os alunos realizaram seriação e associaram várias quantidades aos respetivos números. Relativamente à seriação Aranão (1996, p. 29), diz que esta tarefa “é modelo de agrupamento que consiste em ordenar os elementos segundo as grandezas crescentes e decrescentes.”

Os destrava línguas e as lengalengas são formas de literatura tradicional com profundas raízes na tradição oral, integrando as manifestações orais da cultura popular, tal como acontece com as adivinhas, as lendas e os contos. Segundo Vasconcelos (2008, p. 40), este tipo de cantigas “são jogos de palavras rimadas com

um carácter infantil e brincalhão, onde o ritmo acelerado da declamação, a repetição e a sucessão de palavras idênticas e a cadência melodiosa se constituem como elementos de desafio e de diversão para as crianças.”

Considero, assim, que tanto os destrava línguas como as lengalengas como as adivinhas são uma mais-valia para as crianças destas idades, pois desenvolvem formas de linguagem bastante lúdicas, quando se pretende desenvolver competências ao nível da memória, da expressão oral e da articulação verbal. Tal como refere Chateau, (1975, p. 23) as lengalengas “são uma fonte de enriquecimento de vocabulário, tal como a poesia e algumas canções. A criança gosta de ritmo e de repetições.”

### **Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012**

Os alunos iniciaram a manhã com um jogo, utilizando os Blocos Lógicos. A educadora distribuiu uns cartões, diferentes para cada criança apresentando em forma de desenho alguns atributos deste material. Os alunos olhavam para esses atributos e escolhiam a peça correspondente, colocando-a no quadrado do cartão.

No segundo momento da manhã, a turma realizou uma experiência com a água que se observa na figura 42. A educadora colocou cinco copos de água, os alunos verificaram que esta não tem cheiro, cor e sabor. À frente dos copos, apresentou quatro taças com chocolate em pó, azeite, sal e açúcar, bem como uma rolha e uma tampa. Descobriram estes ingredientes através do paladar e do cheiro. Seguidamente, os alunos colocaram cada um deles na água e observaram os resultados e as transformações que ocorreram. Verificaram que existem ingredientes que se misturam e outros não se misturam com a água.

Por fim, a turma fez gelatina que se vê na figura 43.



*Figura 42 – Experiência com a água*



*Figura 43 – Crianças a confeccionarem gelatina*

## **Inferências**

Em qualquer atividade, o educador deve partir das noções intuitivas das crianças sem pretender que sejam memorizadas as definições técnicas da atividade a realizar e neste sentido permitiu às crianças a manipulação e a ação sobre os objetos, podendo descobrir e estabelecer uma relação causa-efeito.

Como refere Martins (2009, p. 37) inicialmente, através de brincadeiras e de forma mais organizada quando acompanhada pelo adulto, a criança vai estruturando a sua curiosidade e o desejo de saber mais sobre o que a rodeia. Deste modo criam-se as condições para dar os primeiros passos em pequenas investigações, as quais se pretendem progressivamente mais completas.

Também Martins (2009, p. 37), citando Zabala e Arnau, fala da importância de proporcionar às crianças atividades de experimentação e nesta linha de pensamento dizem que “assumindo-se que, em idade pré-escolar, as crianças estão predispostas para aprendizagens de ciências, cabe aos à educadora conceber e dinamizar atividades que promovam a literacia científica, desenvolvendo assim, cidadãos mais competentes nas suas dimensões pessoais, interpessoais, sociais e profissionais.”

Durante a realização desta experiência com a água, a educadora procurou oferecer às crianças, um conjunto de experiências orientadas de uma forma metodológica, relacionadas com o tema, permitindo uma aprendizagem construtiva e exploratória do mundo que a rodeia, baseadas não só nas questões levantadas pelas mesmas experiências, como também nas respostas que estas proporcionam. Esta atividade teve como finalidade, experimentar e observar o que acontece quando se misturam diferentes substâncias em água.

## **Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012**

No primeiro momento da manhã, o ensino pré-escolar dirigiu-se ao ginásio e assistiu a um pequeno espetáculo de música da banda “Os Corvos”. O grupo era constituído por quatro elementos, que tocavam instrumentos de cordas (violinos, violoncelo e bateria), em que foram ouvidas músicas infantis, clássicas e música popular contemporânea. Ao longo do espetáculo, as crianças acompanharam as músicas cantando.

Depois do intervalo, eu e as minhas colegas de estágio fomos solicitadas para pintar moldes de figuras em massa.

## **Inferências**

Este período da manhã proporcionou às crianças (que se demonstraram muito recetivas) momentos agradáveis, de boa disposição, descontração e alegria. Este tipo de atividade permite sensibilizá-las para o mundo da música.

### **Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012**

Esta manhã foi iniciada com uma atividade no Domínio da Matemática. A educadora distribuiu envelopes com os algarismos, que tiveram que ordenar, e através de uma história, recorrendo a material alternativo (palhinhas), iam representando quantidades e respondendo a situações problemáticas. Tiveram uma abordagem inicial à divisão e conheceram o algarismo 4.

No segundo momento da manhã, a educadora contou a história de uma gotinha de água tendo como suporte apresentação em *powerpoint*. Ao longo da história, os alunos iam participando fazendo, simultaneamente, uma revisão dos estados da água e do ciclo da mesma.

## **Inferências**

A educadora utilizou o material não estruturado para concretizar o raciocínio mental que cada situação problemática exigiu. As crianças manipularam o material e efetuaram os cálculos implícitos às várias operações, efetuando as ações de juntar, tirar, distribuir igualmente. Segundo Serrazina (2008, p. 29), “as competências de cálculo das crianças em idade pré-escolar desenvolvem-se em simultâneo com as suas competências de contagem.” Desta forma, as crianças “modelam os problemas recorrendo a materiais concretos”, o que destaca a importância dos materiais para as aprendizagens das crianças.

A apresentação de um *powerpoint* permitiu às crianças observarem elementos, que através do abstrato seria difícil para elas. Tal como refere Spodek e Saracho (1998, p. 253) o uso de um meio audiovisual “pode ampliar as oportunidades de actividades de linguagem receptiva em diversas condições.” A utilização deste recurso captou o olhar das crianças e permitiu a atenção destas.

### **Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012**

Para terminar a semana e em forma de despedida eu e a minha colega Liliana realizámos uma atividade com a turma. Contámos a história “Beijinhos Beijinhos”, com fantoches desenhados por nós e utilizando um fantocheiro que está na figura 44. De

seguida e com a ajuda dos alunos recontámos a história, onde estes expuseram as suas vivências.

Já sentadas, as crianças desenharam numa folha branca o que representava para eles os beijinhos. Depois de mostrarem e de explicarem o que desenharam, eu e a Liliana colámos os desenhos em balões com a forma de coração tal como se observa na figura 45. Num comboio ordenado, a turma dirigiu-se para o recreio e todos lançaram os seus balões.



*Figura 44 – Fantocheiro*



*Figura 45 - Balões*

### **Inferências**

A organização desta atividade deu-nos bastante satisfação e prazer. O uso dos fantoches captou de imediato a atenção do grupo e permitiu momentos de interação. O fantoche é um excelente recurso para se contar histórias, no qual o educador encontra no boneco um meio físico, real para envolver as crianças, de forma mágica e lúdica. Desta forma, o fantoche é mais que um simples boneco, é a “personificação” do personagem que se torna algo real e concreto, que expressa emoções e sentimentos através dos gestos e da voz de quem a manipula, para a criança aquela personagem parece realmente existir.

Segundo Pereira e Lopes (2007, pp. 42-43), os fantoches estabelecem “um importante instrumento de aplicação pedagógica em torno de aprendizagens fundamentais aliadas ao desenvolvimento de capacidades: coordenação motora, concentração, criatividade, expressão oral, confiança.”

De acordo com os mesmos autores (2007, p. 44), “os fantoches aplicados em sala de aula podem servir para envolver alunos em aprendizagens diversas através de um método activo e lúdico que vai levar o aluno a uma melhor e mais eficaz compreensão.”

## **Segunda-feira, 5 de março de 2012**

O dia de hoje foi marcado com uma aula de iniciação ao material *Cuisenaire*. A educadora colocou um baú com as cinco primeiras peças (branca (1 unidades), encarnada (2 unidades), verde clara (3 unidades), rosa (4 unidades) e amarela (amarela)) e contou uma história sobre um pirata. Este personagem ditava as regras de uso deste material. Depois das crianças descobrirem o conteúdo do baú, a educadora explicou que eram peças mágicas e colocou em cada mesa, as peças para os alunos manipularem.

A educadora Rita ia perguntando se as peças eram todas da mesma cor, se tinham o mesmo tamanho, qual era a maior e/ou a menor. Seguidamente pediu para que todos retirassem a peça mais pequena e referiu que esta era a mais importante porque representava uma medida.

Para finalizar, todos os alunos manusearam o material e fizeram construções com o mesmo.

### **Inferências**

O grupo teve o primeiro contacto com o material *Cuisenaire* e neste momento as crianças puderam explorar o material livremente. Segundo Caldeira (2009, p. 129), o jogo livre “serve para as crianças se familiarizarem com o material fazendo assim espontaneamente as primeiras descobertas. Elas fazem composições planas ou em posição vertical (...) uma infinidade de coisas ... e o que a sua imaginação lhes proporcione”. Durante estas atividades, o papel do professor entre a criança e a matemática, deverá ser como afirma Caldeira (2009, p. 129), “o de permitir que experimente directamente os princípios matemáticos compreendendo as etapas que formam os conceitos (...), para além do uso de uma linguagem explícita e correcta”, o que na minha opinião foi desenvolvido e conseguido.

## **Terça-feira, 6 de março de 2012**

Neste dia, a minha colega Liliana lecionou 3 aulas durante a manhã. Falou sobre as profissões na sociedade no âmbito da Área de Conhecimento do Mundo. No Domínio da Matemática abordou o tema da subtração e no Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, leu a história “Adoro a ...Escola” como se visualiza na figura 47.

A Liliana iniciou a aula por mostrar um cubo colorido que serviu para manter as crianças disciplinadas, a Liliana disse que aquele cubo guardava o barulho.

Começou por explicar o que era uma profissão, e os alunos falaram sobre o que queriam ser no futuro. Apresentou imagens de outros exemplos de profissões. Depois de explicar este conceito, mostrou uma maquete de uma escola que se apresenta na figura 46. Explorou-a e associou-a a um conjunto de imagens de profissões (educadora, cozinheira e diretora).

Depois do recreio, a colega explorou no Domínio da Matemática, a subtração, utilizando material alternativo.

Para terminar a manhã, os alunos sentaram-se no chão, construíram em goma eva a personagem do livro, ouviram a história e tiveram uma breve conversa sobre as imagens apresentadas.



*Figura 46 – Maquete de uma escola*



*Figura 47 – Livro “Adoro a ...Escola”*

### **Inferências**

Durante a manhã de atividades, a Liliana foi expressiva, captando a atenção por parte das crianças. É de referir o carinho e afeição que a estagiária demonstrou para com o grupo.

Ao longo da exposição da maquete, a colega foi muito expositiva, não permitindo aos alunos exporem os seus conhecimentos, nem aquilo que conseguiam observar. No entanto, o material utilizado estava bastante apelativo e adequado a esta faixa etária.

No Domínio da Matemática, o grupo fez uso de um conjunto de imagens referentes à profissão de cozinheiro. Foi um momento animado e lúdico, no qual as crianças se vestiram de cozinheiro.

Durante a leitura da história, a colega interagiu com as crianças envolvendo-as na história. Segundo Teberosky e Colomer (2003, p. 127), é fundamental que os alunos vivam as histórias e “entrem no mundo do texto.”

**Sexta-feira, 9 de março de 2012**

Este dia foi reservado a uma visita dos pais à escola com o intuito de assistirem e participarem nas atividades dos filhos. No primeiro momento da manhã, a turma trabalhou na Área do Domínio da Matemática usando material alternativo, estabeleceram comparações, realizaram contagens, formaram conjuntos e associaram quantidades a algarismo.

Depois de comerem as bolachas a meio da manhã, as crianças realizaram o jogo do sapo com a colaboração dos pais.

Após o recreio, os pais dos alunos contaram a história “A Branca de Neve e os sete anões.” Esta manhã de atividades terminou com a entrega de diplomas que apresentou na figura 48 e a observação das capas dos alunos.



*Figura 48 – Diploma de participação dos pais nas atividades*

### **Inferências**

Durante esta manhã de atividades, o grupo de crianças teve a oportunidade de mostrar e de participar em atividades com a família. A presença e a envolvimento da escola e da família assegura à criança conforto, bem-estar e uma maior disposição para novas aprendizagens. Tal como referem Hohmann e Post (2003, p. 300), o envolvimento da escola e da família “favorece a aprendizagem activa das crianças, proporcionando-lhes um ambiente seguro.”

Ainda em relação ao papel da família, Zabalza (1998, p. 55) reforça que a participação dos pais na vida escolar enriquece o trabalho que é realizado na escola, como enriquece os pais e as mães e a própria ação educativa que as famílias aplicam para as suas casas.

Ao longo deste momento verificou-se nos rostos das crianças uma felicidade e um desejo de falar sobre o que sabem, e também os trabalhos realizados por si. Ao sentirem esta preocupação e atenção por parte da família, as crianças motivam-se



para melhorar o seu comportamental e as suas aprendizagens, que se podem observar a longo prazo. A participação dos pais, na escola, deve ser constante para que as crianças se sintam acompanhadas e acarinhadas na sua evolução de modo a crescerem, a conviver com essas situações de forma natural e assim sentirem que os pais estão presentes na aprendizagem escolar.

### **Segunda-feira, 12 de março de 2012**

A manhã foi reservada a aulas surpresa dirigidas ao ensino pré-escolar. As minhas colegas Liliana, Bárbara e Susana lecionaram atividades solicitadas pelas Professoras da Prática Profissional. Foi-lhes pedido para realizarem uma revisão sobre os atributos e, posteriormente fazerem sequências com o material Blocos Lógicos.

#### **Inferências**

Fazendo uma apreciação pormenorizada, a aula da Liliana foi um pouco exaustiva e expositiva, uma vez que realizou muitos exercícios de exploração de características das peças e não reservou um tempo para as sequências não permitindo às crianças a descoberta através de desafios lançados. Como refere Dienes, citado por Nabais (s. d, p. 66), as crianças constroem e aprendem mais facilmente através da “descoberta nas mãos dos alunos.” No entanto apresentou uma boa postura e uma excelente relação com o grupo.

As restantes estagiárias realizaram o que lhes foi solicitado, seguindo o modelo visto durante as atividades com a educadora cooperante. É de salientar que a Bárbara verbalizou com o grupo, escutou-os e os alunos ouviram, facilitando a comunicação. Como defendem Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 37), “saber escutar é uma tarefa activa com grande valor informativo no que respeita quer à comunicação, quer à aprendizagem. Na sua prática o educador deve ter em consideração este aspecto (...).”

### **Terça-feira, 13 de março de 2012**

Nesta manhã lecionei três atividades. Na área de Conhecimento do Mundo lecionei o tema “Os meios de transporte associados às profissões.” Comecei por apresentar uma maquete e explorá-la com os alunos, fazendo interdisciplinaridade. De seguida mostrei três exemplos de meios de transporte (avião, navio e carro de bombeiros) e conversei com os alunos sobre as características dos mesmos, fazendo de seguida a associação às profissões com as devidas imagens. Para finalizar esta

área, as crianças dirigiram-se para as mesas e fizeram uma pregadeira com a imagem do transporte que utilizavam das suas casas para a escola.

No Domínio da Matemática trabalhei as cores, e fiz jogos de lateralidade, utilizando o 1.º Dom de Froebel. contei uma história com a personagem do Sr. Batata, referi que eram bolas mágicas e pedi aos alunos que as retirassem pela ordem estabelecida. Cada bola tinha o nome de um sentimento. Seguidamente disse que as bolas gostavam muito de viajar e apresentei uns comboios com as cores das bolas, e os alunos fizeram a associação de cores.

Na Estimulação à Leitura, “sentei” as crianças em carruagens de comboios e coloquei uma locomotiva feita em goma eva. Apresentando imagens no *powerpoint*, contei a história “A aventura do comboio Rodinhas” com a colaboração das crianças.

### **Inferências**

Começo por dizer que foi com muita satisfação que lecionei as atividades para este grupo. Estive entusiasmada, satisfeita e alegre e estes sentimentos passaram para as crianças, pois estas demonstraram divertimento e interesse.

Na Área de Conhecimento do Mundo, os alunos evidenciaram bastantes conhecimentos sobre esta temática. Durante este momento, senti que o meu papel foi de conduzir os alunos de modo a verbalizarem os seus conhecimentos. Ao dialogar sobre as profissões, alguns vestiram-se de piloto, bombeiro e comandante. Esta atividade permitiu que houvesse troca de opiniões, vivências e experiências vivenciadas pelas crianças.

No Domínio da Matemática, quando trabalhei a lateralidade com as bolas deveria ter dado uma referência, por exemplo “Vão colocar a bola amarela do lado esquerdo em relação à caixa de madeira.” Deveria ter dificultado esta atividade criando situações problemáticas, para trabalhar o cálculo mental.

Durante a Estimulação à Leitura, o grupo esteve muito atento e participativo. É essencial que ao longo do dia, escutem histórias. Tal como afirmam determinados autores essa atividade deve ser organizada, sistemática e intencional, que ocupasse 30 a 60 minutos constituindo o momento da leitura.

### **Sexta-feira, 16 de março de 2012**

Durante este dia, a Liliana lecionou uma aula de Iniciação à Matemática, utilizando o material Blocos Lógicos. As crianças encontravam-se sentadas no chão, e à sua frente estavam 2 arcos com peças dos Blocos Lógicos lá dentro. A Liliana utilizou uma imagem de um pinguim, que perguntava aos alunos os atributos do

material. Apresentou um pequeno cenário, onde estavam pinguins e peixes com as características dos Blocos Lógicos no verso. Dividiu a turma, separando os meninos das meninas, e cada equipa fazia uma sequência tendo em atenção as características evidenciadas no verso dos animais.

### **Inferências**

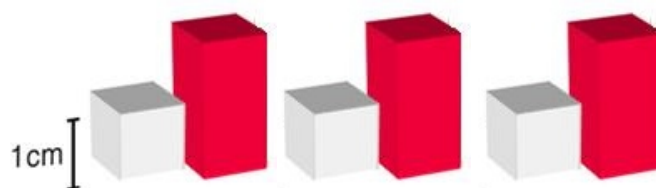
Durante a atividade lecionada pela colega foi visível a disciplina e as regras criadas no ambiente da sala de aula. A estagiária ao impor disciplina e limites não sendo autoritária, demonstrou capacidade de dirigir e organizar uma atividade. Estabelecer limites com as crianças não é fácil, mas é através deles que os pais/educadores podem ensiná-las a respeitar os outros e a si mesmas, reconhecendo ainda a diferença entre as necessidades e as vontades. A criança precisa de aprender a esperar pela sua vez, a partilhar e a ser tolerante. Por isso, as regras devem ser claras, objetivas, coerentes e acima de tudo, devem ser mantidas com segurança e firmeza.

Brazelton e Greenspan (2002, p. 189) afirmam que “quando a disciplina é estabelecida como uma aprendizagem e é reforçada com uma empatia e carinho, as crianças sentem-se bem por seguirem as regras.” Estes autores referem ainda, que os castigos corporais já não são uma opção à disciplina. A disciplina não está associada à punição, mas sim ao ensinar. Estes castigos tendem a contrair o desenvolvimento da auto-estima.

### **Segunda-feira, 19 de março de 2012**

O dia foi marcado com uma aula no Domínio da Matemática, utilizando o material *Cuisenaire*. A educadora relembrou a história do pirata (referente ao dia 5 de março). Perguntou qual é a peça mais importante e os alunos disseram que servia para medir todas as outras peças. Jogaram ao jogo do pirata, associando o número de saltos das personagens ao valor das peças. Todos retiraram do conjunto as peças que valiam 1 e 2 unidades repetindo o padrão que se visualiza na figura 49. Leram o padrão por cores e depois por valores.

Seguidamente, a educadora disse que o pirata tinha uma missão, ajudar a retirar um gato de cima de uma árvore. A educadora pediu sugestões, e um aluno disse que precisavam de uma escada. Desta forma, os alunos fizeram a escada crescente, seguindo as indicações.



*Figura 49 – Padrões utilizando o material Cuisenaire*

### **Inferências**

O conceito de padrão está associado a termos como: regularidade, sequência, motivo, regra e ordem. Por isso como refere Caldeira (2009, p. 177), um padrão representa uma “disposição ou arranjo de números, formas, cores ou sons, onde se detectam regularidades.” Segundo esta autora (2009, p. 178), citando Vale, Palhares, Cabrita e Borralho, os padrões “pretendem ajudar os alunos a aprender uma matemática significativa e/ou a envolver-se na sua aprendizagem facultando-lhes um ambiente de aprendizagem que tenha algo a ver com a sua realidade e experiência.”

### **Terça-feira, 20 de março de 2012**

O primeiro momento da manhã foi marcado por duas atividades dadas pela minha colega Liliana. Começou por lecionar uma atividade, utilizando tintas, distribuiu uma folha de papel, as crianças pintaram com o pincel, e vários elementos (farinha, areia e arroz).

Seguidamente, a Liliana contou a história “O Mundo das Cores”, utilizando o computador para mostrar as imagens.

No segundo momento da manhã, lecionei uma atividade relacionada com a história “A aventura do comboio Rodinhas”, lida no dia 13 de março. Depois de os alunos relembrares a história e já sentados nas secretárias, os alunos enfeitaram com canetas de feltro uma carruagem.

### **Inferências**

As atividades de Expressão Plástica permitem práticas pedagógicas criativas, inventivas e inovadoras, pois proporcionam o uso de diversas técnicas e a manipulação de vários materiais que complementam as atividades desenvolvidas em sala de aula, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança. Tal como afirma Vasconcelos (2008), as atividades de Expressão Plástica:

pela sua enorme variedade, pelo seu carácter experimental e pela sua possível associação a todas as outras formas de expressão, assumem um carácter transversal a toda a aprendizagem e potenciam o desenvolvimento das diversas competências previstas para o ensino pré-escolar, o que as

transforma em elementos fundamentais no desenvolvimento da imaginação, da criatividade e da destreza manual nas crianças (p. 67).

### **Sexta-feira, 23 de março de 2012**

Durante a manhã, um professor da Supervisão Pedagógica solicitou que eu lecionasse uma atividade utilizando Blocos Lógicos para explorar teoria de conjuntos e os atributos das peças. Os alunos estavam sentados no chão e à sua frente tinham dois arcos e uma arca com as peças deste material.

Para a exploração das peças, vendei os olhos de alguns alunos e estes iam descobrindo as várias características. As restantes crianças iam confirmando ou não estas informações. Seguidamente e dando orientação espacial, os alunos colocavam as peças dentro dos arcos (linhas fronteira). Pedi várias vezes, que eles contassem os elementos existentes, fazendo uma associação aos algarismos móveis. Referi que um conjunto com um elemento, designamos conjunto singular.

Na Área do Conhecimento do Mundo continuei a orientar a manhã de atividades como estava programado. Mostrei aos alunos um periquito verdadeiro. Os meninos observaram o animal por alguns minutos, fiz algumas perguntas acerca do mesmo, conduzi o diálogo com os alunos de modo a valorizar o que já sabiam sobre o animal, focando as características físicas do mesmo.

### **Inferências**

Durante a atividade que me foi proposta considero que estava calma, tranquila e senti-me em sintonia com o grupo, por sua vez, as crianças encontravam-se serenas e participativas. Nestes momentos de interação e de realidade educativa, ganhamos consciência da importância da Prática Profissional e do supervisionamento da mesma. Tal como salientam Alarcão e Roldão (2008, p. 56), “a supervisão tem um papel securizante. É mesmo considerada fulcral no processo de formação. (...) a supervisão como atividade de apoio, orientação e regulação aparece como uma dimensão de formação com grande relevância, não obstante a heterogeneidade das suas práticas.” Neste sentido foi e é importante lecionar e orientar atividades, pois para além da experiência da comunicação que estabelecemos com os alunos, para além das estratégias que tentamos implementar existe o fator da supervisão e da reflexão que nos ajudam a compreender e a melhorar aspetos menos positivos.

### **3.<sup>a</sup> Secção**

**Período de estágio:** 1 de abril a 22 de junho de 2012

**Faixa Etária:** 4 anos

**Bibe:** Encarnado

**Professora Cooperante:** Marta

#### **3.1. Caracterização da turma**

A turma do Bibe Encarnado A é constituída por 16 crianças do sexo masculino e 13 do sexo feminino.

A nível afetivo, a turma não manifesta problemas de relacionamento, existem grupos que partilham brincadeiras e conversas. Existem crianças mais extrovertidas e comunicativas e outras que apenas o fazem quando solicitadas.

A nível cognitivo, o grupo não apresenta disparidades de aprendizagem e comportamento, no entanto existem crianças com mais dificuldades e outras mais desenvolvidas. O grupo é muito interessado, colaborativo e participativo nas atividades propostas.

A nível económico, a turma pertence a um nível médio-alto. Quanto à formação académica, os pais dos alunos distinguem-se por dois níveis de formação: superior e secundário.

#### **3.2. Caracterização do espaço**

A sala do Bibe Encarnado A localiza-se no salão do Jardim-Escola. A sala contém cinco mesas redondas e vinte e oito cadeiras. Numa das paredes estão dispostos os trabalhos realizados pelas crianças, bem como toda a decoração. Dispõe de um armário onde estão colocadas as pastas e todos os materiais necessários. Ao longo da sala é visível as portas que dão acesso a outras salas de aula. Este espaço é alegre e local de passagem para todos. É uma sala de grandes dimensões, como se visualiza na figura 50 e é partilhada com a turma do bibe encarnado B. Como é referido nas Orientações Curriculares (1997, p. 32), “(...) a criança está habitualmente inserida num grupo que tem características próprias, partilhando um espaço e um tempo comuns”.



Figura 50 – Sala do Bibe Encarnado A

### 3.3. Horário da turma

A preparação de um horário pressupõe a organização e coordenação de atividades, que promovam o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças, de acordo com as áreas estipuladas pelas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar. Este horário deve ser flexível, dependendo das situações e contextos que possam surgir no dia-a-dia, como se pode observar na figura 51.

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
<b>1º Tempo (manhã)</b>	Acolhimento às crianças				
	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática Educação Musical (10h30/11h)	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática Cerâmica * (9h30/10h45)
	Hora do conto: estimulação à leitura/teatro de fantoches				
	Suplemento alimentar Recreio orientado e livre				
	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h50/11h50)
<b>12.00</b>	Higiene pessoal/Almoço				
<b>2º Tempo (tarde)</b>	Recreio orientado e livre				
	Grafismos Pré-Escrita	Informática (14h/16h) Picotagem/ dobragem	Rasgagem Colagem	Actividades Plásticas	Clube Europeu/ Experiências
	Modelagem com Terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação Espacial	Desenho livre/orientado	Puzzles e jogos de mesa
<b>16.00</b>	Lanche				

Figura 51 – Horário de turma do Bibe Encarnado A

### 3.4. Relatos Diários

#### Terça-feira, 10 de abril de 2012

Este foi o primeiro dia que o grupo de estágio esteve em contacto com esta turma.

A turma iniciou a manhã com uma aula no Domínio da Matemática, utilizando os 3.º e 4.º Dons de Froebel. A educadora lembrou algumas construções como: a mobília de quarto, a mobília de sala e a camioneta. Durante a construção das mesmas, a educadora foi criando situações problemáticas do quotidiano das crianças.

#### Sexta-feira, 13 de abril de 2012

A manhã foi iniciada com o material Calculadores Multibásicos. Fizeram uma revisão sobre a constituição do mesmo. Seguidamente trabalharam a pares. Um aluno ficava com as placas e as peças, e outro com o envelope com os algarismos móveis. Retiraram uma placa e colocaram-na à sua frente, a educadora ditava as quantidades para cada furo, enquanto isto, o outro aluno procurava o número correspondente à quantidade como se visualiza na figura 52. Posto isto, fizeram a leitura da placa por cores e a educadora fazia perguntas: “Qual é a torres mais alta? Se eu quisesse que a torre azul ficasse do mesmo tamanho que a amarela, quantas peças teria que ir buscar?”.

O último tempo da manhã foi marcado com uma introdução ao tema dos mamíferos. A educadora apresentou um *powerpoint*, onde apresentava a imagem do animal, o som que este produzia, as características e o *habitat*.



Figura 52 – Representação de uma quantidade com o Cuisenaire



## **Inferências**

Nesta primeira fase de contacto com o material, as crianças além de o manusearem, deverão ter a possibilidade de fazerem as suas próprias descobertas. Os alunos já adquiriram que a cada cor corresponde um furo.

Para além do jogo das torres, o grupo associou quantidades ao número correspondente. Embora seja um jogo trabalhado desde o início do ano, Caldeira (2009, p. 190) refere que “este jogo pode ser explorado durante o tempo que a professora achar conveniente e sempre que considere necessário.” Tem como finalidade os alunos adquirirem determinadas noções, nomeadamente a de saber a que corresponde cada cor e quantos elementos tem cada torre.

### **Segunda-feira, 16 de abril de 2012**

A manhã de atividades foi iniciada com a aula de Iniciação à Matemática usando o material Tangram. Cada aluno tinha um exemplar, explorou as características e construiu o quadrado grande, o retângulo e o triângulo.

Posteriormente, a educadora retirou da “Maleta das Histórias” o livro e contou a história que a família de um aluno tinha escrito. Este livro reúne as várias histórias, que os alunos escrevem com a sua família.

## **Inferências**

Como refere Caldeira (2009, p. 398), “a obtenção de figuras por junção de outras, confere a este puzzle potencialidades na realização de atividades de percepção visual no plano, ou seja a capacidade de isolar partes de um todo que se considera como fundo.” Depois das construções realizadas, a educadora fez uma “leitura descritiva e linear”, e a criança referiu onde começou a figura e onde terminou, ou seja identificou a peça e localizou-a no espaço.

Em relação à “Maleta das Histórias” afirmo que é uma excelente forma de contacto não apenas entre a família e a escola, mas também entre pais e filhos. Segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE) (2005, p. 76) através destas relações há possibilidade de comunicar, gerir cumplicidades de modo a que se fortaleçam “as referências tão importantes no crescimento dos filhos/alunos.” Ainda o CNE declara que a “comunicação tem de ser uma constante, tem de fluir, tem de ser efectiva entre as Famílias e a Escola, e vice-versa, desde os pequeninos do Jardim-de-Infância até ao Secundário.”

**Terça-feira, 17 de abril de 2012**

O Geoplano foi o material estruturado escolhido pela educadora. As crianças contactaram pela primeira vez com este material. A educadora verbalizou as características e representou na placa as várias figuras geométricas, referindo que se consegue realizar várias representações. Depois destas indicações, os alunos fizeram a respetiva atividade.

### **Inferências**

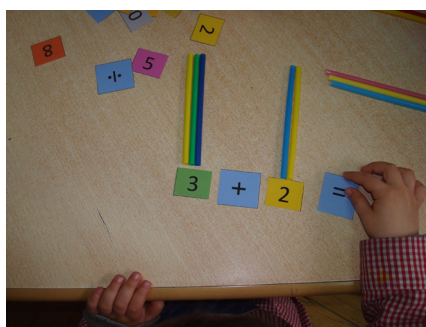
Antes de inferir sobre este material gostaria de relevar o facto, de a educadora atribuir tarefas tanto a nível de distribuição de material, como de responsabilizar a posição de “chefe”. Para Borràs (2002, p. 230), a divisão de tarefas contribui para pôr ordem na aula e “ajuda as crianças a serem mais responsáveis e colaboradoras, ao mesmo tempo que as ensina a cuidar dos materiais que as rodeiam.”

Ao longo da atividade foi visível o encantamento das crianças pela parte de criar e de manusear este material. Como refere Caldeira (2009, p. 410), citando Matos e Serrazina, “a formação de conceitos pertence à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência.” A experiência adquire-se através da prática e é desta que se ganha a experiência e se adquire a competência.

**Sexta-feira, 20 de abril de 2012**

O dia de atividades iniciou-se com o Domínio da Matemática, utilizando materiais alternativos: palhinhas e algarismos móveis. A educadora trabalhou as operações: adição, subtração e divisão que se visualizam nas figuras 53, 54 e 55. Os alunos iam colocando debaixo das palhinhas, o número correspondente à quantidade.

Depois do recreio, a educadora lecionou uma atividade sobre Estimulação à Leitura. Através de imagens, os alunos construíam a história.



*Figura 53 – Representação de uma adição*

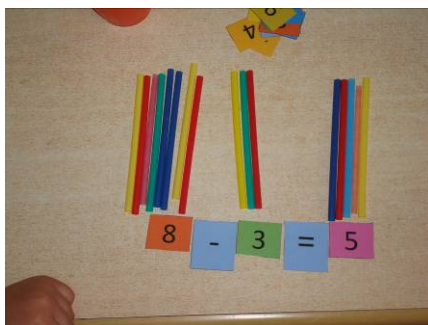


Figura 54 – Representação de uma subtração

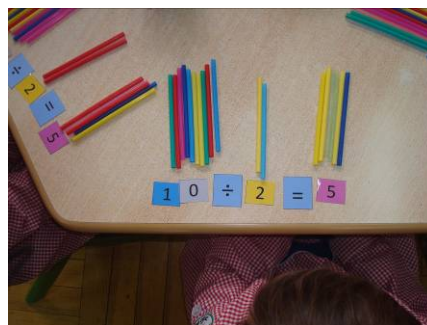


Figura 55 – Representação de uma divisão

### Inferências

As palhinhas, como material alternativo “funciona como suporte à contagem” (Caldeira, 2009, p. 317). Uma das noções elementares desenvolvidas com este material é as diferentes operações. A criança ao contactar com as palhinhas desenvolve do concreto para o abstrato e através dessa manipulação fará a respetiva aprendizagem.

Segundo Forte (2008, p.18), citando Kopnin (1978, p. 54), o abstrato é o “isolamento de alguma propriedade sensorialmente acessível do objeto”. Por sua vez, o concreto pode referir-se ao palpável, manipulável, e outra, mais ampla, inclui também as imagens gráficas. Ainda sobre o concreto, por vezes, o real confunde-se com o concreto. Para que haja rigor matemático é fundamental, que o professor crie situações onde utilize: palavras, expressões, símbolos e raciocínios. Também é “preciso começar pelo conhecimento dos alunos, que é um ponto distante e oposto ao rigor matemático, porque é empírico e baseado no concreto”. (<http://www.accessu.com.br>)

### Segunda-feira, 23 de abril de 2012

O *Cuisenaire* foi o material estruturado escolhido para iniciar a manhã. Depois de duas crianças distribuírem o material e duas imagens: um menino e uma abelha, a educadora pediu que a turma fizesse a “escada”. Fazendo a representação no quadro, a educadora pediu que lessem a “escada” por cores e por valores. Posteriormente, a turma trabalhou a dezena, a meia dezena, o dobro e a metade. A educadora fez “jogos numéricos” e realizou exercícios de observação em relação à escada.

Para finalizar, jogaram ao jogo dos comboios.

## **Inferências**

O grupo ao realizar a “escada” (agrupar as várias peças por ordem crescente ou decrescente dos seus valores) mostrou alguma desorientação. Foi também desenvolvido alguns aspetos relacionados com a geometria.

No dia-a-dia das crianças é visível a multiplicidade de situações relacionadas com a aprendizagem. Neste caso a atividade efetuada e orientada deveria permitir a vivência de vários exercícios.

Para Serrazina (2008, p. 16) é importante que a geometria permita “a capacidade de determinarmos a nossa posição no espaço relativamente a outros objectos com a ajuda de termos/conceitos elementares tais como: direcção, distância, (...)”. Esta autora (2008, p. 16) refere ainda um exemplo sobre esta temática: “uma criança, ao observar a imagem de um objecto terá de procurar a posição que deverá assumir para poder visualizar esse objecto daquela forma”.

Durante a realização dos “jogos numéricos”, o grupo vai aprender “que a cada cor corresponde um valor. A partir da observação da “escada”, pode visualizar a sequência numérica de 1 a 10. Vamos chamar um à branca, dois à encarnada, três à verde-clara e assim até à laranja, que é dez” (Caldeira, 2009, p. 120).

## **Terça-feira, 24 de abril de 2012**

Durante a manhã, os alunos dos vários bibes puderam assistir a uma exposição sobre a ilha dos Açores. A representante falou das 9 ilhas, das atrações, costumes, hábitos, bem como da atividade vulcânica e da alimentação (montada no ginásio do jardim-escola).

No segundo tempo da manhã, os alunos terminaram a prenda do dia da mãe.

## **Inferências**

O local criado no ginásio constituiu um espaço de socialização, proporcionando o contacto entre adultos e crianças, revelando a realidade da ilha dos Açores. Este momento mostrou ao público a diversidade de costumes existentes no nosso país, tornando-se assim um privilégio partilhar e assistir a este tipo de iniciativas educativas.

Com este tipo de atividades a escola cria condições para as crianças conhecerem, descobrirem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais.

## **Sexta-feira, 27 de abril de 2012**

Durante este dia, as Professoras de Prática Profissional assistiram a aulas programadas pelas estagiárias. Eu e a minha colega observámos as atividades lecionadas pela estagiária Ana abordando, na Área do Conhecimento do Mundo, a zebra e as suas características. No Domínio da Matemática abordou a divisão utilizando os Calculadores Multibásicos e, por fim, no Domínio da Oralidade e Abordagem à Escrita contou uma história sobre o animal, havendo participação por parte das crianças.

### **Inferências**

Ao longo do ano, e presenciando as atividades de todo o grupo de estagiárias, observou-se uma evolução manifesta de uma “mentalidade aberta”, ou seja, pessoas que assumiram novas ideias, ouviram mais do que um lado e aceitaram alternativas. Também a responsabilidade esteve patente no desempenho escolar. Para Nóvoa (1992, p. 9), “não há ensino de qualidade, nem reforma educativa, nem inovação pedagógica, sem uma adequada formação de professores.” É fundamental que o professor expresse o seu valor pedagógico, mas também e não menos importante a sua dimensão humana.

No seguimento desta ideia, Nóvoa afirma que “a formação de professores tem ignorado, sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo «formar» e «formar-se», não compreendendo que a lógica da actividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação” (p. 24).

## **Segunda-feira, 30 de abril de 2012**

As duas turmas do bibe encarnado iniciaram a manhã por confeccionar um bolo de iogurte. Posteriormente, a educadora realizou um jogo com uma bola.

### **Inferências**

A confeção do bolo de iogurte permitiu ao grupo um contacto com o mundo da cozinha. Segundo Spodek & Saracho (1998, p. 294), as “experiências culinárias também podem ser usadas para estimular o aprendizado de ciências nas crianças pequenas (...) as experiências também podem ser usadas para conversar sobre nutrição e sobre o que as crianças precisam para um crescimento saudável.” Estas experiências despertam nas crianças curiosidade e interesse por uma descoberta mais profunda sobre os alimentos saudáveis.

Durante esta atividade, a educadora questionou as crianças no Domínio da Matemática. Tal como referem Levy, Guimarães e Pombo (1994), “(...) a interdisciplinaridade envolve um desencadear de um processo linguístico e comunicativo, uma interseção dialógica entre aqueles que vêm de várias especialidades.” Assim a interdisciplinaridade deverá ser introduzida sempre que possível e que seja oportuno.

#### **Sexta-feira, 4 de maio de 2012**

A educadora Marta solicitou-me para uma atividade no Domínio da Matemática. Abordei a divisão, e utilizei palhinhas e figuras. Criei uma história sobre a quinta e os animais, realizando duas situações problemáticas. Ao longo do meu discurso empreguei expressões como “distribuir igualmente”, “repartir igualmente”.

Depois de regressarem do recreio, a Liliana contou a história “O que se passa aqui?”.

#### **Inferências**

Quando me deparo com situações concretas, ou seja, o “confronto” direto com as crianças percebo a importância que elas merecem, em que devo aplicar a minha capacidade educativa para participar no seu desenvolvimento como ser humano, ir ao encontro dos seus interesses, desejos e manifestações. Nesta vertente terei que me atualizar para estar à altura de todos os desafios que poderão surgir. Assim, as crianças necessitam de “(...) pessoas que sejam academicamente competentes, que dominem as matérias que vão ensinar e que se preocupem com o bem-estar das crianças e dos jovens.” (Arens, 2008, p. 17) Estes são os pré-requisitos para a realização escolar e aprendizagem social dos alunos. Por sua vez, Estanqueiro (2010, p. 31) afirma que “a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos.” Se os professores estiverem motivados e interessados em ensinar, os alunos estarão, certamente, mais receptivos a aprender.

Durante o conto da história, a Liliana optou por uma postura de segurança e tranquilidade. Por sua vez, o grupo estava rendido à história, num mundo de utopia. Tal como afirma Wiertsema (1991, p. 11), “a entrega total à fantasia e às situações imaginárias, (...) permite a libertação e a revelação de «poderes» desconhecidos – um novo discernimento, autoconfiança ou uma nova energia, que nos pode ajudar a coexistir melhor com a realidade do quotidiano.” É de referir que no final, as crianças mantiveram-se estáticas à espera que a história continuasse, tal era o seu interesse.

## **Segunda-feira, 7 de maio de 2012**

As duas turmas do bibe encarnado iniciaram a manhã por confeccionar queques de chocolate. Posteriormente a educadora contou a história “Todos no Sofá” de Luísa Ducla Soares.

### **Inferências**

Durante a execução desta atividade de culinária foi visível por parte da educadora o incentivo e elogio nas atitudes, nos valores positivos, bem como das atividades realizadas, individualmente, pelas crianças. Tal como refere Arends (2008, p. 139), “a utilização de (...) elogios e privilégios são exemplos dos incentivos e recompensas que os professores têm ao seu dispor, para fazer com que os alunos desenvolvam os hábitos pretendidos e se comportem de determinada forma.” Este pensamento de Arens deriva da teoria do reforço que é aplicado em muitas salas de aula. Como recompensa do seu trabalho, o grupo degustou uma agradável sobremesa.

Ainda no seguimento deste conceito, Sanches (2001, p. 58) refere que “utilizar oportunamente o reforço positivo é meio caminho andado para obter o sucesso dos alunos. Afirmo, ainda, que o “elogio tem de ser oportuno, adequado, no momento exato.”

## **Terça-feira, 8 de maio de 2012**

O dia de atividades foi iniciado com o Domínio da Matemática. A minha colega Liliana utilizou o material estruturado: 3.º e 4.º Dons de Froebel e as palhinhas. Realizou as construções: mobília de quarto e a mobília da sala. Durante esta atividade, a colega trabalhou o cálculo mental.

No momento seguinte da manhã, a educadora contou a história “O incrível rapaz que comia livros”.

### **Inferências**

Durante este período de estágio, além dos intervenientes diretos, as educadoras e as crianças, tenho a mencionar a cooperação, interajuda entre mim e a minha colega Liliana.

Para Pacheco (1995, p. 150), “a relação de interajuda é explicada pelo conhecimento mútuo que os estagiários têm entre eles, sendo muitas das vezes os núcleos escolhidos de acordo com as amizades criadas ao longo do curso”. Ao longo de todo este “caminho” não houve competição, nem o desejo de ser melhor a qualquer

custo. O nosso objetivo foi mutuamente reconhecido, criado por uma cumplicidade de interajuda para atingir o resultado final ou seja a ligação entre nós e as crianças.

### **Sexta-feira, 11 de maio de 2012**

Ao longo da manhã, a minha colega Liliana lecionou 3 atividades. Na Área do Conhecimento do Mundo abordou o tema da laranja. Dialogou com as crianças sobre as características da laranja, referindo a sua importância para a alimentação e apresentando elementos vivos. Depois semeou as sementes da laranja num vaso, e explicou ao grupo o processo de plantação e os cuidados para a manter.

No Domínio da Matemática utilizou o 3.º e 4.º Dons de Froebel, construindo o poço e a camioneta. Ao longo desta atividade trabalhou situações problemáticas, quantidades e contagens.

Por fim, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita leu e explorou a história “Era uma vez uma laranja” tendo como suporte um *powerpoint*.

### **Inferências**

Para iniciar a primeira atividade, a Liliana dialogou com as crianças e tentou perceber que conceções alternativas tinham as crianças em relação ao tema. As conceções alternativas são “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser consideradas como distrações (...), mas sim como possíveis modelos explicativos (Martins (2009, pp. 28-29), citando Cachapuz). Este autor diz que muitas destas conceções levadas pelas crianças “são muito sólidas e resistentes ao ensino.”

Em relação ao Domínio da Matemática, a colega formulou situações problemáticas essenciais para o treino destas, pois como refere Palhares (2004, p. 7), citando Pólya, “aprende-se a resolver problemas resolvendo problemas.” A formulação de problemas adequados proporciona “a exploração de conceitos matemáticos importantes (...).”

A última atividade permitiu às crianças um contacto com o meio audiovisual, pois como referi anteriormente, a utilização deste aumenta as possibilidades de atividades e de forma mais eficaz.

### **Segunda-feira, 14 de maio de 2012**

Durante esta manhã lecionei 3 atividades programadas e assistidas pelas Orientadoras de Prática Pedagógica. Na Área de Conhecimento do Mundo proporcionei contacto com um animal verdadeiro, o borrego que se vê na figura 56.



Conduzi o diálogo de modo a que os alunos visualizassem as características físicas do animal. Para lecionar esta atividade vesti-me de pastora. No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita contei a história “Ovelhinha dá-me lã” com o auxílio de um *powerpoint* que se pode visualizar na figura 57. Depois de terminar, cantei com os alunos a música “Havia um pastorzinho”. No Domínio da Matemática abordei a divisão. Utilizei material alternativo, caixas e cachecóis em lã e criei 3 situações problemáticas para explorar este conteúdo como se observa na figura 58.



*Figura 56 – Animal: borrego*



*Figura 57 – Momento da história*



*Figura 58 – Representação de uma divisão, utilizando cachecóis*

### **Inferências**

O contacto com a vida animal para as crianças da cidade, não é muito habitual. Assim optei pela experiência de levar um borrego o que possibilitou o contacto real com algo que habitualmente veem ou na televisão ou em livros. Foi curioso, o facto de uma criança passar pelo animal e dizer “É um cão!” Como refere Roldão (1995, p. 18), “o contacto com a realidade e situações que saiam dos estritos limites do seu meio local”, contribuem para alargar o seu conhecimento do mundo.

O momento da música foi adequado e despertou nas crianças uma situação de alegria e de expressão musical, porque “cantar é uma atividade habitual na educação pré-escolar que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo” (Orientação Curriculares, 1997, p. 64). A expressão musical está relacionada com a

linguagem, pois a criança deve compreender o que diz, explorar o carácter lúdico das palavras e conceber novas transformações da letra inicial. (Orientação Curriculares, 1997, p. 64)

No final das atividades conversei com as crianças e referi que tinham correspondido às expectativas que lhes tinha depositado. Vários autores valorizam e defendem que se deve dar o feedback aos alunos, permitindo que os educadores lhes comuniquem as expectativas.

### **Terça-feira, 15 de maio de 2012**

Durante esta manhã, o Bibe Encarnado A e B dirigiram-se até à cantina e confeccionaram *pizza* e individualmente, cada um escolhia os ingredientes e colocava na base, previamente preparada pelas educadoras. No período da tarde, todos comeram a sua *pizza*.

### **Sexta-feira, 18 de maio de 2012**

A manhã foi iniciada com a execução da prenda do Dia Mundial da Criança. Com uma t-shirt, as crianças delineavam um desenho com tinta de tecido e um chapéu “salpicado” com tintas, como se verifica na figura 59.

Posteriormente, no Domínio da Matemática, a educadora realizou uma revisão das construções do 3.º e 4.º Dons de Froebel.



*Figura 59 – Crianças a “salpicarem” o chapéu com tintas*

### **Inferências**

A realização desta atividade proporcionou à criança desenvolver a sua criatividade e expressar livremente aquilo que sente, dando asas à sua imaginação através de uma panóplia de cores. O facto de se encontrarem no exterior possibilitou uma maior descontração e liberdade. Como referem as Orientações Curriculares (1997, p. 62), “importa, por exemplo, que as crianças tenham sempre à sua disposição

várias cores que lhes possibilitem escolher e utilizar diferentes formas de combinação.”

Durante este momento houve um “cuidado com os materiais e a responsabilização pelo material colectivo, bem como o respeito pelo trabalho dos outros (...)”

### **Segunda-feira, 21 de maio de 2012**

Durante esta manhã realizaram-se aulas programadas pelas estagiárias e observadas pelas Professoras de Prática Profissional.

A minha colega Inês Pereira lecionou na Área de Conhecimento do Mundo o tema “O Café”, mostrou um *powerpoint*, bem como um moinho e uma máquina de café real. No Domínio da Matemática através do material Calculadores Multibásicos criou situações problemáticas trabalhando o cálculo mental. No Domínio da oralidade e abordagem à escrita leu uma história “O grão de café” criada por uma amiga e dinamizou com letras móveis duas palavras relacionadas com o tema: grão e café.

#### **Inferências**

Como afirma Caldeira (2009a, p. 140), citando Serrazina (2005), na sua tese de doutoramento, “a matemática deve ser ensinada desde o pré-escolar e de forma motivante para as crianças, para combater o insucesso. Deve-se desenvolver o cálculo mental desde o pré-escolar de uma forma que os alunos se interessem.”

Para Fernandes (2005) o cálculo mental é:

A capacidade de efectuar operações sem suporte, sem material de escrita, nem meios electrónicos apresentando-se apenas o resultado final e ao mesmo tempo o sentido do número. Desta forma a criança pode conjecturar o conceito de número com a noção de número como representação simbólica dos elementos de um conjunto (p.16).

O uso do cálculo mental é essencial no dia-a-dia das crianças, pois irão encontrar situações práticas, que contribuem para desenvolver a elasticidade mental.

### **Terça-feira, 22 de maio de 2012**

A manhã foi iniciada com o Domínio da Matemática. O grupo trabalhou a pares e utilizaram as Calculadoras Papy. Através de situações problemáticas, as crianças trabalharam o material que se observa na figura 60. Visto estarem a trabalhar com este recentemente, a educadora referiu que só poderiam colocar uma marca em cada quadrado.

Depois de regressarem do recreio, o bibe encarnado teve aula de música.



Figura 60 – Representação de uma situação, utilizando as Calculadoras Papy

### Inferências

As Calculadoras Papy são constituídas por uma “série de placas ou de painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente (...) e representa um valor numérico.” (Caldeira, 2009, p. 345) As cores utilizadas para este material são: branca (1), azul (2), rosa (4), verde (8). “Para assinalar a representação dos números, podem-se utilizar: massas, fichas, figuras geométricas em papel, ..., qualquer material que ocupe o espaço permitido pelo quarto do quadrado”.

A educadora referiu que “cada placa está dividida em quatro partes e em cada uma delas só pode existir uma peça.” O grupo, apenas, realizou leitura e representação de números inteiros. No entanto, com este material a criança: “a) aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema; (...) c) reconhece a compreensão dos números e da numeração; d) efectua o cálculo com números realizando operações; e) desenvolve o cálculo; e) resolve situações problemáticas.”

### Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Durante a manhã, a minha colega Liliana lecionou três atividades. Na área do Conhecimento do Mundo apresentou ao grupo um esquilo, abordando as características dos mamíferos. Mostrou, também, outros exemplos de mamíferos através de um *powerpoint*, finalizando esta área com uma proposta de trabalho.

No Domínio da Matemática através de uma proposta de trabalho abordou o tema “Itinerários” com o material *Cuisenaire*.

Para terminar, no Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, apresentou umas imagens e construiu uma história a partir das mesmas. Realizou a dramatização da história com as crianças.

## **Inferências**

Para Caldeira (2009a, p. 290), citando Moreira e Oliveira, este tipo de tema matemático, itinerário ou caminhos, “são susceptíveis de serem trabalhados com as crianças mais pequenas, desde que devidamente inseridos em contextos quotidianos e com níveis de complexidade adoptados a estas idades.” As crianças ao realizarem estas tarefas exercitam a capacidade de visualização espacial. É através deste tipo de exercícios, de desenhos, e comparação de formas em diferentes posições, que desenvolvem o sentido espacial.

Durante a atividade realizada pela Liliana, as crianças iam recebendo indicações e/ou pistas, realizando questões do tipo: “Á peça encarnada, vão juntar nas extremidades a peça que equivale meia dezena.” A colega poderia ter diversificado as situações dificultando o grau de aprendizagem.

### **Segunda-feira, 28 de maio de 2012**

Durante o primeiro momento da manhã, as crianças terminaram o presente do dia da criança.

Depois do recreio, o grupo realizou um jogo de memória. A educadora mostrava um cartão com alguns atributos, os alunos visualizavam e procuravam uma imagem com essas características.

### **Terça-feira, 29 de maio de 2012**

Durante a manhã tivemos a visita das Professoras de Prática Profissional. As colegas Sara e Ana foram surpreendidas com uma atividade do Domínio da Matemática e Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, respetivamente.

A Sara abordou o tema “conjuntos”, utilizando o material Blocos Lógicos e a Ana contou a história “Nabo Gigante”, realizando uma dramatização com o grupo do bibe amarelo.

## **Inferências**

Durante a atividade da Sara, esta retratou o tema “conjuntos”. No dia-a-dia organizamos os objetos em conjuntos, mas estes por vezes não são determinados e agrupados de forma precisa. Desta forma, a colega desenvolveu esta temática, distribuindo uma linda fronteira e foi pedindo que o grupo, individualmente, agrupasse as peças por formas, cores, tamanhos e espessura. Tal como afirma Palhares (2004, p. 113), as crianças “têm de aprender a classificar as coisas que são, de alguma

forma, semelhantes e necessitam de aprender a diferenciar entre coisas que são diferentes.”

A história “Nabo Gigante” possibilitou um momento apreciado pelas crianças, que é o da dramatização, para que esta se torna emocionante, foi necessário criar um ambiente acolhedor e de fantasia, de modo ao grupo “viajar” pelo mundo da imaginação.

### **Sexta-feira, 1 de junho de 2012**

O dia foi dedicado às crianças. No primeiro momento da manhã estiveram a brincar em insufláveis. Posteriormente vestiram as t-shirts e os chapéus personalizados anteriormente e realizaram jogos tradicionais, elaborados pelas estagiárias que se pode observar na figura 61.

Visto ser um dia diferente, as crianças almoçaram no recreio e tiveram uma alimentação baseada em *fastfood*.



*Figura 61 – Crianças a brincar livremente*

### **Inferências**

Segundo a Declaração, dos Direitos das Crianças, os direitos serão reconhecidos a todas as crianças “sem discriminação alguma, independentemente de qualquer consideração de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou outra da criança, ou da sua família, da sua origem nacional ou social, fortuna, nascimento ou de qualquer outra situação.”

“A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a actividades recreativas, que devem ser orientados para os mesmos objectivos da educação”. (<http://www.gddc.pt>)

A criança ao brincar, explora sobre a realidade na qual está inserida. O brincar potencia o desenvolvimento já que assim aprende a conhecer, aprende a fazer, aprende a conviver e, sobretudo, aprende a ser. Para além de estimular a curiosidade,

a autoestima e autoconfiança e autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, da concentração e da atenção.

Neto (2003, p. 101), apoiando-se num trabalho realizado por Rothleim e Brett, fez um levantamento das ideias sobre brincar, expressas por pais e educadores. Estes autores defendem que “os pais referiram mais frequentemente o aspecto de brincar ser agradável e divertido”. Por sua vez, os educadores “dão mais importância à função que brincar tem no desenvolvimento social e cognitivo.” No âmbito deste estudo, os educadores afirmam “que brincar encontra-se no currículo, mas de maneira diferente: enquanto para uns, todo o currículo contém brincadeira, para outros, a brincadeira só é permitida quando o trabalho termina.”

### **Segunda-feira, 4 de junho de 2012**

Durante o primeiro momento da manhã, o grupo trabalhou o Domínio da Matemática, com o material *Tangram*. A educadora realizou uma breve revisão sobre as características. De seguida, ditava as posições das peças e as crianças realizavam as construções: o avião, o foguetão, o comboio e o carro de bebé. Posteriormente, a educadora desafiou o grupo para a construção do quadrado, o retângulo, o triângulo e o paralelogramo. A primeira mesa a terminar era premiada com um carimbo na mão.

#### **Inferências**

As crianças mostraram-se participativas, alegres e curiosas, realizando a atividade com atenção.

### **Terça-feira, 5 de junho de 2012**

A turma iniciou o dia com o Domínio da Matemática, utilizando o material Calculadores Multibásicos. A educadora realizou uma revisão sobre as características do material e fez questões do tipo: “Qual é a torre mais alta?”, “Quantas peças tenho que acrescentar para ter a mesma quantidade que a torre verde?”. O grupo trabalhou a pares.

#### **Inferências**

Nesta manhã a atitude de uma criança desenrolou uma situação que acontece muitas vezes, no dia-a-dia de um jardim-escola. Um aluno demonstrou o seu desagrado, por ser contrariado, mordendo outro colega. Este tipo de situações causa constrangimento quer na educadora, quer na própria criança.

Para Cordeiro (2010, p. 233), “quando acontece um episódio de mordedura, interessa também tentar compreender porque é que isso aconteceu, se se passou alguma coisa mais transcendente antes, pois o mais natural é que tenha sofrido alguma contrariedade (...)” Depois deste acontecimento, a educadora falou com a criança para perceber a razão que a levou a morder. Esta alegou que não lhe tinham “dado a bola”. O autor refere que estes comportamentos devem ser “reprimidos” e postos “no seu lugar, ou seja, com um «não!»” Nestes casos “não se deve bater ou castigar fisicamente, embora se tenha de mostrar que é um comportamento errado, que causa dores e faz mal aos outros” (Cordeiro, 2010, p. 235).

### **Sexta-feira, 8 de junho de 2012**

Durante a manhã lecionei 3 atividades, abordando o tema “A praia”. Iniciei a manhã com a área de Conhecimento do Mundo, na qual transformei o espaço de sala de aula numa “praia” como se observa na figura 62. Através de objetos expostos, o grupo foi verbalizando os cuidados a ter durante a exposição ao sol, nomeadamente a alimentação, o uso de protetor solar e a ingestão de água. Posteriormente mostrei as bandeiras de sinalização e dialoguei com o grupo sobre estas, bem com o papel do nadador-salvador na praia. Por fim, estimulei atitudes de respeito pelo meio ambiente, levando as crianças a perceber a importância de manter a praia limpa.

Sucedeu-se o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Apresentei o livro “A história das vogais” e li a mesma com a participação das crianças. Ainda neste domínio, e fazendo uma ligação com o tema anterior construí com o grupo as vogais com búzios e coloquei num quadro previamente feito como se vê na figura 63.

Para finalizar a manhã lecionei o Domínio da Matemática, na qual utilizei o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Com o apoio de um *powerpoint*, em que escolhi uma imagem que apresento na figura 64 contei uma história, na qual as crianças visualizam as duas construções que iriam construir – escadaria e o helicóptero que podem visualizar nas figura 65.



*Figura 62 – “a praia”*



*Figura 63 – Vogais com búzios*





*Figura 64 – Apresentação do powerpoint*



*Figura 65 – Construção do helicóptero*

### **Inferências**

Um dos objetivos gerais da pedagogia referidos nas Orientações Curriculares para a educação pré-escolar (1997, p. 15) é “proporcionar à criança ocasiões de bem-estar e de segurança, nomeadamente no âmbito da saúde individual e colectiva”. O ambiente estabelecido na atividade ofereceu às crianças um acolhimento e uma partilha de conhecimentos relacionados com um tema que preocupa muitos encarregados de educação. Esta atividade tinha como objetivo consciencializar todo o grupo para os cuidados a ter na praia e promover toda a sua segurança. Teve, igualmente, uma vertente de cidadania estimulando o respeito pelo ambiente.

Na segunda atividade achei por bem fomentar e despertar interesse nas crianças o gosto pela descoberta e procura das letras e futuramente pela leitura. Estas demonstraram um domínio satisfatório pela escrita das vogais.

No Domínio da Matemática introduzi a construção do helicóptero. Verificou-se algumas dificuldades, no entanto pedi que observassem o meu exemplo e orientei para a construção.

### **Segunda-feira, 11 de junho de 2012**

A manhã foi iniciada com o domínio da matemática utilizando o material Geoplano. A educadora ao dar referências de lateralidade, o grupo ia construindo figuras geométricas com os elásticos.

Depois de regressarem do recreio, as crianças realizaram uma proposta de trabalho sobre a “praia” elaborada por mim. Os exercícios testavam os conhecimentos adquiridos referentes à atividade do dia 8 de junho. O dispositivo de avaliação da mesma encontra-se em anexo.

## **Inferências**

Depois de uma atividade, uma forma possível de testar as aquisições dos conhecimentos é a realização de uma proposta de trabalho individual. Para Abreu (2005, p. 33), citando Pires, “o trabalho individual, que pode ser mais guiado ou mais livre, é importante para o treino e consolidação das aquisições.”

Através da elaboração destas propostas, o educador consegue visualizar “a criança sob vários ângulos de modo a poder acompanhar a evolução das suas aprendizagens, ao mesmo tempo que vai fornecendo elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa.” Neste sentido este instrumento de avaliação deverá ser adaptado e “responder às necessidades individuais de cada criança. (Circular N.º 4 /DGIDC/DSDC/2011)

### **De 12, 15, 18 a 19 de junho de 2012**

Em virtude de se aproximar o fim do ano letivo, as estagiárias e os alunos estiveram a realizar a prenda de final de ano. Consistia em personalizar uma tela com material reciclado: aparas de lápis, lãs, plasticina, tampas de plástico, caricas, palhinhas como mostro na figura 66. Posteriormente colou-se a fotografia da criança. Iniciaram, também a figura de uma lagarta e de uma joaninha em plasticina para decorar um pote.



*Figura 66 – Tela personalizada com materiais reciclados*

## **Inferências**

As inferências acerca dos dias acima referidos serão descritas de forma concisa com a permissão da minha Orientadora, visto que durante a semana as nossas atividades foram sempre idênticas.

Durante a realização destas atividades, todas as crianças construíram e contactaram com diferentes materiais. Como referem as Orientações Curriculares (1997, p. 57) na realização destes trabalhos práticos, a educadora deve variar as

situações e experiências de aprendizagem, “de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os materiais.”

A criança ao relacionar-se com os materiais reciclados tem como principal objetivo despertar a importância de aprender a reutilizar os materiais que se deitariam para o lixo, desta forma percebem que estão a colaborar com a natureza. Através deste trabalho, as crianças desenvolvem a criatividade e a imaginação. Como Sudan (2008, p. 150) afirma este tipo de trabalhos “estimula a revisão de valores e a adoção de novas posturas e hábitos voltados à minimização de resíduos.”

### **Sexta-feira, 22 de junho de 2012**

Durante este dia, o grupo de estagiárias lecionou a prova prática de aptidão profissional. A minha Prova foi sorteada no Bibe Azul, na qual lecionei na área do Conhecimento do Mundo o tema “Sumo de Maçã”. Durante esta, tentei conduzir um diálogo de modo a apresentar a linha de produção do fabrico do sumo: colheita da fruta; transporte para a fábrica; lavagem da fruta; seleção; cozedura e trituração; pasteurização e produto final. Os alunos participaram em algumas tarefas desse mesmo processo, enquanto era apresentado o processo de elaboração do sumo.

No exterior realizei o “jogo do transporte”, que tinha como objetivo que conseguir encher a cesta no menor tempo será o vencedor.

No Domínio da Matemática abordei os pictogramas. Os alunos teriam que completar o pictograma de acordo com as minhas indicações, bem como tirar conclusões do mesmo.

Para finalizar, e no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita contei a história “A Maçã e a Lagarta” e mostrei ao grupo um *placard* com um conjunto de imagens da mesma. A partir de letras móveis, as crianças construíram as palavras casulo e seda.

### **Inferências**

Considero que foi o dia que me senti mais nervosa. Tal como afirma Alarcão e Tavares (2003, p. 144), pelo simples facto de ser um momento de avaliação, a estagiária “sente dificuldade em ter uma atitude mais espontânea, mais confiante, cordial, (...) No entanto com o decorrer da aula tranquilizei e tentei (...) encontrar a melhor maneira possível de actuar em cada momento” (2003, p. 114).

No início da primeira atividade foi minha intenção como que por “magia” levar o grupo a uma visita de estudo à fábrica do sumo, para os consciencializar do longo processo desde a apanha da fruta até à garrafa final que todos apreciam e que espero tenham ficado a valorizar mais.

No exterior, o jogo permitiu conciliar a brincadeira com a responsabilidade, embora muitas crianças não o tivessem feito. Para Cerquetti-Aberkane e Berdonneau (1997, p. 44) através do jogo “a criança aprende a respeitar a ordem até chegar a sua vez de jogar, descobre o estímulo, desenvolve a paciência, o domínio de si própria.”

No Domínio da Matemática utilizei um pictograma de grandes dimensões para que todos acompanhassem, no seu próprio exemplar que previamente distribuí. Em relação aos pictogramas, Ruas e Grosso (2000, p. 29), afirmam que “as representações gráficas têm nítidas vantagens em relações às tabelas de frequências, não só em termos de facilidade de leitura, mas também quando se pretende obter uma informação geral da distribuição em causa.” Depois de todo o grupo ter completado o pictograma questionei-os de forma a analisá-lo, para tirarem as respetivas conclusões.

Na última atividade sugeri às crianças a realização de um “jogo de palavras.” Através de um conjunto de letras móveis, o grupo teve a oportunidade de “brincar” com estas e formar uma palavra relacionada com uma imagem do *placard*. A utilização destas letras permite “uma decodificação (...) de descoberta, raciocínio lógico e construção do pensamento” (Ruivo, 2009, p. 139).

## **4.<sup>a</sup> Secção**

**Período de estágio:** 27 de fevereiro a 2 de março de 2012

**Faixa Etária:** 2 anos

**Bibe:** Azul-turquesa

**Professora Cooperante:** Maria José

### **Descrição da semana do Seminário com a Realidade Educativa**

Durante esta semana de estágio intensivo estive com a minha colega Liliana na sala do bibe azul-turquesa (2 anos), do Jardim-Escola João de Deus de Torres Vedras.

Por motivos de saúde, a educadora Maria José, encontrava-se ausente durante uns meses e como tal, o bibe azul-turquesa esteve sob vigilância da diretora e das auxiliares de educação.

Ao longo da semana a turma realizou diversas atividades. Irei enumerar algumas.

As auxiliares, Inês Sofia e Joana, organizaram no ginásio um circuito com materiais, e com o meu apoio e da minha colega Liliana, as crianças realizarem exercícios de equilíbrio e salto.

Dramatizámos a história “A lebre e a tartaruga” com o auxílio dos fantoches e do fantocheiro. De seguida cantámos com as crianças a música “O Coelho Alberto” e estas realizaram uma pintura com os dedos.

No fim da semana, o grupo realizou enfiamentos e entrelaçamentos.

### **Inferências**

A semana foi agradável e despertou em mim um interesse especial por esta faixa etária.

Desde muito cedo, deve-se proporcionar às crianças oportunidades de exercícios de motricidade global. A realização de exercícios de equilíbrio e salto permite que o grupo aprenda “a dominar melhor o seu próprio corpo.” (OCEPE, 1997, p. 58)

Um primeiro contacto com a pintura, 2 – 3 anos, explora a alegria de mexer na tinta com os dedos. As crianças sobrepuseram tintas, não se preocupando com o efeito final. Rodrigues (2002, p. 34) refere que “a criança encontra-se numa fase experimental sensorial. Tenta descobrir os seus limites, ao mexer, ao cheirar, e até ao levar à boca o que lhe desperte curiosidade.”

A atividade dos enfiamentos e entrelaçamentos aumenta nas crianças a agilidade manual. Para Borràs (2002, p. 238), “a realização de colares com contas de cores ajudam a desenvolver a destreza manual, a atenção e a paciência.” Estes “jogos educativos são importantes porque atribuem aspectos interessantes e desafios para as crianças encontrem e resolvam o que há a fazer, pela possibilidade de julgar os seus próprios êxitos, de participar de uma maneira muito activa.” (2002, p. 236)

# **CAPÍTULO 2**

## **Planificações**





## **CAPÍTULO 2 – Planificações**

### **Descrição do capítulo**

Ao longo deste capítulo serão apresentados 3 planificações referentes às Áreas do Conhecimento do Mundo e de Expressão e Comunicação, sendo que nesta última Área, será apresentado uma planificação para o Domínio da Matemática e outra respeitando o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

As planificações são baseadas no modelo T de Aprendizagem. Este modelo é utilizado nos Jardins-Escolas João de Deus. Ao longo das planificações apresentarei as devidas inferências e fundamentação teórica, de modo a justificar as estratégias e metodologias utilizadas.

### **2.1. Fundamentação Teórica**

A abordagem dos conteúdos deve fazer-se tendo como referência inclusão dos saberes. Segundo Pacheco (1999, p. 63), “devem apresentar-se os conteúdos de acordo com uma aprendizagem significativa e motivadora que coloque em relevo a quantidade de relações possíveis entre componentes, com problemas reais e aplicações/transposições para a vida quotidiana, proporcionando um largo conjunto de experiências.”

Segundo Posner e Strike (citado por Pacheco, 1999, p. 65), poderão ser indicadas possibilidades de sequencialização dos conteúdos:

- i) “sequencializações que apresentam como referência o mundo real. Nesta sequencialização, o conteúdo reflecte as relações espaciais e temporais ou os atributos físicos existentes no mundo real (estudo de partes das plantas seguindo uma disposição do espaço, abordagem de acontecimentos históricos produzidos sequencialmente no tempo);
- ii) sequencializações de relações conceptuais. Consistem na organização de conceitos de acordo com as relações e dependências entre eles seguindo uma estrutura lógica. É a ordem baseada nas disciplinas;
- iii) sequencializações ligadas a processos de indagação. Têm como base o processo de descoberta ou verificação do conhecimento. Reflectem a lógica da metodologia interna de cada área de conteúdo ou pensamento;
- iv) sequencializações psicológicas de aprendizagem. Neste tipo de sequencializações o que importa é o encadeamento de diferentes tipos de aprendizagem de modo a alcançar outros mais complexos. Podemos apontar como exemplos as tipologias de aprendizagem de Gagné e Ausubel (grau de dificuldade, requisitos, experiência anterior, etc.);

- v) Sequencializações relacionadas com a utilização da aprendizagem em contextos sociais, profissionais ou pessoais (centros de interesse, projectos em torno de problemas sociais, actividades da vida quotidiana) ”.

Quanto à organização e gestão da turma Pacheco (1999, pp. 174-184) destaca:

- a) Delimitação das fases de intervenção. O professor atua a nível da planificação, da realização e da avaliação. Destaca o momento da realização como sendo o desenrolar da aula, dividindo-a em três fases: a introdução, onde o professor apresenta a temática da aula, os objetivos, motiva os alunos, relembra e relaciona os conhecimentos da aula anterior; o desenvolvimento está dependente da planificação, o professor deve ter em atenção o rendimento e a fadiga dos alunos; por fim a conclusão sistematiza “o que foi ensinado”, avalia “o que foi aprendido” e tira dúvidas aos alunos”.
- b) Caracterização do ambiente da sala de aula. O ambiente é influenciado pelo meio e resulta numa “negociação táctica e permanente entre professor e aluno”.
- c) Organização do espaço. A organização do espaço “é uma realidade já feita, dispondo os professores de escassas possibilidades de a modificar.” Este autor destaca três modelos de organização: os territórios pessoais (“a organização de acordo com as funções que o professor e alunos desempenham e assumem na sala de aula”), dimensão objetiva do espaço (são os objetos presentes na sala, quadro, mesas de trabalho dos alunos, etc.) e dimensão subjetiva do espaço (zona onde há interação entre o professor e o aluno).
- d) Informação sobre os objetivos. Torna-se fundamental clarificar os objetivos da aula em conformidade com os da planificação anual e de unidade, bem como clarificar a linguagem para os alunos.
- e) Captar a atenção e motivação do aluno. A atenção depende, muitas vezes, de fatores externos e objetivos que o professor utiliza (materiais e recursos didáticos, relacionamento com os alunos, bem como preparação e implementação de aulas). A motivação depende do professor (implicação dos alunos nas atividades, variar os materiais, etc.)
- f) Apresentação e organização de informação. O professor deve estruturar os conteúdos programáticos em sequências lógicas, bem como integração disciplinar e interdisciplinar. Quando há troca de informação

entre professor e aluno, existe sempre uma perda havendo necessidade de repetir informação.

- g) Delimitação das tarefas/atividades.
- h) Elaboração de guias para a aprendizagem. Este autor citando Zabalza (1987), “a ideia chave de guiar a aprendizagem é revelar o processo de realização das tarefas de maneira a que o aluno saiba o que tem que fazer.”
- i) Seleção dos materiais e recursos didáticos. Ao longo das aulas, o professor é restrito a nível didático, recorrendo a maioria das vezes aos manuais e livros de texto.
- j) *Feedback* e valorização da aprendizagem dos alunos. O professor recebe o *feedback* formativo, “valorizando o esforço de aprendizagem dos alunos em função das suas capacidades e potencialidades.”

Para Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 30), “o currículo determina resultados de formação e aprendizagem a atingir mas não prescreve os meios ou métodos mediante os quais se podem vir a alcançar aqueles objectivos”. O que interessa é “o que se pretende que os alunos aprendam,” os conteúdos, os métodos e “experiências com que lidam na situação concreta de ensino”.

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro) determina como princípio geral que “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança (...)” Como tal, o educador tem o dever profissional de planificar, entre outras funções. Como é descrito no Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, estes formadores de futuros cidadãos devem-se preocupar com a:

planificação do desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências de que as crianças são portadoras; planifica a intervenção educativa de forma integrada e flexível; planifica actividades que sirvam objectivos abrangentes e transversais, proporcionando aprendizagens nos vários domínios curriculares.

Desta forma, será conveniente definir o conceito de “planejar”. Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, planejar é “fazer o plano de; Definir antecipadamente um conjunto de ações ou intenções”.

Quando se planeia é fundamental que o educador tenha em conta “aprendizagens significativas e diversificadas, reflexão sobre as intenções educativas, articulação das áreas de conteúdo, e participação das crianças no planeamento”, tal como está descrito nas Orientações Curriculares (1997, p. 28).

Segundo Clark e Yinger (citado por Zabalza, 2000, p.48), os professores devem planificar porque minimizam a ansiedade e a incerteza, definindo assim uma orientação que lhes transmite mais segurança.

Todas as planificações que irei apresentar adotam o modelo T de aprendizagens proposto pelo professor Martiniano Pérez.

Segundo este autor (s. d., p.6), ao realizar uma planificação o professor integra todos os elementos do currículo “de uma forma panorâmica e global, numa só folha”. Desta forma, e como se verifica na figura 67, consegue-se integrar numa coluna os conteúdos e numa coluna abaixo as capacidades e destrezas. Por sua vez, do lado direito será apresentada uma coluna com os procedimentos e métodos, e uma coluna abaixo com os valores e atitudes.

<b>Conteúdos</b>		<b>Procedimentos / Métodos</b>	
<b>Capacidades – Destrezas</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Valores – Atitudes</b>	

Fonte: Pérez (s.d., p. 38 )

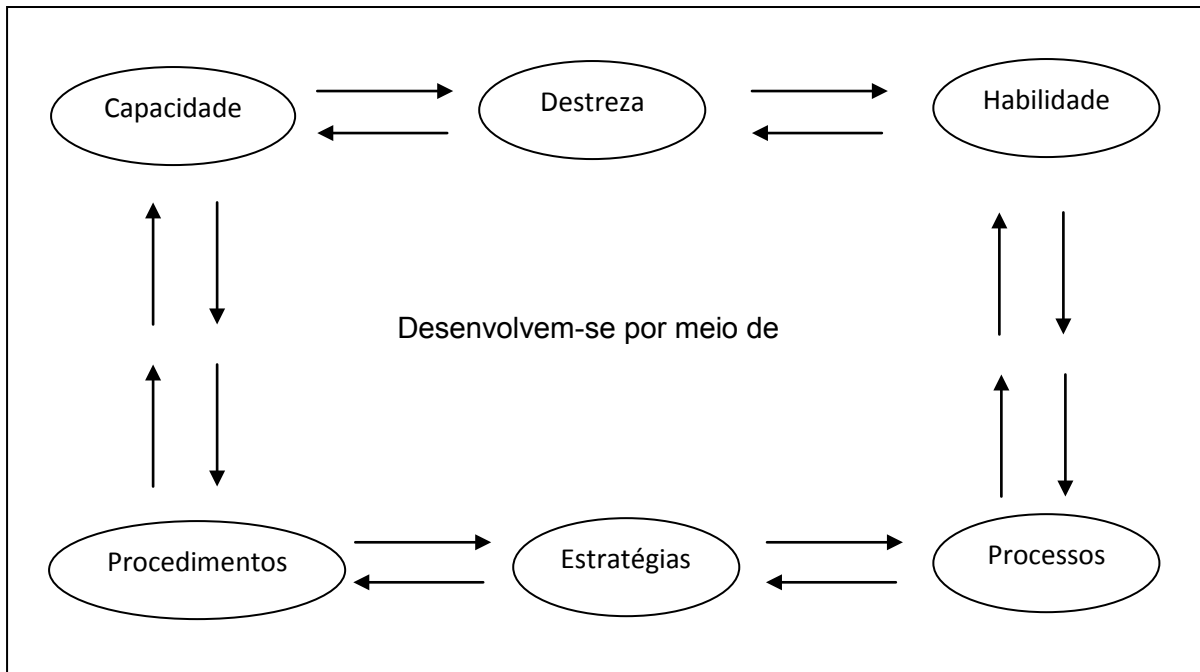
*Figura 67 – Representação do Modelo T de aprendizagem*

Pérez (s. d., p. 7) sistematiza alguns conceitos prévios a ter em conta, que são os seguintes:

- “Capacidade: Habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo;
- Destrezas: Habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade;
- Atitude: Predisposição estável face a ... cujo componente fundamental é afectivo. Um conjunto de atitudes constitui um valor;

- Valor: Estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afectiva;
- Conteúdo: É uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais);
- Método/procedimento: consta das capacidades e valores de um aprendiz.”

A apresentação destes conceitos não define por si só a importância dos mesmos de modo que, é essencial entender a interligação que existem entre os conceitos e a forma como dependem uns dos outros aquando da realização de uma planificação.



Fonte: Pérez (s.d., p.21)

*Figura 68 – Programação por capacidades e valores no âmbito da sociedade do conhecimento*

## 2.2. Planificações

### 2.2.1. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

No Quadro 2 apresenta-se a planificação referente a esta área.

Quadro 2 – Planificação da Área curricular de Conhecimento do Mundo

## Escola Superior de Educação João de Deus

### Plano de Aula

**Professora:** Sofia

**Data:** 8 de novembro de 2011

**Bibe:** Azul (5 anos)

**Tempo:** 20/30 minutos

**Estagiária:** Bárbara Viçoso, N.º 1

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**2.º Semestre do 2.º Ciclo de Estudos**

### Área de Conhecimento do Mundo

Conteúdos		Procedimentos / Métodos	
– Prevenção dentária		– Iniciar a aula mostrando um molde de uma prótese dentária; – Diferenciar e identificar dentes de leite e dentes definitivos; – Distinguir e reconhecer a funcionalidade dos nossos dentes; – Explicar a função do esmalte; – Fomentar nos alunos a prevenção da cárie dentária; – Desenvolver com os alunos a técnica correta de escovagem dos dentes; – Mostrar exemplos de material que contribuem para uma higiene cuidada – fio dentário, escova apropriada, líquido para limpeza bucal.	
Capacidades – Destrezas	Objetivos		Valores – Atitudes
<b>Expressão verbal:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Saber comunicar;</li><li>• Enriquecimento do vocabulário.</li></ul> <b>Raciocínio Lógico:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Interpretar;</li><li>• Identificar.</li></ul>	<b>Responsabilidade:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Disciplina;</li><li>• Cooperação.</li></ul> <b>Motivação:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Interesse;</li><li>• Saber ouvir.</li></ul>		

Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem. O plano está sujeito a alterações.

Redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico.

## Inferências

Ao planear esta aula tive o cuidado de escolher um tema que pudesse incutir hábitos nos alunos, como tal optei pelo tema Prevenção Dentária. Uma boa saúde oral começa no início da vida das crianças. Antes do nascimento do primeiro dente, alguns fatores podem afetar a sua aparência e a sua saúde de forma permanente, daí a importância de alertar para cuidados higiénicos com a boca.

Relativamente à organização da sala, as crianças estavam sentadas em semicírculo. Como refere Arends (1995, p. 97), esta disposição “encoraja mais a participação”, no entanto há que encontrar estratégias para controlar o comportamento pois os alunos podem ter maior tendência para brincarem e falarem com os colegas.

Quanto ao primeiro procedimento, **“Iniciar a aula por mostrar um molde de uma prótese dentária”**, refiro a qualidade do material influenciou positivamente a aula tornando-a apelativa, o facto de ser uma prótese real atraiu a atenção dos alunos. Segundo as Orientações Curriculares para o Pré-Escolar (1997, p. 38), o educador deve atender a critérios “tais como variedade, funcionalidade, durabilidade, segurança e valor estético” em relação à seleção de materiais.

No que se refere ao segundo, terceiro e quarto procedimentos, **“Diferenciar e identificar dentes de leite e dentes definitivos; distinguir e reconhecer a funcionalidade dos nossos dentes, explicar a função do esmalte”**, verifiquei que os alunos já tinham alguns conhecimentos sobre esta temática, pelo que tomei partido dos mesmos para entabular diálogo com os alunos. Como menciona Cachapuz *et al.* (2002, pp. 142-143), o professor “assume um papel de organizador das situações de aprendizagem, direccionando as “descobertas” a fazer pelos alunos.” Ainda, segundo este autor (2002, p. 143), o aluno exerce o papel de “aluno cientista”. Conclui-se desta forma, que “o ensino aprendizagem envolve interações dos alunos entre si e com o professor”. (Ponte e Serrazina, 2000, p. 117)

No procedimento, **“Fomentar nos alunos a prevenção da cárie dentária”**, o objetivo era que as crianças percebessem que a cárie é uma doença que embora se trate, pode causar problemas futuramente. Julgo que esta aula podia ser uma forma de prevenir e alertar os pais para que as crianças escovem os dentes, pois como refere Cordeiro (2010, p. 146), o melhor “tratamento é a prevenção.”

No penúltimo e último procedimentos, **“Desenvolver com os alunos a técnica correta de escovagem dos dentes”**; **“Mostrar exemplos de material que contribuem para uma higiene cuidada – fio dentário, escova apropriada, líquido para limpeza bucal”**, mais uma vez a motivação e o interesse são fundamentais. Segundo Cordeiro (2010, p. 148), “qualquer criação de hábitos será tanto mais eficiente quanto o interessado se envolver com gosto.” Desta forma, o momento da escovagem dos dentes deve ser realizado com alegria e gosto. Este momento deve

ser ensinado “a escovar de maneira ordenada e sistematizada, para que não se esqueça de nenhuma superfície”. (Cordeiro, 2010, p. 149)



## 2.2.2. Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

No Quadro 3 apresenta-se a planificação referente a esta área.

Quadro 3 – Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

### Escola Superior de Educação João de Deus

#### Plano de Aula

**Professora:** Rita

**Data:** 13 de março de 2012

**Bibe:** Amarelo A

**Tempo:** 20/30 minutos

**Estagiária:** Bárbara Viçoso, N.º 1

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**2.º Semestre do 2.º Ciclo de Estudos**

#### Domínio da Matemática

Conteúdos		Procedimentos / Métodos	
– 1.º Dom de Froebel		– Sentar as crianças;	
		– Mostrar a caixa do 1.º Dom de Froebel;	
		– Pedir às crianças que retirem as bolas pela ordem dada (amarela, encarnada, laranja, verde, azul e roxo);	
		– Realizar exercícios de orientação espacial (em cima, à frente, atrás, ao lado);	
		– Mostrar a segunda caixa e pedir que retirem os comboios pelas cores indicadas;	
		– Colocar os comboios junto das bolas que têm a respetiva cor, utilizando orientação espacial e criando situações problemáticas.	
Capacidades - Destrezas		Objetivos	
Valores - Atitudes		Valores – Atitudes	
<b>Relacionar:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Distinguir;</li><li>• Relacionar.</li></ul> <b>Orientação Espacial:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Situar;</li><li>• Comparar.</li></ul>		<b>Responsabilidade:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Atenção;</li><li>• Auto-estima.</li></ul> <b>Rigor:</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Precisão;</li><li>• Interesse.</li></ul>	

Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem. O plano está sujeito a alterações.  
Redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico.

## Inferências

Após ter sentado as crianças, **“Mostrei a caixa de madeira”**. Criei um momento de surpresa questionando os alunos acerca do conteúdo da caixa. As crianças identificaram o material com a ajuda da personagem do Sr. Batata, fui contando uma história. As histórias são uma mais-valia não só na aprendizagem de conceitos matemáticos, mas também para o desenvolvimento da língua materna. Segundo Tonon (2009, p.80), as histórias como recurso didático à matemática aumentam a motivação dos alunos, pois, em geral, eles recebem-nas de forma entusiasmada, motivando-os à participação ativa nas aulas, facilitando o entendimento dos conteúdos abordados, aguçando a curiosidade e desafiando-os.

No segundo procedimento, **“Pedir às crianças que retirem as bolas pela ordem dada (amarela, encarnada, laranja, verde, azul e roxo)”**, Como refere Caldeira (2009, p. 244), “a sequência das cores a ensinar pode ser a do arco íris. No entanto, visto estarmos no bibe amarelo (3 anos), começamos pela cor amarela. Posteriormente, **Realizei exercícios de orientação espacial (em cima, à frente, atrás, ao lado)**. À medida que as crianças iam retirando as bolas, iam colocando as mesmas conforme a orientação espacial dada relativamente à caixa. O treino das capacidades coordenativas é fundamental não só a nível desportivo como no processo educativo da criança. Como referem Carvalho, Assunção e Pinheiro (2009), o treino da orientação espacial “é uma forma de qualquer pessoa otimizar o seu desempenho motor e o seu desempenho cognitivo e com isso o seu bem-estar.” As capacidades coordenativas bem exploradas e trabalhadas convenientemente permitem processar informação de forma mais complexa e especializada melhorando o reportório motor, proporcionando uma resposta mais rápida e com um menor dispêndio energético. (<http://www.efdeportes.com/efd132/treino-das-capacidades-coordenativas.htm>)

Durante o procedimento seguinte, **“Mostrar a segunda caixa e pedir que retirem os comboios pelas cores indicadas”**, as crianças efetuaram uma associação de cores entre os comboios e as bolas.

Para finalizar, **“Colocar os comboios junto das bolas que têm a respetiva cor, utilizando orientação espacial e criando situações problemáticas”**, as crianças fizeram associação de cor e, seguidamente, puderam trabalhar o raciocínio lógico e a linguagem através das situações problemáticas. Tal como refere as Orientações Curriculares (1997, p. 78), o educador deve proporcionar estas situações, preocupando-se que todas as crianças participem neste processo de reflexão e a explicitação “do porquê” das respostas.

**2.2.3. Planificação da Área Curricular de Expressão e Comunicação:  
Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita**

No Quadro 4 apresenta-se a planificação referente a esta área.

Quadro 4 – Planificação da Área curricular de Expressão e Comunicação: Domínio da  
Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

**Escola Superior de Educação João de Deus**

**Plano de Aula**

**Professora:** Rita

**Data:** 13 de março de 2012

**Bibe:** Amarelo A

**Tempo:** 20/30 minutos

**Estagiária:** Bárbara Viçoso, N.º 1

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**2.º Semestre do 2.º Ciclo de Estudos**

**Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita**

Conteúdos		Procedimentos / Métodos	
<p>– <b>História:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>A Aventura do Comboio Rodinhas</b></li> </ul>		<p>– Iniciar a aula por distribuir os alunos nas “carruagens” de um comboio previamente feito;</p> <p>– Explicar que vamos entrar no mundo de um comboio – transporte terrestre;</p> <p>– Ler a história com a colaboração dos alunos;</p> <p>– Apresentar as ilustrações do livro em <i>powerpoint</i>;</p> <p>– Realizar uma atividade de expressão plástica.</p>	
Capacidades – Destrezas	Objetivos		Valores – Atitudes
<p><b>Expressão verbal:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber comunicar;</li> <li>• Fazer-se entender.</li> </ul> <p><b>Classificação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interpretar;</li> <li>• Identificar.</li> </ul>		<p><b>Responsabilidade:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Disciplina;</li> <li>• Cooperação.</li> </ul> <p><b>Motivação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interesse;</li> <li>• Saber ouvir.</li> </ul>	

Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem. O plano está sujeito a alterações.  
Redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico.

## Inferências

Iniciei a aula **por distribuir os alunos nas “carruagens” de um comboio previamente feito**. Este momento suscitou interesse nas crianças e criou curiosidade, o que conduziu a perguntas e respostas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar a sua experiência da vida real.

No segundo procedimento, **“Explicar que vamos entrar no mundo de um comboio – transporte terrestre”**, utilizei estas estratégias para criar interdisciplinaridade em relação ao o tema “Meios de Transporte”. O professor deve proporcionar à criança situações de aprendizagem onde insira as várias áreas de conhecimento. Tal como refere Mendes e Delgado (2008, p. 75), o professor “deve organizar tarefas que permitam articular as diferentes áreas”.

Seguidamente, no procedimento **“Ler a história com a colaboração dos alunos”**, li a história e ao longo da mesma fui executando gestos e inflações de voz solicitando a participação dos alunos. Segundo Aguera (2008, p. 35), “um bom recurso para que o educador acompanhe a narração são os gestos, as encenações, as entoações diante das crianças durante a narração.” Ainda em relação à leitura das histórias, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 70) referem que “as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas ou inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler”.

No quarto procedimento, **“Apresentar as ilustrações do livro em *powerpoint*”**, julgo que as crianças foram recetivas a um momento lúdico. Este meio de transmissão do saber e da cultura transforma a sala de aula num ambiente mais motivador. As novas tecnologias são uma fonte estímulo para as aprendizagens, cabe ao professor proporcionar o contacto com as mesmas. Tal como refere Medina (citado por Silveira Botelho, 2009, p. 5505), “facilitar a aprendizagem está para além de ser um bom professor, facilitar a aprendizagem é também saber ser um bom professor nos diferentes contextos e exigências, em especial no que se refere ao uso da tecnologia.”

No último procedimento, **“Realizar uma atividade”**, os alunos personalizaram com canetas de feltro uma carruagem previamente feito. No fim deste momento todos os alunos verbalizaram o que tinham feito. Posteriormente, fiz uma locomotiva e expus os trabalhos de todos os trabalhos na parede da sala de aula. E foi interessante ver as reações das crianças relativamente aos seus trabalhos. Este tipo de iniciativas ajudam a promover a autonomia e a autoconfiança.

# **CAPÍTULO 3**

## **Dispositivos de Avaliação**



## **CAPÍTULO 3 - DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO**

### **3.1. Descrição do capítulo**

Ao longo deste capítulo irão ser apresentados três dispositivos de avaliação realizados ao longo dos momentos de estágio. As avaliações são referentes às Áreas de Conhecimento do Mundo e Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática e Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita.

Este capítulo irá ter uma primeira parte com a fundamentação teórica sobre a Avaliação, seguido da atividade que irá ser avaliada, assim como a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação.

Num quadro irão ser aplicadas as cotações atribuídas a cada critério, procedendo a grelha de avaliação numa tabela. Os resultados da avaliação serão apresentados num gráfico, com a devida descrição e clarificação dos resultados obtidos.

### **3.2. Fundamentação Teórica**

Avaliação é um processo contínuo de aprendizagem no qual se deve manter a interação entre professor e aluno. Neste caso avaliação não pode ser vista como método de reprovação, mas como uma interação para promover o conhecimento participativo, coletivo e construtivo entre ambos.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2002, p. 27), “avaliar o processo e os efeitos implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.” A reflexão que o educador a partir do que observa permite-lhe estabelecer o progresso das aprendizagens a desenvolver com cada criança.

Também para Gervilla (2006), citado por Caldeira, 2009, p. 126), “a avaliação do processo de ensino e aprendizagem deve ser global, contínua e formativa.” Esta avaliação permite ao educador compreender que mudanças “se produzem, com o resultado das diferentes interações, ou que objectivos se devem continuar a propor.” Ainda esta autora refere que a avaliação “não consiste em fazer juízos de valor, sobre a criança ou sobre os seus trabalhos, mas sim reconhecer informação necessária para apreciar e ajustar eficazmente a acção educativa”.

Para Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 337), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre objectivos atingidos e aquele onde se levantaram dificuldades.”

Fisher (2004, p. 35) refere que “a avaliação que é feita após o planeamento e a aprendizagem avalia não somente a aprendizagem das crianças, mas também a qualidade de ensino.”

A avaliação realizada na Educação Pré-Escolar tem como objetivo “saber se a frequência da educação pré-escolar teve, de facto, influência nas crianças.” Possibilita, igualmente, ao educador ir corrigindo e adaptando o processo de aprendizagem da criança e ir dialogando com os pais os seus progressos. “Este processo refletido define a intencionalidade educativa que caracteriza a atividade profissional do educador.” (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, 1997, p. 94) Por sua vez, Ferreira (2007, p. 17) menciona que “na educação escolar, a avaliação assume diferentes funções, resultantes das exigências e papéis que lhe são destinados socialmente”.

Para Leite e Fernandes (2002a, p. 21), avaliar “é muito mais do que atribuir uma nota (...) Avaliar é um processo complexo no qual intervêm factores de ordem endógena e exógenos relativos, quer aos sujeitos avaliados, quer aos sujeitos avaliadores.” Estas autoras dizem que a avaliação tem a finalidade de “verificar se os alunos adquiriram os conhecimentos programados pelo professor para um determinado tempo escolar.”

Segundo a Circular N.º 4 /DGIDC/DSDC/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar adota uma dimensão formativa, integrando um “processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.”

A avaliação formativa é um procedimento que desenvolve estratégias de intervenção adaptadas às características de cada criança e do grupo, “incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção”. Avaliar obriga a uma observação contínua das evoluções da criança, “indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens”. (Circular N.º 4 /DGIDC/DSDC/2011)

A avaliação formativa constitui um instrumento de apoio e de ajuda à intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador. Para Ferreira (2007, p. 27), a avaliação formativa caracteriza-se por “incidir no processo ensino-aprendizagem e não nos resultados, ou na averiguação dos pré-requisitos necessários às novas aprendizagens.”



A avaliação diagnóstica é outro meio de avaliação. Esta realiza-se no início do ano letivo, pelo educador, e tem como objetivo a caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se “conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da acção educativa”. Sobre este tipo de avaliação, Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 342) dizem que “no final do ano letivo e perante uma última unidade do programa, haverá lugar para a avaliação diagnóstica, exactamente nos mesmos moldes em que foi utilizada no começo ou ao longo do ano escolar.”

Por sua vez, Portugal e Laevers (2010, p. 10) referem que as “competências das crianças mais pequenas são dependentes da situação ou contexto, não se coadunando com os constrangimentos impostos por uma *checklist* estandardizada”. Nesse sentido, estes autores afirmam que “uma avaliação e monitorização contínuas no decurso da experiência de jardim-de-infância configuram-se como uma abordagem mais fidedigna e respeitadora do desenvolvimento e aprendizagem das crianças.”

Neste sentido é importante referir o papel do avaliador segundo a visão de Hadji (1994, p. 22), “o avaliador tem de se resignar a determinar-se em função do que lhe parece simplesmente provável (...). Avaliar é proceder a uma análise da situação e a uma apreciação das consequências prováveis do seu acto numa tal situação”.

Como o passar do tempo é essencial que o sistema da educação vá ao encontro das necessidades dos alunos. Como refere Gonçalves (2008, p. 56), “a avaliação tem vindo a tornar-se cada vez mais complexa e exigente ao nível dos métodos, das finalidades e dos instrumentos.”

Tal como refere Tendbrink (2002), as escalas de evolução:

tem uma grande vantagem sobre as listas de controlo, porque permite-nos formular juízos sistemáticos sobre o grau atingido através de um comportamento. Uma escala de evolução normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a avaliar através de um tipo de hierarquia. (p.259)

Na avaliação dos dispositivos de avaliação da Educação Pré-Escolar utilizamos uma escala, baseada na escala de Likert, que vai de 1 a 5, com os seguintes parâmetros:

- 1 – Fraco (de 0 a 2,9 valores)
- 2 – Insuficiente (de 3 a 4,9 valores)
- 3 – Suficiente (de 5 a 6,9 valores)
- 4 – Bom (de 7 a 8,9 valores)
- 5 – Muito Bom (de 9 a 10 valores)

### **3.3. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática**

#### **3.3.1. Contextualização da atividade**

A atividade do Domínio da Matemática, cuja proposta de trabalho se pode observar no anexo 1, foi realizada no bibe azul, a 25 crianças. Esta atividade consiste na elaboração de dois exercícios, no primeiro, o grupo terá que fazer a correspondência entre o algarismo e o número de elementos de cada conjunto. No segundo exercício, a criança terá que reunir os conjuntos, picotar e colar o conjunto correspondente a essa reunião.

#### **3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

- **Correspondência entre os algarismos e o número de elementos de cada conjunto:** neste parâmetro pretende-se que as crianças contem o número de elementos dos 2 conjuntos e identifique o algarismo cardinal.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Contou o número de elementos e identificou o algarismo cardinal;
- Contou o número de elementos e não identificou o algarismo cardinal;
- Não contou o número de elementos e não identificou o algarismo cardinal.

- **Compreensão da reunião de conjuntos:** neste parâmetro pretende-se que as crianças reúnam os 2 conjuntos e picotem o conjunto resultante desta reunião.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Representou corretamente o conjunto resultante da reunião de 2 conjuntos;
- Não representou corretamente o conjunto resultante da reunião de 2 conjuntos.

- **Apresentação:** neste parâmetro pretende-se que as crianças realizem a atividade de forma limpa, perceptível e cuidadosa.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Trabalho limpo e perceptível;
- Trabalho sujo ou pouco perceptível.

No Quadro 5 estão inseridas as cotações atribuídas à atividade do Domínio da Matemática.

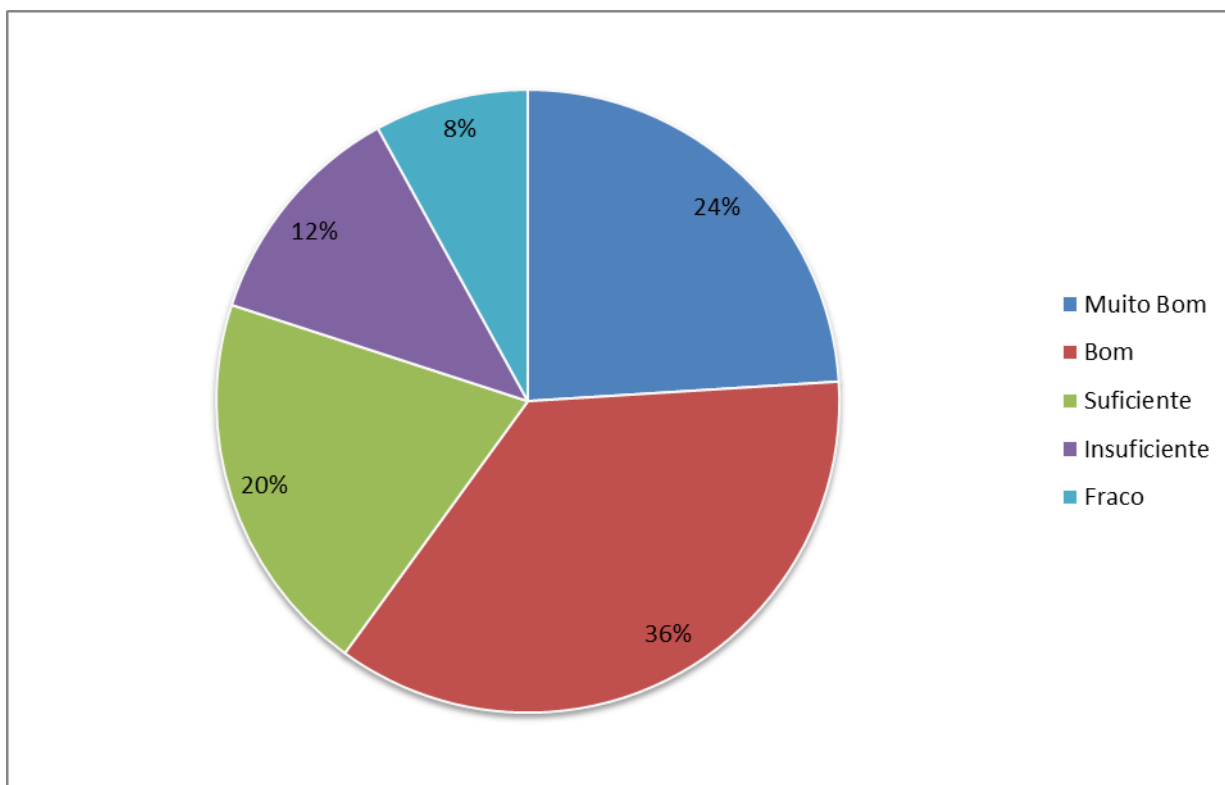
Quadro 5 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Matemática – Reunião de conjuntos.

Parâmetros	Critérios a avaliar		Cotação (valores)
1. Correspondência entre os algarismos e o número de elementos de cada conjunto	Contou o número de elementos e identificou o algarismo cardinal.	4	4
	Contou o número de elementos e não identificou o algarismo do cardinal.	2	
	Não contou o número de elementos e não identificou o algarismo do cardinal.	0	
2. Compreensão da reunião de conjuntos	Representou corretamente o conjunto resultante da reunião de 2 conjuntos.	4	4
	Não representou corretamente o conjunto resultante da reunião de 2 conjuntos.	0	
3. Apresentação	Trabalho limpo e perceptível.	2	2
	Trabalho sujo ou pouco perceptível.	0.5	
			10

### 3.3.3. Grelha de Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

Parâmetros	1. Correspondência entre os algarismos e o número de elementos de cada conjunto			2. Compreensão da reunião de conjuntos		3. Apresentação		Classificação
<div>Crítérios</div> <div>Nomes</div>	Contou o número de elementos e identificou o algarismo do cardinal	Contou o número de elementos e não identificou o algarismo do cardinal	Não contou o número de elementos e não identificou o algarismo do cardinal	Representou corretamente o conjunto resultante da reunião de 2 conjuntos	Não representou corretamente o conjunto resultante da reunião de 2 conjuntos	Trabalho limpo e perceptível	Trabalho sujo ou pouco perceptível	De 0 a 10 valores
A	4	-	-	4	-	2	-	10
B	4	-	-	4	-	2	-	10
C	-	2	-	4	-	-	0.5	6,5
D	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
E	4	-	-	4	-	2	-	10
F	-	-	0	-	0	-	0.5	0,5
G	4	-	-	-	0	-	0.5	4,5
H	4	-	-	4	-	2	-	10
I	4	-	-	4	-	2	-	10
J	-	2	-	4	-	-	0.5	6,5
K	4	-	-	-	0	-	0.5	4,5
L	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
M	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
N	4	-	-	4	-	2	-	10
O	4	-	-	4	-	2	-	10
P	-	2	-	4	-	-	0.5	6,5
Q	4	-	-	4	-	2	-	10
R	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
S	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
T	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
U	-	-	0	-	0	-	0.5	0,5
V	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
W	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5
X	4	-	-	-	0	2	-	6
Y	4	-	-	4	-	-	0.5	8,5

### 3.3.4. Apresentação dos resultados em gráfico



*Figura 69 – Resultados da avaliação da atividade do Domínio da Matemática.*

### 3.3.5. Análise do gráfico

Através da análise do gráfico, podemos verificar que 24% dos alunos conseguiram obter uma classificação de Muito Bom, tendo tido na avaliação entre 9 e 10 valores. A maioria dos alunos que obteve um Bom, 36%, pois tiveram uma classificação entre 7 e 8,9 valores. 20% dos alunos conseguiram ter uma avaliação de Suficiente, correspondente entre 5 e 6,9 valores. Apenas 12% demonstraram maiores dificuldades, tendo tido uma avaliação de Insuficiente, entre 3 e os 4,9 valores. A restante percentagem corresponde a uma classificação Fraca, apresentando uma avaliação entre 0 e 2,9 valores.

Podemos assim concluir, através da análise do gráfico, que no geral os resultados do grupo são bons, pois a grande maioria dos alunos obteve um bom resultado. No entanto, existem ainda algumas crianças, com notas fracas, que necessitam de especial atenção para que consigam superar as suas dificuldades na aprendizagem e elevar as suas classificações.

### **3.4. Avaliação da atividade do Conhecimento do Mundo**

#### **3.4.1. Contextualização da atividade**

A atividade de Conhecimento do Mundo foi realizada no dia 11 de julho de 2012. Estavam contemplados dois exercícios, no primeiro, a criança terá que completar o tracejar, bem como interprete as imagens e associe a cor de cada bandeira. No segundo exercício, o grupo terá que identificar os comportamentos corretos. Esta proposta de trabalho pode-se visualizar em anexo 2.

#### **3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

- **Motricidade fina:** neste parâmetro pretende-se que as crianças executem o tracejado corretamente.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Efetua os 3 tracejados corretamente;
- Efetua os 2 tracejados corretamente;
- Efetua 1 tracejado corretamente;
- Não executa os tracejados corretamente.

- **Interpretação das imagens e associação às bandeiras:** neste parâmetro pretende-se que as crianças interpretem a imagem e associem corretamente à cor da bandeira.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Interpretou as 3 imagens e associou corretamente;
- Interpretou as 2 imagens e associou corretamente;
- Interpretou 1 imagem e associou corretamente;
- Não interpretou as imagens e não associou corretamente.

- **Identificação de comportamentos corretos:** pretende-se que as crianças visualizem as imagens e identifiquem os comportamentos corretos.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Selecionou 4 comportamentos corretos;

- Selecionou 3 comportamentos corretos;
- Selecionou 2 comportamentos corretos;
- Selecionou 1 comportamento correto;
- Não selecionou nenhum comportamento correto.

No Quadro 6 estão inseridas as cotações atribuídas à atividade do Conhecimento do Mundo.

Quadro 6 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Conhecimento do Mundo

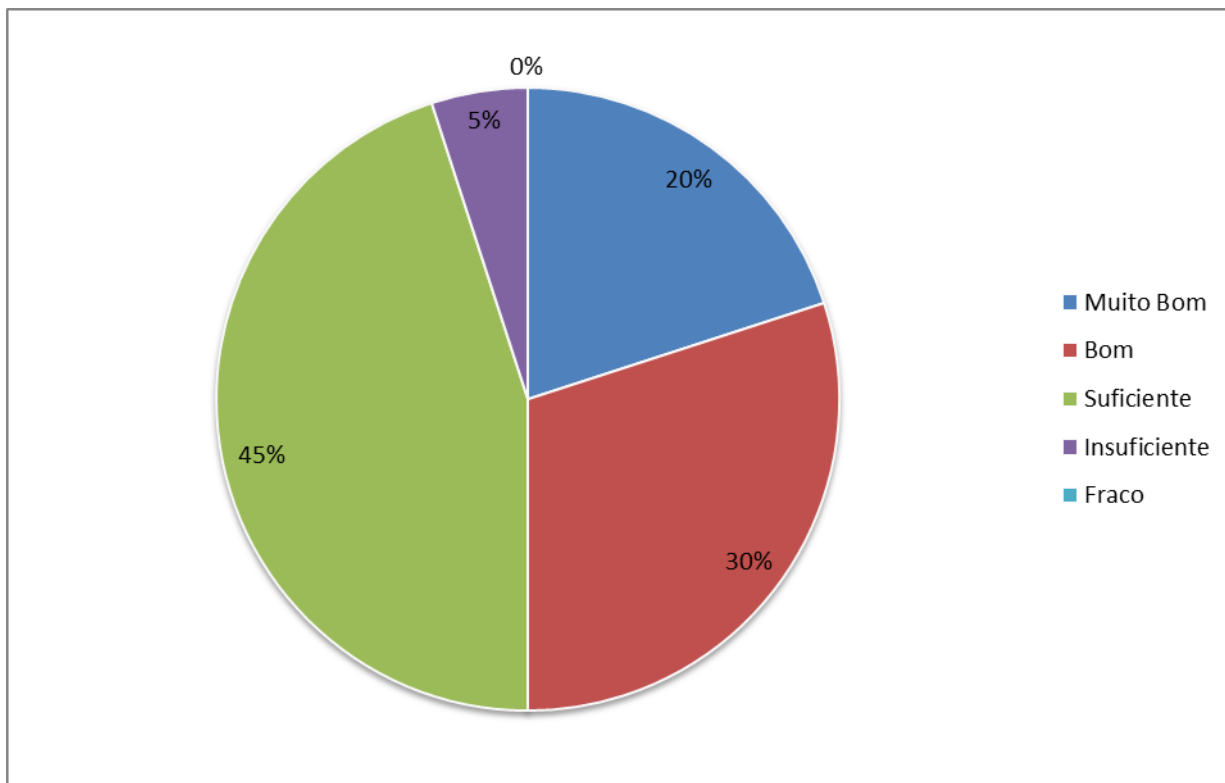
<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios a avaliar</b>		<b>Cotação (valores)</b>
1. Motricidade fina	Efetua os 3 tracejados corretamente.	3	3
	Efetua os 2 tracejados corretamente.	2	
	Efetua 1 tracejado corretamente.	1	
	Não executa os tracejados corretamente.	0	
2. Interpretação das imagens e associação às bandeiras	Interpretou as 3 imagens e associou corretamente.	3	3
	Interpretou as 2 imagens e associou corretamente.	2	
	Interpretou 1 imagem e associou corretamente.	1	
	Não interpretou as imagens e não associou corretamente.	0	
3. Identificação de comportamentos corretos	Selecionou 4 comportamentos corretos.	4	4
	Selecionou 3 comportamentos corretos.	3	
	Selecionou 2 comportamentos corretos.	2	
	Selecionou 1 comportamento correto.	1	
	Não selecionou nenhum comportamento correto.	0	
			10

### 3.4.3. Grelha de Avaliação da atividade do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	1. Motricidade fina				2. Interpretação das imagens e associação às bandeiras				3. Identificação de comportamentos corretos					Classificação
Critérios / Nomes	Efetua os 3 tracejados corretamente	Efetua os 2 tracejados corretamente	Efetua 1 tracejado corretamente	Não executa os tracejados corretamente	Interpretou as 3 imagens e associou corretamente	Interpretou as 2 imagens e associou corretamente	Interpretou 1 imagem e associou corretamente	Não interpretou as imagens e não associou corretamente	Selecionou 4 comportamentos corretos	Selecionou 3 comportamentos corretos	Selecionou 2 comportamentos corretos	Selecionou 1 comportamento correto	Não selecionou nenhum comportamento correto	De 0 a 10 valores
A	3	-	-	-	-	-	-	0	-	3	-	-	-	6
B	-	-	-	0	3	-	-	-	-	3	-	-	-	6
C	3	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-	8
D	3	-	-	-	3	-	-	-	-	-	2	-	-	8
E	3	-	-	-	-	-	-	0	-	-	2	-	-	5
F	3	-	-	-	3	-	-	-	-	-	2	-	-	8
G	-	-	-	0	-	2	-	-	-	3	-	-	-	5
H	3	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-	8
I	3	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	-	-	9
J	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	6
K	3	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	-	8
L	3	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-	6
M	3	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-	6
N	-	-	-	0	3	-	-	-	-	-	-	1	-	4
O	3	-	-	-	-	2	-	-	4	-	-	-	-	9
P	3	-	-	-	-	2	-	-	4	-	-	-	-	9
Q	3	-	-	-	3	-	-	-	-	3	-	-	-	9
R	-	-	-	0	3	-	-	-	4	-	-	-	-	7
S	-	-	-	0	3	-	-	-	-	3	-	-	-	6
T	3	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	0	6



#### 3.4.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular



*Figura 70 – Resultados da avaliação da atividade de avaliação da atividade do Conhecimento do Mundo.*

#### 3.4.5. Análise do gráfico

Após uma observação do gráfico acima apresentado, podemos concluir que nesta atividade nenhum aluno obteve a classificação de Fraco e apenas 5% obteve a classificação de Insuficiente, percentagem relativa a um elemento do grupo, 20% conseguiu alcançar a classificação de Muito Bom, 30% obteve a classificação de Bom e, por fim, a maior percentagem, 45%, corresponde à classificação de Suficiente.

Depois desta análise, é evidente a superioridade do número de criança que obtiveram a classificação de Suficiente e uma pequena minoria a classificação de Muito Bom. Será conveniente referir que num aluno obteve a classificação de fraco.

Esta atividade tinha como principal objetivo o treino da motricidade fina, aquisição de valores, atitudes e comportamentos a ter durante a após a exposição ao sol.

### **3.5. Avaliação da Atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

#### **3.5.1. Contextualização**

Esta atividade foi realizada a uma turma constituída por 25 alunos. A realização desta atividade permite conciliar a leitura e a escrita. No primeiro exercício, a criança terá que ler as palavras e identificar cada imagem fazendo a ligação entre ambas. No segundo exercício, o grupo terá transcrever a palavra correta para cada imagem (anexo 3).

#### **3.5.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

- **Identificação e associação das imagens às palavras:** neste parâmetro pretende-se que a criança leia as palavras e associe às imagens.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Associou 4 imagens às palavras;
- Associou 3 imagens às palavras;
- Associou 2 imagens às palavras;
- Associou 1 imagem às palavras;
- Não associou imagens.

- **Transcrição de palavras correspondentes às imagens:** neste parâmetro pretende-se que a criança leia as palavras, associe às imagens e transcreva a palavra.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Transcreveu 4 palavras corretamente;
- Transcreveu 3 palavras corretamente;
- Transcreveu 2 palavras corretamente;
- Transcreveu 1 palavra corretamente;
- Não transcreveu nenhuma palavra corretamente.

- **Apresentação:** neste parâmetro pretende-se que a criança realize um trabalho limpo, legível e perceptível.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- Letra legível e perceptível;
- Letra não legível e não perceptível.

No Quadro 7 estão inseridas as cotações atribuídas à atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem À Escrita.

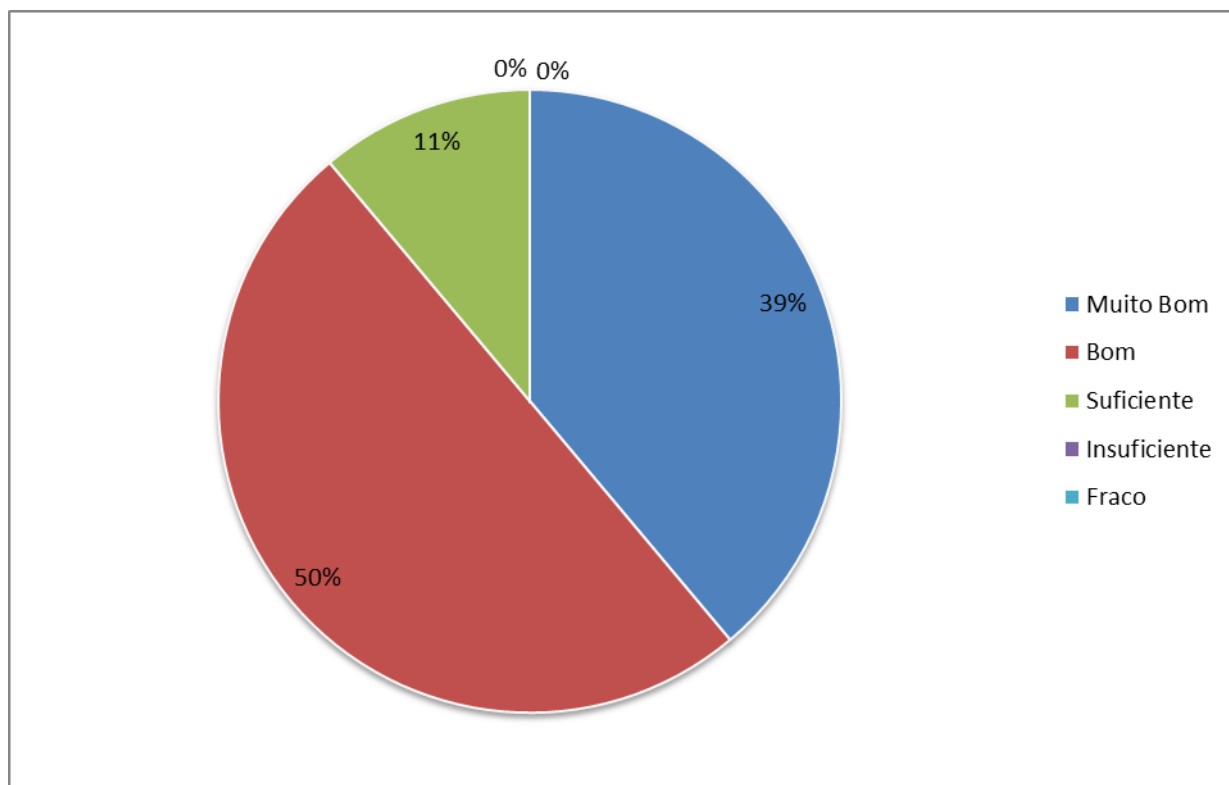
Quadro 7 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios a avaliar</b>		<b>Cotação (valores)</b>
1. Identificação e associação das imagens às palavras	Associou 4 imagens às palavras.	4	4
	Associou 3 imagens às palavras.	3	
	Associou 2 imagens às palavras.	2	
	Associou 1 imagem à palavra.	1	
	Não associou imagens.	0	
2. Transcrição de palavras correspondentes às imagens	Transcreveu 4 palavras corretamente.	5	5
	Transcreveu 3 palavras corretamente.	4	
	Transcreveu 2 palavras corretamente.	3	
	Transcreveu 1 palavra corretamente.	2	
	Não transcreveu nenhuma palavra corretamente.	0	
3. Apresentação	Letra legível e perceptível.	1	1
	Letra não legível e não perceptível.	0	
			10

### 3.5.3. Grelha de Avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1. Identificação e associação das imagens às palavras					2. Transcrição de palavras correspondentes às imagens					3. Apresentação		Classificação
Critérios / Nomes	Associou 4 imagens às palavras	Associou 3 imagens às palavras	Associou 2 imagens às palavras	Associou 1 imagem à palavra	Não associou imagens	Transcreveu 4 palavras corretamente	Transcreveu 3 palavras corretamente	Transcreveu 2 palavras corretamente	Transcreveu 1 palavra corretamente	Não transcreveu nenhuma palavra corretamente	Letra legível e perceptível	Letra não legível e não perceptível	De 0 a 10 valores
A	4	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	10
B	-	3	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	7
C	4	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	10
D	-	3	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	7
E	-	-	2	-	-	-	-	3	-	-	1	-	6
F	4	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	10
G	4	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	10
H	-	3	-	-	-	-	4	-	-	-	1	-	8
I	4	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	0	8
J	4	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	10
K	-	-	2	-	-	-	4	-	-	-	1	-	7
L	4	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	10
M	-	3	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	7
N	-	3	-	-	-	-	4	-	-	-	1	-	8
O	4	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	10
P	4	-	-	-	-	-	4	-	-	-	1	-	9
Q	4	-	-	-	-	-	4	-	-	-	1	-	9
R	4	-	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	8
S	-	-	2	-	-	-	-	3	-	-	1	-	6
T	4	-	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	8

### 3.5.4. Apresentação dos resultados em gráfico circular



*Figura 71 – Resultados de avaliação da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.*

### 3.5.5. Análise do gráfico

A avaliação foi realizada para 25 crianças, das quais faltaram 5 no dia da atividade.

Depois de uma análise do gráfico acima apresentado verifica-se que metade do grupo foi classificado com Bom, apresentando cotações entre os 7 e 8 valores. 39% foram avaliados com a classificação de Muito Bom e apenas 11% com a classificação de Suficiente. Conclui-se, também, que nenhuma criança obteve as classificações de Insuficiente e Fraco.

Pode-se assim afirmar-se, que a turma do Bibe Azul apresenta resultados bastante positivos, necessitando de uma especial atenção para as crianças que obtiveram a classificação de Suficiente.



# **Reflexão**

## **Final**





## **Reflexão Final**

### **1. Considerações finais**

A Prática Pedagógica permite ao futuro professor desenvolver o seu crescimento pessoal e profissional que se realiza pela dualidade entre a teoria e a experiência, num processo reflexivo que coloca em estreita relação de reflexão/experimentação já suficientemente destacadas como centrais na formação de professores (Vieira, 1993, p. 45).

Segundo Caldeira (2009, p. 243), citando Dahlberg, Moss e Pence, defendem que o facto das práticas pedagógicas serem diferenciadas, há formação continuada no contexto, pois a construção de uma nova prática pedagógica não ocorre de imediato; é lenta, processual, não se efetiva por igual, variando devido aos seus interesses, valores e práticas individuais de cada professor.

Para além de ter sido uma fase acompanhada, orientada e refletida, que proporcionou à prática do desempenho global, como futura educadora, foi também uma fase de responsabilização, consciencialização e criatividade.

Ao longo deste ano de Prática Pedagógica assisti a variadas formas de lecionar em diversas áreas, umas que considero mais adequadas do que outras, mas nas quais e em todos os momentos compreendi que um educador é como um verdadeiro jardineiro (Marinha, 1989):

(...) que, com extremos de carinho, prepara o meio ambiente em que irão desenvolver-se as suas flores. Ele sabe adequar o terreno, a temperatura, a humidade, porque conhece as necessidades das plantas; protege-lhes o crescimento, libertando-as de tudo o que possa opor-se a ele – ervas daninhas, pragas, parasitas – valendo para que o meio contenha sempre aquilo de que necessitam à medida que se forem desenvolvendo, e assiste ao desabrochar das flores encantadas com essa maravilha da natureza (p. 15).

A comparação entre o amor, o carinho e atenção que o jardineiro aplica às suas flores e essas qualidades aplicadas à formação de uma criança é de uma extrema sensibilidade, que nos deve a todos, mas essencialmente os que têm uma participação direta no processo educativo, pensar na nossa grande responsabilidade.

Desta forma, exige-se na verdade o mesmo amor pelas crianças que este jardineiro dedica às suas flores, respeitar a infância e aceitá-la tal como ela é, ou seja, praticar uma postura de humildade perante as crianças. No fundo pretende-se que o educador conheça a criança e as suas necessidades. Como afirmam as Orientações Curriculares (1997, p. 34), é importante “conhecer teorias, possuir conhecimento, mas o mais importante é conhecer individualmente cada criança e facultar-lhe um ambiente seguro onde se sinta valorizada.” Deverá deixá-la crescer em liberdade e protegê-la em todos os momentos.

Cresci bastante ao observar pessoas diferentes, com formas diferentes de cativar os alunos para as competências que querem trabalhar e desenvolver. E este é o peso e a importância que têm os processos de aprendizagem ativos que na Instituição tanto se tentam promover, e que a meu ver são importantes na formulação de aprendizagens significativas.

Enquanto somos crianças e ainda não o percebemos como é importante a referência de alguém que assuma a responsabilidade de nos cativar para a vontade de conhecer, aprender, descobrir, investigar, partilhar, não sabemos o quanto é fundamental para o nosso desenvolvimento harmonioso e integral.

## **2. Limitações**

Ao longo da elaboração deste Relatório de Estágio Profissional confrontei-me com algumas limitações, nomeadamente poucos livros para consulta na biblioteca, horário reduzido em época de férias, elevada carga horária quer na Prática Pedagógica quer nas aulas. No entanto o desejo de concretizar um objetivo que desde sempre tracei, criou em mim as forças suficientes para ultrapassar obstáculos, ainda que algumas vezes tortuosos, e que agora finalmente consegui ultrapassar.

## **3. Novas pesquisas**

Futuramente terei necessidade de investir em formação a nível de tecnologias de informação e comunicação, de forma a adquirir novas habilidades e competências para lidar com as TIC, no sentido de me guiar e de orientar os alunos. Perante uma sociedade crescente no conhecimento, a educação obriga a uma abordagem diferente em que a componente tecnológica não pode ser ignorada e desta forma é imprescindível a especialização dos saberes.

No dia-a-dia, e em virtude da vulnerabilidade do ser humano somos muitas vezes confrontados com acidentes. A atuação imediata, com conhecimento, pode salvar vidas ou minimizar danos que de outra forma poderiam ser irreversíveis. Nos meus planos de valorização pessoal, também quero investir numa formação de primeiros socorros. Esta decisão é baseada no desejo de saber responder a situações que por um acaso imprevisto façam surgir situações de emergência dentro e fora da sala de aula.

# **Referências Bibliográficas**



## Referências Bibliográficas

- ✓ Abreu, M. D. (2005). *Currículo e diferenciação. Um contributo para a organização das aprendizagens na língua estrangeira*. Lisboa: Texto Editores.
- ✓ Aguera, N. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras, LDA.
- ✓ Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégica de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Alarcão, I. e Roldão, M. C. (2008). *Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores*. Lisboa:Edições Pedagogo.
- ✓ Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão de prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Edições Almedina, SA.
- ✓ Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- ✓ Antunes, C. (2003). *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- ✓ Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. São Paulo: Papirus.
- ✓ Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- ✓ Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.
- ✓ Azevedo, M. (2008). *Teses, Relatórios e Trabalhos Escolares – Sugestões para Estruturação da Escrita*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- ✓ Bogdan, R. C. e Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Borges, J. C. (1987). *Educação Física par o Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: SPRINT.

- ✓ Borràs, L. (2002). *Manual da educação infantil – experiências educativas. Descoberta de si mesmo*. Amadora, Portugal: Marina Editores.
- ✓ Brazelton, T. B. e Greenspan, S. I. (2002). *A criança e o seu mundo – requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem*. Lisboa: Editorial Presença.
- ✓ Cachapuz, A., Praia, J., e Jorge, M. P. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Caldeira, M. F. (2009). *A Importância dos materiais para uma aprendizagem significativa da Matemática*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- ✓ Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- ✓ Cerquetti-Aberkane, F. e Berdonneau, C. (1997). *O ensino da matemática na educação infantil*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ✓ Chateau, J. (1975). *A criança e o jogo*. Coimbra: Atlântica.
- ✓ Conselho Nacional de Educação (2005). *Educação e Família – Seminários e Colóquios*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Contente, M. (1995). *A Leitura e a Escrita: Estratégias de Ensino para Todas as Disciplinas*. Lisboa: Editorial Presença.
- ✓ Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- ✓ Cordeiro, M. (2010) (5.º Ed.). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- ✓ Cury, A. (2006). *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes*. Cascais: Pergaminho.
- ✓ Damas, E. e Oliveira, V. e Nunes, R. e Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática – Guia Prático Para Professores e Educadores*. Lisboa: Arial Editores.

- ✓ Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores*. Barcarena, Portugal: Editorial Presença.
- ✓ Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editora.
- ✓ Ferreira, C.A. (2007). *A avaliação no Quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto.
- ✓ Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual do desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.
- ✓ Flores, M. A. e Simão, A. M. (2009). (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.
- ✓ Fourez, G. e Maingain, A. e Durfour, B. (2002). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ✓ Gleitman, H. (1999). *Psicologia*. Lisboa: Gulbenkian.
- ✓ Gonçalves, I. (2008). *Avaliação em educação de infância, das concepções às práticas*. Setúbal: Editorial Novembro.
- ✓ Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras de jogo: das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Heacox, D. (2006). *Diferenciação curricular na sala de aula. Como efectuar alterações curriculares para todos os alunos*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Hohmann, M e Jacalyn, P. (2003). *Educação de bebés em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ✓ Hohmann, M. e Weikart, D. P. (2009). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- ✓ Hohmann, M. e Weikart, D. P. (2011). *Educar a Criança*. (6.<sup>a</sup> edição) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ✓ Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores – Concepções e práticas de orientação*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- ✓ Lamas, M. J. L. (2011). *Práticas inclusivas e o Aluno com PHDA – movimentos um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado Inédita. Escola Superior de Educação João de Deus.
- ✓ Leite, C. e Fernandes, P. (2002a). *Avaliação das aprendizagens dos alunos. Novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.
- ✓ Levy, T., Guimarães, H., M., Pombo, O. (1994). *A interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- ✓ Lomas, C. (2003). *O valor das palavras (I) Falar, ler e escrever nas aulas*. Lisboa:Edições Asa.
- ✓ Magalhães, V. (2008). *A Promoção da Leitura Literária na Infância: 'Um Mundo de Verdura' a não Perder*. In Sousa, O. & Cardoso, A. (eds). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Lisboa.
- ✓ Maluf, A. C. M. (2008). *Atividades Lúdicas para a Educação Infantil – conceitos, orientações e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- ✓ Martins, M. I. (Coord.) (2009). *Despertar para a Ciência*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Mata, L. (2006). *Ambiente familiar e descoberta da linguagem e escrita*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Mata, L. (2008). *A Descoberta da Escrita: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- ✓ Mendes, M. e Delgado, C. (2008). *Geometria: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.



- ✓ Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- ✓ Ministério da Educação (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar* (2.<sup>a</sup> edição). Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- ✓ Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico – 1.º Ciclo*. (3.<sup>a</sup> Edição) Mem Martins: Departamento de Educação Básica.
- ✓ Ministério da Educação (2009). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.
- ✓ Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- ✓ Morgado, P. (1999). *A relação pedagógica: diferenciação e inclusão* (1.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- ✓ Nabais, J. A. (s.d.). *Á descoberta da Matemática com o Calculador Multibásico*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- ✓ Nabais, J. A. (s.d.). *Á descoberta da Matemática com o calculador multibásico*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- ✓ Nabais, J. A. (s.d.). *Á descoberta da Matemática com Os Cubos – Barra de Cor (cores Cuisenaire)*. Lisboa: Centro de Psicologia Aplicada à Educação.
- ✓ NCTM (2007). *Princípios e Normas para a Matemática Escolar*. Lisboa: APM.
- ✓ Neto, C. (2003). *JOGO & Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana Edições.
- ✓ Nóvoa, A. (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- ✓ Nunes, E., e Breda, J. (2001). *Manual para uma alimentação saudável em jardins-de-infância*. Lisboa: Direção Geral de Saúde.

- ✓ Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto da Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
  
- ✓ Pacheco, J. A. (1999). *Componentes do processo de desenvolvimento do currículo*. Braga: Livraria Minho.
  
- ✓ Palhares, P. (2004). *Elemento de Matemática para professores do ensino básico*. Lisboa: LIDEL.
  
- ✓ Papalia, D., Olds, S. W. e Fedlman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw Hill.
  
- ✓ Pereira, J. D. L. e Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras Formas Animadas no Contexto Educativo*. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
  
- ✓ Pérez, M. R. (s.d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem – ensino. O currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
  
- ✓ Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática no 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
  
- ✓ Portugal, G. e Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar – Sistema de acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.
  
- ✓ Quivy, R., e Campenhout, L. V. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
  
- ✓ Ribeiro, A. C. e Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
  
- ✓ Rodrigues, D. D'Alte (2002). *A infância da Arte, a arte da infância*. Edições ASA.
  
- ✓ Roldão, M. C. (1995). *O estudo do meio no 1.º ciclo. Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.

- ✓ Ruas, B. M., Grosso, C. (2000). *Estatística, combinatória e probabilidades: livro de apoio (vol. 2)*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- ✓ Ruas, B. M., Grosso, C. (2002). *Números e Operações Aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- ✓ Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento Inédita. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- ✓ Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- ✓ Santos, A. (1989). *Mediações artístico – pedagógicas*. Lisboa: Horizonte.
- ✓ Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora Inafop.
- ✓ Serrazina, L. (2008). *Sentido do número e organização de dados*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Silva, M. I. R. L., Núcleo de Educação Pré-Escolar. (1997). *Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Simão, A. M. V. (Org.) e Flores, M. A. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de PROFESSORES: Contextos e Perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, Lda.
- ✓ Sim-Sim, I. (coord.). (2006). *Ler e Ensinar a Ler*. Porto: Edições ASA.
- ✓ Sim-Sim, I., Silva, A. C., Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ✓ Siraj-Blatchford, I. (Coor.) (2005). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.
- ✓ Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizontes.

- ✓ Sousa, O. e Cardoso, A. (2008). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. In: Azevedo (Ed.). *Desenvolver a aprendizagem activa de competências através da literatura*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- ✓ Spodek, B., Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.
- ✓ Steiner, R. (2000). *A prática pedagógica*. São Paulo: Editora ANTROPOSÓFICA Ltda.
- ✓ Sudan, D. C. (2008). *Da Pá virada: revirando o tema lixo. Vivências em educação ambiental e resíduos sólidos*. São Paulo: Compacta Gráfica e Editota – São Carlos.
- ✓ Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever. Uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Artmet.
- ✓ Tendbrink, T. D. (2002). *Evolucion guía practica para profesores*. Madrid: Narcea.
- ✓ Tonon, S. F. T. R. (2009). *As Histórias em quadradinhos como recurso didático nas aulas de matemática*. Dissertação de Mestrado Inédita. Universidade Católica de São Paulo.
- ✓ Trindade, R. (2002). *Experiências Educativas e Situações de Aprendizagem*. Porto: Edições ASA.
- ✓ Vasconcelos, S. (2008). *Recursos Didáticos – Ensino Pré-escolar*. Lisboa: Sabtilana Constância.
- ✓ Vieira, F. (1993). *Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições Asa.
- ✓ Wiertsema, H. (1991). *100 jogos de movimento*. Rio Tinto: Edições Asa.

- ✓ Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Brasil: GRAFLINE ASSESSORIA GRÁFICA EDITORIAL LTDA.
- ✓ Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Lisboa: Edições ASA.

## Webgrafia

- ✓ A Importância do Teatro na Formação da Criança. Recuperado em 2012, maio 1 de [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629\\_639.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/629_639.pdf)
- ✓ Botelho, T. S. (2009). *As TIC no processo de ensino- aprendizagem. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho*. Recuperado em 2012, abril 17, de <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t12/t12c415.pdf>
- ✓ Carvalho, J, Assunção, L. e Pinheiro, V. (2009). *A importância do treino das capacidades coordenativas na infância*. Recuperado em 2012, abril 21, de <http://www.efdeportes.com/efd132/treino-das-capacidades-coordenativas.htm>
- ✓ Declaração dos Direitos da Criança. Recuperado em 2012, julho 6, de <http://www.gddc.pt>
- ✓ Dicionário Priberam de Língua Portuguesa. Recuperado em 2012, março 27, de <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=planear>
- ✓ Ferraz, B. (s. d.). A interação entre as crianças. Recuperado em 2012, junho 11 de (<http://www.escoladeeducadores.com>)
- ✓ Forte, J. W. (2008). *Ensino de matemática com materiais didáticos alternativos. Pós-Graduação em Ensino da Matemática*. Recuperado em 2012, julho 3, de <http://www.accessu.com.br>
- ✓ Ongaro, C. e Silva, C. e Ricci, S. (s.d). A Importância da Música na Aprendizagem. Recuperado em 2011, dezembro 1 de <http://www.alexandracaracol.com/Ficheiros/music.pdf>

- ✓ Oliveira, S.R. (2010). Os efeitos da Matemática na infância. Recuperado em 2012, março 28 de <http://www.educare.pt>
- ✓ Raciocínio Lógico-Matemático, Recuperado em 2012, março 28 <http://eloisinfantis.pt/2008/07/raciocnio-lgico-matemtico.html>
- ✓ Serrão, M. e Carvalho, C. (2011). O que dizem os educadores de infância sobre o jogo. Revista Iberoamericana de Educação, 55/5, 1-15. Recuperado em 2012, Janeiro 24, de <http://www.rieoei.org/deloslectores/3824Serrão.pdf>

### **Legislação**

Circular n.º 4 /DGIDC/DSDC/2011, de 4 de abril.

Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, 10 de outubro.

Decreto-Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro.

Decreto-Lei n.º 240/2011, de 30 de agosto.

Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro.

# **Anexos**





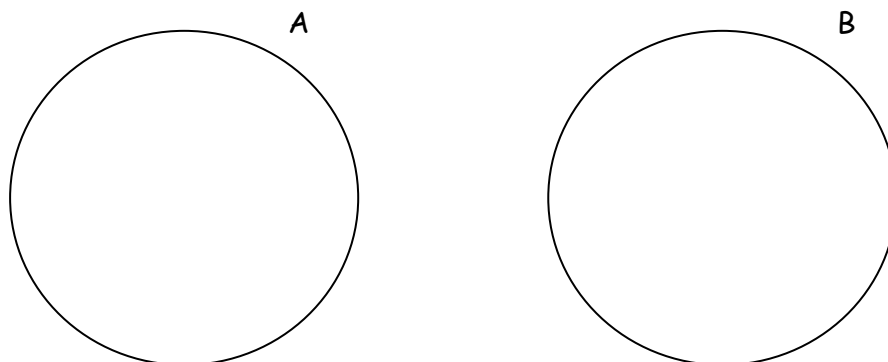
# **Anexo 1**

## **Proposta de trabalho do Domínio da Matemática**





1. Representa no conjunto A um conjunto vazio e no conjunto B um conjunto singular.

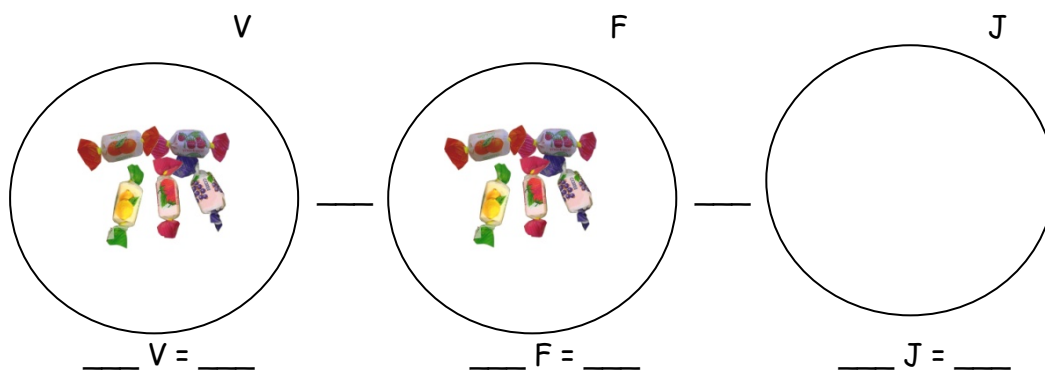


- 1.1. Completa o cardinal de cada conjunto, colocando o número.

\_\_\_ A = \_\_\_

\_\_\_ B = \_\_\_

2. Faz a reunião dos conjuntos representados e completa-os, colocando o sinal de #, <=>, maior ou menor, entre eles e, o número do cardinal. Identifica e cola o conjunto correto.



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_



# **Anexo 2**

## **Proposta de trabalho da Área do Conhecimento do Mundo**



# Jardim-Escola João de Deus - Alvalade

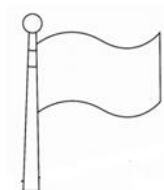
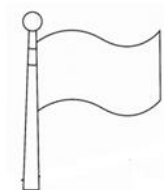
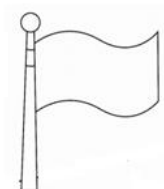
Bibe Encarnado

## Área do Conhecimento do Mundo



1. Liga a imagem à bandeira, completando o tracejado.

1.1. Pinta a bandeira com a cor correspondente.



2. Identifica com uma X os comportamentos corretos.


Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_





## **Anexo 3**

### **Proposta de trabalho do Domínio da oralidade e abordagem à escrita**





Bibe Azul

Domínio da oralidade e abordagem à escrita

1. Lê as palavras e liga à imagem correspondente.



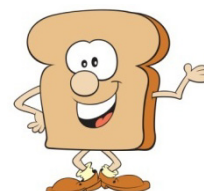
•



•



•



•

•

•

•

•

•

pão

mãos

alface

rosa

pássaro

2. Observa as imagens e transcreve as palavras corretas.

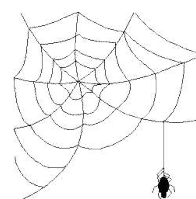
apito

urso

livro

zebra

teia



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_